

**UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO**  
**DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

CHARLYS SIQUEIRA

**O “ESPAÇO JOVEM” NA VIRADA DO SÉCULO:**  
UM ESTUDO DA *REVISTA ADVENTISTA* (1993-2014)

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2019

CHARLYS SIQUEIRA

**O “ESPAÇO JOVEM” NA VIRADA DO SÉCULO:  
UM ESTUDO DA *REVISTA ADVENTISTA* (1993-2014)**

Dissertação apresentada no curso de pós-graduação à  
Universidade Metodista de São Paulo, como requisito parcial  
para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião.

Área de concentração: Religião, Sociedade e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Dario Paulo Barrera.

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2019

SIQUEIRA, CHARLYS. O “Espaço Jovem” na virada do século: um estudo da *Revista Adventista* (1993-2014). Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista, São Bernardo do Campo – SP. 2019.

## RESUMO

O estudo da relação entre juventude e religião vem ganhando espaço nos círculos acadêmicos, especialmente no das ciências sociais e da religião. Isso graças à percepção de que examinar essa relação pode contribuir na reflexão acerca das tendências no comportamento social e religioso das próximas gerações. A questão interessa também às instituições religiosas uma vez que elas reconhecem as constantes e aceleradas mudanças pelas quais o mundo vem passando e a necessidade de se articular seu universo simbólico para os jovens a fim de preservá-los na igreja. O presente trabalho visa a compreender como a instituição religiosa em estudo percebe as necessidades de seu público jovem e como procura suprir as mesmas a partir dos conteúdos de suas publicações na seção “Espaço Jovem”. Este estudo foca assim um espaço específico de um de seus periódicos oficiais, a *Revista Adventista*, na virada do século (1993-2014). A metodologia adotada para esta pesquisa consiste numa revisão da literatura contemporânea sobre juventude e religião, seguida de um estudo documental focado no “Espaço Jovem” da *Revista Adventista* no período de 1993 a 2014. As duas razões principais para a escolha desse período são: (1) durante esse intervalo de tempo o “Espaço Jovem” manteve maior estabilidade em sua proposta editorial e (2) é também nesse período em que ocorre a virada do século trazendo consigo mudanças significativas no quadro religioso brasileiro conforme os dados disponibilizados pelo IBGE. Ademais, a pesquisa contará com um rastreamento dos principais temas abordados no “Espaço Jovem” e uma análise da frequência de seus conteúdos a partir da elaboração de gráficos. Dessa forma, essa dissertação pretende contribuir focando uma publicação específica no campo de estudo do adventismo e juventude.

Palavras-chave: juventude; religiosidade; revista adventista; adventismo brasileiro.

SIQUEIRA, CHARLYS. The "Young Space" at the turn of the century: a study of the Adventist Review (1993-2014). Dissertation of Master. São Bernardo do Campo, Methodist University of São Paulo, 2019.

### **ABSTRACT**

The study of the relationship between youth and religion has been gaining ground in academic circles, especially in the social sciences and religion. This is due to the perception that examining this relationship may contribute to reflection on trends in social and religious behavior in the coming generations. The issue is also of interest to religious institutions as they recognize the constant and accelerating changes the world is going through and the need to articulate their symbolic universe for the young in order to preserve them in the church. The present work aims to understand how the religious institution in study perceives the needs of its young audience and how it seeks to supply them from the contents of its publications in the section "Young Space". This study thus focuses on a specific space from one of its official journals, the Adventist Review, at the turn of the century (1993-2014). The methodology adopted for this research consists of a review of the contemporary literature on youth and religion, followed by a documentary study focused on Adventist Magazine's "Young Space" from 1993 to 2014. The two main reasons for choosing this period are: (1) during this period of time the "Young Space" remained more stable in its editorial proposal and (2) it is also in this period that the turn of the century occurs bringing with it significant changes in the Brazilian religious framework according to the data made available by IBGE. In addition, the research will have a tracking of the main topics covered in the "Young Space" and an analysis of the frequency of its contents from the elaboration of graphs. In this way, this dissertation intends to contribute focusing on a specific publication in the field of Adventism and youth study.

Keywords: youth; youthful religiosity; adventist magazine; brazilian adventism.

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ACMS	Adventist Church Member System
Caupa	Comissão de Apoio para Universitários e Profissionais Adventistas
CPB	Casa Publicadora Brasileira
EJ	Espaço Jovem
IASD	Igreja Adventista do Sétimo Dia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC	Igreja Católica
JA	Juventude Adventista
JB	Juventude Brasileira
JBA	Juventude Brasileira Adventista
PHN	Por Hoje Não vou pecar
Pr	Pastor
RA	Revista Adventista
RC	Renovação Carismática
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
PUC-RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

### LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: Seção “Nova Geração” de janeiro de 2018, p. 83;
- Figura 2: “Espaço Jovem” em janeiro de 1993 contendo um artigo principal, p. 90;
- Figura 3: “Espaço Jovem” de maio de 1993 contendo dois artigos, p. 90;
- Figura 4: Quadro “Aconselhamento” na edição de julho de 1993, p. 101;
- Figura 5: Quadro “Você Pergunta” inserido no “Espaço Jovem” da edição de fevereiro de 2000, p. 102;
- Figura 6: Coluna, publicada em março de 1998, que traz a pergunta levantada pelo editor e algumas das respostas publicadas de jovens, p. 106;
- Figura 7: Quadro “Raio-X” (junho de 2009), p. 109;
- Figura 8: Quadro “Expressão” (maio de 2009), p. 111;
- Figura 9: Quadro “Pense Nisto” (agosto de 2013), p. 113.

### LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1 – Distribuição percentual da população, por grupos de religião (Brasil 2000/2010), p. 29;
- Gráfico 2 – Comparativo dos números da JB e da JBA no Brasil em 1991, 2000 e 2010, p. 54;
- Gráfico 3 – Percentual de crescimento da JA no Brasil entre os anos de 1991, 2000 e 2010, p. 55;
- Gráfico 4 – Comparativo dos números da JB e da JBA no Norte em 1991, 2000 e 2010, p. 56;
- Gráfico 5 – Comparativo percentual de crescimento da JB e da JBA no Norte entre os anos de 1991, 2000 e 2010, p. 57;
- Gráfico 6 – Comparativo dos números da JB e da JBA no Nordeste em 1991, 2000 e 2010, p. 57;
- Gráfico 7 – Comparativo percentual de crescimento da JB e da JBA no Nordeste entre os anos de 1991, 2000 e 2010, p. 58;
- Gráfico 8 – Comparativo dos números da JB e da JBA no Centro-Oeste em 1991, 2000 e 2010, p. 59;
- Gráfico 9 – Comparativo percentual de crescimento da JB e da JBA no Centro-Oeste entre os anos de 1991, 2000 e 2010, p. 59;
- Gráfico 10 – Comparativo dos números da JB e da JBA no Sudeste em 1991, 2000 e 2010, p. 60;
- Gráfico 11 – Comparativo percentual de crescimento da JB e da JBA no Sudeste entre os anos de 1991, 2000 e 2010, p. 61;
- Gráfico 12 – Comparativo dos números da JB e da JBA no Sul em 1991, 2000 e 2010, p. 62;
- Gráfico 13 – Comparativo percentual de crescimento da JB e da JBA no Sul entre os anos de 1991, 2000 e 2010, p. 62;
- Gráfico 14 – Comparativo de gênero da JB e da JBA em 1991, 2000 e 2001, p. 63;
- Gráfico 15 – Comparativo de crescimento percentual entre os gêneros masculino e feminino da JBA nos anos de 1991, 2000 e 2001, p. 64;
- Gráfico 16 – Perfil socioeconômico da JB do sexo masculino em 1991, 2000 e 2010, p. 66;

- Gráfico 17 – Perfil socioeconômico da JB do sexo feminino em 1991, 2000 e 2010, p. 66;
- Gráfico 18 – Perfil socioeconômico da JBA do sexo masculino em 1991, 2000 e 2010, p. 68;
- Gráfico 19 – Perfil socioeconômico da JBA do sexo feminino em 1991, 2000 e 2010, p. 68;
- Gráfico 20 – Escolaridade da JB em 1991, 2000 e 2010, p. 70;
- Gráfico 21 – Escolaridade da JBA em 1991, 2000 e 2010, p. 70;
- Gráfico 22 – Dados comparativos da JB e da JBA no contexto urbano e rural da JB nos anos de 1991, 2000 e 2010, p. 71;
- Gráfico 23 – Percentual comparativo do crescimento da JB e da JBA no contexto urbano e rural entre os anos de 1991, 2000 e 2010, p. 72;
- Gráfico 24 – Religiosidade da juventude brasileira nos anos de 1991, 2000 e 2010, p. 73;
- Gráfico 25 – Comparativo da JB entre as “evangélicas de missão” em 1991, 2000 e 2010, p. 74;
- Gráfico 26 – Percentual representativo da JA em relação aos “evangélicos de missão”, p. 75;
- Gráfico 27 – Classificação dos artigos da seção “Espaço Jovem” (jan/1993 a ago/2014), p. 92;
- Gráfico 28 – Comparativo percentual das temáticas do “Espaço Jovem”, p. 92;
- Gráfico 29 – Percentual comparativo dos autores da seção “Espaço Jovem”, p. 99;
- Gráfico 30 – Percentual comparativo em relação ao vínculo institucional dos autores da seção “Espaço Jovem”, p. 99;
- Gráfico 31 – Percentual comparativo em relação aos jovens empregados ou estudantes que colaboraram na seção “Espaço Jovem”, p. 100;
- Gráfico 32 – Números comparativos dos temas da seção “Você Pergunta”, p. 103;
- Gráfico 33 – Percentuais comparativos dos temas da seção “Você Pergunta”, p. 103;
- Gráfico 34 – Números comparativos dos temas da seção “Você Responde”, p. 106;
- Gráfico 35 – Percentuais comparativos dos temas da seção “Você Responde”, p. 106;
- Gráfico 36 – Números comparativos dos temas da seção “Raio X”, p. 109;
- Gráfico 37 – Percentuais comparativos dos temas usados na seção “Raio X”, p. 110;
- Gráfico 38 – Números comparativos dos temas do quadro “Expressão”, p. 112;
- Gráfico 39 – Percentuais comparativos dos temas do quadro “Expressão”, p. 112;
- Gráfico 40 – Números comparativos dos temas do quadro “Pense Nisto”, p. 114;
- Gráfico 41 – Percentuais comparativos dos temas do quadro “Pense Nisto”, p. 115.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO 1 – Estudos sobre Religião e Juventude no Brasil</b> .....	16
<b>1.1 A religiosidade na contemporaneidade</b> .....	17
1.1.1 Pluralidade e subjetividade: as digitais de uma geração .....	17
1.1.2 Religiosidade da juventude na contemporaneidade .....	20
<b>1.2 Juventude e Religião no Brasil</b> .....	25
1.2.1 Uma introdução à história da juventude brasileira .....	26
1.2.2 Panorama geral da religião no Brasil .....	28
1.2.3 Panorama geral da religião entre os jovens brasileiros .....	30
<b>1.3 Um balanço dos estudos sobre Religião e Juventude no Brasil</b> .....	32
1.3.1 Juventude, religião e sincretismos .....	32
1.3.2 Juventude, religião e marcos geracionais.....	33
1.3.3 Juventude, religião e hibridismo cultural.....	35
1.3.4 Juventude, religião e reencantamento da sociedade .....	37
1.3.5 Juventude, religião e pluralismo .....	40
Conclusões do primeiro capítulo .....	41
<b>CAPÍTULO 2 – O Jovem Adventista na IASD e nos dados do IBGE</b> .....	44
<b>2.1 O desenvolvimento do ministério jovem na IASD</b> .....	44
2.1.1 Os jovens nas origens do movimento adventista .....	45
2.1.2 A filosofia de ministério e a missão dos jovens na IASD.....	48
<b>2.2 A juventude adventista no Brasil: um olhar a partir dos dados do IBGE (1991, 2000 e 2010)</b> .....	51
2.2.1 Juventudes brasileira e adventista na virada do século .....	53
2.2.2 Juventudes brasileira e adventista: regiões do Brasil.....	56
2.2.3 Juventudes brasileira e adventista: gênero .....	63
2.2.4 Juventudes brasileira e adventista: perfil socioeconômico .....	65
2.2.5 Juventudes brasileira e adventista: escolaridade .....	68
2.2.6 Juventudes brasileira e adventista: rural ou urbana?.....	70
2.2.7 Juventudes brasileira e adventista: o cenário religioso .....	73

Conclusões do segundo capítulo .....	75
<b>CAPÍTULO 3 – O “Espaço Jovem” na <i>Revista Adventista</i> .....</b>	<b>79</b>
<b>3.1 A <i>Revista Adventista</i> .....</b>	<b>80</b>
3.1.1 O “Espaço Jovem” na <i>Revista Adventista</i> .....	82
3.1.2 Entrevista com os editores do “Espaço Jovem” .....	84
<b>3.2 O “Espaço Jovem”: uma análise dos conteúdos.....</b>	<b>89</b>
3.2.1 Autores.....	98
3.2.2 Sessão de aconselhamento .....	100
3.2.3 Você pergunta .....	101
3.2.4 Você responde.....	105
3.2.5 Raio X.....	107
3.2.6 Expressão.....	111
3.2.7 Pense nisto.....	112
Conclusões do terceiro capítulo.....	115
<b>CONCLUSÃO FINAL.....</b>	<b>121</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>127</b>

## INTRODUÇÃO

O universo relacionado a juventude é extremamente amplo. Desde a classificação dessa categoria que, convencionalmente, chamamos de juventude até as implicações envolvidas em seus comportamentos, nas relações sociais e de consumo que elas desenvolvem e nas subculturas que elas constroem, há muitos teóricos que se aventuraram em investigá-las e escrever sobre elas. Ao longo do século XX e no início do XXI, por exemplo, as ciências humanas e psicológicas construíram diversas teorias<sup>1</sup> e concepções sobre a juventude que passaram a considerar mais os fatores sociais e culturais. Os temas “juventude” e “religião” vêm assumindo grande destaque nos estudos da antropologia e sociologia contemporaneamente (BLANC e FARIAS, 2006).

A despeito dos questionamentos a respeito do lugar do cristianismo no mundo moderno, a religião, num sentido geral, mantém presença em pleno século XXI. Essa constatação é verificada, inclusive, por meio dos dados mais recentes obtidos pelo Censo do IBGE que indicam que as manifestações de religiosidade continuam crescendo no contexto brasileiro (BRANDÃO, 2005; CAMURÇA, 2013; CAMPOS, 2004; PRANDI, 1998). No caso da juventude, o cenário também é semelhante. A despeito do aumento daqueles que se declaram “sem-religião”, especialmente entre os jovens, isso não significa necessariamente uma fuga da religião.

Em primeiro lugar, porque os números apontam para uma juventude brasileira que ainda está essencialmente ligada ao universo religioso. E, em segundo lugar, porque a expressão “sem-religião” não significa necessariamente um abandono total da religião, mas, na maioria dos casos, uma apatia em relação às instituições religiosas e uma busca por experiências de fé mais subjetivas (CAMURÇA, 2017).

Alguns dos teóricos (CAMURÇA, 2004; TAVARES, 2004, NOVAES, 2005) que tem se aventurado a pesquisar a intersecção entre Religião e Juventude, no contexto brasileiro, tem constatado que a religiosidade da juventude contemporânea tende a ser fluida e sincrética (NOVAES, 2006, p. 157).

Isso significa que as experiências religiosas que muitos jovens abraçam hoje devem ser compreendidas a partir de sua subjetividade. Muitos deles transitam entre várias experiências

<sup>1</sup> GROPPA (2015) traz à discussão as principais teorias sobre a juventude em seu artigo “Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis”.

ou grupos religiosos anelando por uma espiritualidade “diferente” da de seus pais. Através deste trânsito religioso eles se identificam e reinterpretem símbolos e ritos, criando uma nova maneira sincrética de vivenciar a religião e a sua espiritualidade. Procuram uma religião que lhes dê respostas imediatas, como afirma Pierucci (1997, p. 117), uma religião que seja cada vez mais setor de domínio privado e ali encontre seus limites.

Esse contexto religioso da juventude traz consigo muitos desafios, especialmente para as igrejas de matriz protestante histórica, forjadas na modernidade, como a Igreja Adventista do Sétimo Dia, que apresentam uma proposta doutrinária em que se valoriza o conhecimento objetivo da Bíblia como meio do crente descobrir as “verdades eternas” (LIMA, 2008, p. 14).

A despeito desse desafio, a Igreja Adventista segue investindo pesado em seu trabalho voltado para a juventude. Historicamente, as origens do movimento adventista estão intimamente relacionadas com essa faixa etária. Tiago White, Uriah Smith, John Andrews e Ellen Harmon – todos pioneiros do adventismo - tinham entre 17 e 25 anos quando iniciaram seus trabalhos missionários (BENEDICTO, 2001, p. 19). Hoje a IASD está entre as dez maiores denominações religiosas do país e possui mais de dois milhões de membros, sendo que 30,9% deles são jovens (FERREIRA, B. et al., 2017, p. 114).

É uma denominação com forte presença no universo midiático através de sua malha comunicacional que contempla portais, emissoras de rádio e TV e até mesmo um canal de *streaming* com conteúdo audiovisual de produção própria – espécie de *Netflix* adventista chamada *Feliz 7 Play* – e programas voltados para o público adolescente e jovem. A denominação investe intensamente em iniciativas que promovam a mensagem adventista de forma mais inteligível e atrativa para adolescentes e jovens. Um dos principais exemplos dessa investida foi o estabelecimento, por parte da sede sul-americana da denominação, da ênfase nas chamadas novas gerações para oito países da América do Sul no quinquênio 2015-2020 (LEMONS, 2015).

Muito embora mais recentemente a IASD esteja se valendo dos recursos midiáticos mais sofisticados para se comunicar com seu público jovem, ela não abriu mão de um dos seus principais e mais tradicionais meios de diálogo com a juventude: o texto escrito. Desde muito cedo, a organização adventista investiu nas publicações impressas para seus membros e, especialmente, para os jovens<sup>2</sup>. Essas publicações atingiram ampla circulação e sempre carregaram a essência da mensagem e identidade do adventismo.

<sup>2</sup> A trajetória dos principais periódicos endereçados a juventude pode ser encontrada no terceiro capítulo desta pesquisa.

É nesse ponto que surgem algumas perguntas: quais os principais conteúdos que a IASD tem selecionado para comunicar a sua juventude? De que forma a análise desses conteúdos pode ajudar a se compreender como a IASD entende as necessidades da sua juventude? O contexto social e religioso, especialmente dos últimos anos, tem afetado os conteúdos escolhidos pela IASD na comunicação com seu público jovem?

Esses questionamentos estão todos inseridos no contexto amplo da relação entre juventude e adventismo. Reconheço que a escolha de se explorar essa temática parte, num primeiro momento, de meu envolvimento como membro da denominação e como pastor de jovens. No entanto, me associo a Otavio Velho (1998, p. 234-235) ao compreender que, mesmo estando na categoria de um pesquisador “nativo”, isso não significa necessariamente que a pesquisa estará comprometida com um olhar viciado, senão que a mesma poderá contar com o “privilégio da observação” de alguém com “conhecimento prático” de parte do objeto estudado<sup>3</sup>.

Uma outra razão pela qual escolhi me debruçar sobre essa temática veio por meio da constatação de que o adventismo ainda desperta interesse modesto da academia brasileira como objeto de pesquisa<sup>4</sup>, da mesma forma que ocorre com o protestantismo histórico ou de missão, quando comparado com outros movimentos cristãos como o catolicismo, pentecostalismo e neopentecostalismo (RIBEIRO, 2007, p. 72-73).

Em se tratando da relação entre juventude brasileira e adventismo a escassez de material acadêmico é maior ainda. Novaes (2019) foi quem concluiu isso ao analisar os trabalhos acadêmicos produzidos acerca do adventismo. Ele observou que “poucas pesquisas foram feitas na intersecção juventude/adventismo”<sup>5</sup>. O quadro fica ainda pior quando se trata de reunir os trabalhos dessa natureza encontrados no idioma do Brasil<sup>6</sup>. Segundo Novaes (2019, p. 91):

<sup>3</sup> Aproveito aqui para adicionar também as teses de Paul (2011) e Najmanovich (2001) de que a subjetividade dos indivíduos, o local de onde falam e por que falam devem estar presentes no exercício do fazer ciência.

<sup>4</sup> O ano de 1972, para Fuckner (2012), dá início à introdução do adventismo como objeto de estudo na academia brasileira, o que representa uma mudança significativa no olhar sobre os adventistas, já que “até aquele momento a produção bibliográfica restringia-se aos adeptos do próprio adventismo ou a seus opositores – uma produção predominantemente apologética”.

<sup>5</sup> Identificando e listando as pesquisas relacionadas a denominação adventista, Novaes (2019, p. 84) menciona três artigos. O primeiro de Fuckner (2012) que reúne 15 trabalhos sobre a Igreja Adventista nas áreas de História, Antropologia, Sociologia, Educação, Ciências da Religião e Psicologia. Um segundo de Furtado (2014), cuja varredura é mais abrangente: aos 15 trabalhos listados por Fuckner são acrescentados 43 por Furtado, totalizando 58. E um último assinado pelo próprio Novaes e por Follis (2016) que abrange 143 trabalhos de 1976 a 2013.

<sup>6</sup> Como o objetivo desta pesquisa está associado a relação entre juventude e adventismo no contexto brasileiro, os artigos em inglês foram consultados, mas não incorporados a esta pesquisa. Já no caso dos trabalhos produzidos no Brasil, Novaes (2019, p. 94) verificou que a maioria deles explora a relação dos jovens adventistas com a educação e transmissão da herança religiosa. Esses trabalhos foram consultados e aqueles que tocavam em tópicos pertinentes a esta pesquisa foram incorporados a bibliografia da mesma.

O maior número de publicações se dá no idioma inglês. Dos 121 trabalhos catalogados, 14 estão em português e os outros 107 em inglês. Os trabalhos em português começam a ser relevantes a partir de 2004. Esses números sugerem que a pesquisa feita sobre juventude adventista no Brasil ainda vive seus primeiros passos, sendo um campo fértil para novos pesquisadores.

Diante dessas justificativas para se avançar na exploração do tema proposto, o objetivo geral desta pesquisa é o de compreender quais as necessidades que a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem identificado e procurado suprir em seu público jovem a partir dos conteúdos de suas publicações endereçadas a juventude na virada do século XXI, tendo como pano de fundo o contexto da juventude brasileira marcado pela mobilidade, subjetividade e pluralidade religiosas.

Para tanto, propõe-se três objetivos específicos que constituirão, respectivamente, os capítulos deste trabalho. No primeiro será feita uma contextualização geral da religiosidade contemporânea a partir dos teóricos Berger (2000), Luckmann (1973; 2000) e Hall (2004) seguida de uma introdução à relação entre juventude e religião no contexto brasileiro fazendo uso das pesquisas da fundação Abramo (2005); da trajetória histórica dos grupos juvenis no Brasil (SOFIATI, 2008) e do cenário religioso entre os jovens brasileiros (CAMURÇA, 2013). Por fim, o capítulo fará um balanço, de forma mais específica, em alguns textos selecionados de Regina Novaes e Flávio Sofiati sobre as características mais marcantes da religiosidade da juventude brasileira.

O segundo capítulo se ocupará predominantemente da relação entre a juventude brasileiro e o adventismo. Primeiramente ele resgatará um pouco da história do adventismo em suas atividades voltadas para os jovens indicando sua filosofia e principais objetivos. Posteriormente será feito um levantamento de dados dos últimos Censos do IBGE (1991, 2000 e 2010) comparando o quadro numérico e algumas das características que compõem o perfil da juventude adventista em relação à juventude brasileira em geral.

Por fim, o terceiro capítulo irá analisar os conteúdos oficiais endereçados aos jovens publicados na *Revista Adventista* entre os anos de 1993 a 2014. Num primeiro momento será realizada uma entrevista com alguns dos editores que contribuíram na concepção desses conteúdos e, em seguida, os mesmos serão sistematizados e analisados à luz do contexto no qual a juventude adventista está inserida. Não se pretende, com esta análise, contemplar as tensões e controvérsias próprias da instituição e da fase contestadora da juventude, embora se reconheça que elas existam, mas apenas interpretar a tentativa da instituição em se comunicar com esse grupo.

A metodologia utilizada para esta pesquisa é de cunho bibliográfico. No primeiro capítulo, os teóricos selecionados são os que contextualizam a religiosidade contemporânea e aqueles que discutem a intersecção entre religião e juventude no cenário brasileiro. O segundo capítulo trabalhará a temática de juventude e adventismo se valendo principalmente da obra de Allen (2012) e dos dados obtidos através dos últimos Censos do IBGE, a saber os anos de 1991, 2000 e 2010. Esse período foi escolhido por dois motivos: (1) porque é nesse intervalo que, paralelamente, a *Revista Adventista* mantém um espaço de conteúdos direcionados aos jovens com maior estabilidade em sua proposta editorial<sup>7</sup> e (2) porque esse período representa a virada de um século que traz consigo mudanças significativas no quadro religioso brasileiro conforme será indicado pelos dados coletados dos Censos no segundo capítulo desta pesquisa.

O recorte de idade escolhido para esta investigação se deu entre os 16 a 30 anos. Embora haja diferenças de opiniões acerca da faixa etária que poderia ser classificada como jovem, escolheu-se esse intervalo por dois motivos básicos: (1) porque essa é a idade em que a IASD oficialmente classifica seus membros como jovens (CAMPITELLI, 2018, p. 24) e (2) porque levou-se em conta o Estatuto da Juventude, promulgado no Brasil em 2013, que indica a idade de 15 a 29 anos para se classificar a juventude, o que esta está próximo da idade escolhida pela IASD também<sup>8</sup>.

O terceiro e último capítulo, também de cunho bibliográfico, examinará a seção conhecida como “Espaço Jovem” dentro da *Revista Adventista*<sup>9</sup> entre os anos de 1993 a 2014. Essa publicação é mensal e em cada uma delas há pelo menos um artigo destinado a juventude adventista brasileira. Sendo assim, serão cerca de 12 artigos por ano totalizando uma quantidade aproximada de 250 artigos investigados<sup>10</sup>. O acervo desse periódico está todo disponibilizado para consulta e pesquisa em <http://acervo.revistaadventista.com.br/capas.cpb>. O motivo principal de se escolher a *Revista Adventista* como *locus* desta pesquisa é porque ela, historicamente na IASD, tem representado o pensamento oficial da igreja acerca dos mais variados assuntos<sup>11</sup>. O que reforça ainda mais esse dado é o fato de que a Casa Publicadora

<sup>7</sup> Ver o terceiro capítulo da dissertação para se ter mais informações sobre a trajetória dos espaços destinados aos jovens na RA.

<sup>8</sup> Esse documento está disponível em <https://bit.ly/2I5ghOH>. Acesso em: 10 mar. 2019.

<sup>9</sup> A Revista Adventista conta com uma história de mais de cem anos. Criada em janeiro de 1906, ela nasce tímida com apenas 12 páginas em preto e branco sendo que hoje já conta com uma tiragem aproximada de 40 mil exemplares por mês (BORGES e BENEDICTO, 2006).

<sup>10</sup> Há edições em que o “Espaço Jovem”, por razões editoriais, foi suprimido. No terceiro capítulo desta pesquisa os cálculos estão divulgados de forma precisa.

<sup>11</sup> Poderia ser adicionado aqui o fato de alguns teóricos defenderem a relevância da pesquisa em periódicos. Carnevalli (2003), por exemplo, advoga que a revista parece se adaptar muito bem às mudanças sociais e culturais, já que trabalha com públicos bem segmentados. Outra peculiaridade, que a reforça como uma produtora de sentido, é o seu poder de formação de opinião. Por ter uma estrutura de divulgação mais intensa que os jornais, a revista

Brasileira, editora que produz a revista, tem seus editores e funcionários eleitos em votações ocorridas e dirigidas pela administração sul-americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia (FOLLIS, 2017, p. 25).

Embora se assuma que esta pesquisa não pretenda ser exaustiva, espera-se que ela desperte uma reflexão em relação ao quadro contemporâneo da juventude adventista no Brasil e à forma como a IASD tem se relacionado com esse público nos últimos anos. Como os estudos no campo do adventismo e juventude brasileira ainda são incipientes, espera-se também que através deste trabalho surjam outros questionamentos e pesquisas que trarão novas e maiores contribuições para esse tópico de estudo.

Uma das possibilidades nesse campo de pesquisa tem a ver com uma análise do impacto dos assuntos tratados pela RA na vida dos jovens adventistas. Isso porque este trabalho não empreendeu entrevistas com os leitores que permitissem constatar esses fatos. O ponto mais próximo que esta pesquisa chegou nesse campo foi o do levantamento dos assuntos interativos, aqueles nos quais os leitores interagem com os editores, e a recorrências dos temas, o que já permite fazer uma leitura das tendências que despertam os interesses dos jovens.

É importante também lembrar que, embora este trabalho, especialmente no terceiro capítulo, pareça transmitir um discurso monolítico e livre de contestações, admite-se que todas as instituições têm as suas tensões, embora a maioria delas tente negá-las. O próprio fato da RA ter mudado sua abordagem na seção destinada aos jovens, conforme será observado no terceiro capítulo, já sinaliza, em algum grau, a tentativa da instituição adventista de lidar com esses dilemas.

acaba por ter uma circulação, e conseqüentemente, penetração maior. Vallada (1989) ainda adiciona o fato de que o periódico tende a apresentar uma longevidade maior, pois pode ser guardada por mais tempo, além de ser tida, pela diagramação atraente, como um objeto de recordação. Além disso, é um dos poucos produtos que, se agregado a um serviço (entrega por assinatura), o preço não se altera.

## CAPÍTULO I – ESTUDOS SOBRE RELIGIÃO E JUVENTUDE NO BRASIL

Antes de tratar da relação entre religião e juventude brasileira, há que se visitar um contexto um pouco mais amplo. Esse é o primeiro passo desse capítulo. Propor, em linhas gerais, uma aproximação das principais características que marcam a religiosidade na atualidade, com um enfoque maior na pluralidade e na subjetividade. A escolha desses dois recortes se dá pois entende-se que a essência dos mesmos carrega uma associação direta ou indireta com os demais elementos envolvidos na religiosidade contemporânea.

No caso do subjetivismo, a associação se dá com conceitos como “secularismo” (BERGER, 1985); “autonomia do indivíduo” (GIOVANETTI, 2013); “privatização da esfera religiosa” (LUCKMANN, 1973); “individualização da experiência de fé” (BECK, 1992); “desinstitucionalização” (DAVIE, 1994) e afins. Enquanto que o pluralismo oferece uma relação com conceitos como “sincetismo religioso” (NOVAES, 2001), “hibridismo cultural” (NOVAES, 2003), “mobilidade ou trânsito religioso” (TEIXEIRA e MENEZES, 2013) e afins.

Feita esta contextualização, o capítulo avançará para uma breve recapitulação da história das primeiras experiências de agrupamentos de jovens no Brasil, seguida de uma exposição do panorama religioso brasileiro com um enfoque posterior no recorte da religiosidade da juventude no Brasil.

Por fim, o capítulo terminará com um balanço dos estudos de dois pesquisadores, Regina Novaes e Flávio Sofiati, que são notáveis quando o assunto é religião e juventude. No caso de Novaes a atenção se voltará para alguns de seus principais artigos que sinalizam sua compreensão, cada vez mais expandida, acerca dos temas relacionados a religiosidade dos jovens brasileiros. Já no caso do Sofiati a análise se concentrará em sua principal obra de referência “*Religião e Juventude: os novos carismáticos*” (2011) por conter de forma mais densa e abrangente sua percepção sobre a temática da juventude na interface com o cenário religioso.

Nesse ponto, o leitor irá perceber que alguns dos elementos já identificados no quadro da religiosidade jovem contemporânea voltarão a aparecer como sinais identificadores da religiosidade da juventude brasileira nos recortes de campo estudados pelos autores Regina Novaes e Flávio Sofiati.

### **1.1. A religiosidade na contemporaneidade**

Uma das constatações que se faz a partir dos dados do Censo do IBGE de 2010 tem que ver com o crescente aumento do trânsito religioso, não só por conta do declínio do catolicismo, mas também pela própria mobilidade que há entre as denominações evangélicas. Comportamento esse que, para Fernandes (2018, p. 5), indica que a unidade religiosa foi quebrada diante de pertencimentos religiosos múltiplos em que o indivíduo se sente mais à vontade para relativizar os discursos de diversas religiões em oferta, passando a experimentar diferentes preceitos religiosos.

Essa mobilidade aliada aos dados do crescimento das novas expressões religiosas no cenário brasileiro apontam não apenas para a intensificação da diversidade, mas para a fabricação de um sujeito que, além de aceitar o pluralismo religioso, passa a enxergá-lo de forma muito mais positiva.

Dessa maneira, é pertinente destacar dois aspectos centrais que contribuem para esse cenário religioso cada vez mais complexo no qual está inserida também a juventude<sup>12</sup>.

#### **1.1.1. Pluralidade e subjetividade: as digitais de uma geração**

O processo de construção da identidade de um indivíduo é complexo, pois tende a partir de valores éticos e morais adquiridos no seu ambiente social, ao qual ele legitimou dando-lhe significados na sua experiência de vida, formando o seu reservatório de sentido.

O que ocorre, porém, em nossos dias, é que essa identidade entra muitas vezes em “crise” diante da pluralidade de ofertas de sentido que geram inevitavelmente uma relativização nas ofertas de sentido que deram sustentação a construção de identidades de várias gerações anteriores a nós (ANDRADE, 2008, p. 59).

Segundo Berger e Luckmann (2004, p.50):

O pluralismo moderno leva a um enorme relativismo dos sistemas de valores e interpretações. Em outras palavras: os antigos sistemas de valores e de interpretação são ‘desacanizados’. A desorientação do indivíduo e de grupos inteiros por causa disso já é tema principal há muitos anos da crítica da sociedade e da cultura. Categorias como ‘alienação’ e ‘anomia’ são propostas para caracterizar a dificuldade das pessoas de encontrar um caminho no mundo moderno. A fraqueza desse modo de pensar, que entretanto já ficou convencional, não está tanto no fato da crise de sentido estar sendo, por assim dizer, exagerada, mas em sua cegueira quanto à capacidade que têm os indivíduos e as diferentes sociedades de vida e de sentido de preservar seus próprios valores e interpretações.

<sup>12</sup> HERVIEU-LÉGER (1998); ROOF (2001); LUCKMANN (1991) e DAVIE (2002) são sugestões de autores que podem ser consultados para uma discussão mais acentuada acerca das tendências contemporâneas no cenário religioso.

Essa atmosfera relativista dos sistemas de interpretação resultantes da pluralização na modernidade faz com que os valores tradicionalmente aceitos sejam colocados sob ameaça, pois as orientações tradicionais dos indivíduos e dos grupos sociais passam a carecer de uma evidência de sentido uma vez que estão mergulhadas numa pluralidade de ofertas de sentido na atualidade. Em outras palavras, o pluralismo moderno desestabiliza as autoevidências das ordens de sentido e de valor que orientavam as ações das pessoas e suas identificações na sociedade até então.

O pluralismo moderno, segundo Luckmann e Berger (2004, p. 54), desacredita o “conhecimento auto-evidente” dos sistemas de interpretação que deram sustentação às sociedades tradicionais. Isso implica no fato de que nenhuma interpretação ou perspectiva pode ser assumida como única em validade ou ser considerada inquestionavelmente correta.

Para muitas pessoas esse novo contexto social e religioso se afigura como um peso ou um drama, pois exige a contínua abertura para o novo e para o desconhecido. Melucci (2007, p. 36) é quem vai falar que, na sociedade contemporânea, a fase da juventude marcada por mudanças, experimentações, incerteza e transitoriedade, deixa de ser apenas uma fase e passa a ser uma condição cultural na contemporaneidade.

Há pessoas que apreciam esse cenário enquanto outros reagem ao mesmo se sentindo inseguros e confusos num mundo cheio de alternativas e de possibilidades de interpretação. Para alguns estudiosos, como Coelho e Jorge (2018), o recrudescimento do fundamentalismo religioso na atualidade é uma espécie de reação a esse pluralismo cada vez mais evidente. Entendendo aqui o fundamentalismo como uma “identidade de resistência” (CASTELLS, 1999) onde o compromisso religioso com uma “verdade e moral absolutas” e com um “sentido único” para o universo estão acima e em oposição a tendência pluralista da contemporaneidade.

Segundo Stuart Hall (2003, p. 7), esse contexto desconcertante de instabilidade é assim chamado por muitos de “crise de identidade” e é visto como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo. No entanto, a dialética da sociedade mostra que nada é estável e vivemos em meio a uma pluralidade cultural. Porém, na verdade, como afirma Hall (2003, p. 8), não há, de fato, crise de sentido, mas crise de um sentido único na sociedade.

Para ele, em relação à chamada “crise de identidade” há subjacente, uma questão fundamental: a concepção de sujeito e, conseqüentemente, a definição de identidade aí pressuposta. Pois, “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando

algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (MERCER, apud HALL, 2003. p. 9). Diante da discussão atual sobre “a crise de identidade”, Hall questiona se o que está subjacente a essa problemática não seria uma concepção essencialista ou fixa de identidade, algo que, segundo ele, desde o Iluminismo, se supõe definir o próprio núcleo ou essência de nosso ser e fundamentar nossa existência como sujeitos humanos.

Sendo assim, muitos buscam algo que dê sentido a sua existência e o fazem por meio da fé religiosa. Diante do pluralismo atual, muitos, frente ao medo e a instabilidade, buscam grupos fundamentalistas na ilusão de superarem as suas angústias frente à relativização das estruturas de sentido, anteriormente tidas como objetivas e, muitas vezes, eternas e imutáveis. Em contrapartida, outros recriam uma nova postura frente à pluralidade, construindo uma atitude mais eclética e provisória, podendo transitar em vários grupos religiosos, sem, necessariamente, identificar-se totalmente com nenhuma instituição. Vale lembrar que o fato de não se pertencer a uma determinada instituição religiosa não significa dizer que o indivíduo perdeu a sua religiosidade, mesmo sabendo que a modernidade secularizada aguçou o ceticismo.

Como afirma Brandão (2005, p. 50):

Ora, uma certa e não previsível lógica de mercado vivida como experiência cultural da busca de sentido de vida através da fé faculta a que as pessoas possam se relacionar com a religião de uma tal maneira que, ao mesmo tempo e em um só momento de suas vidas, elas se reconheçam partilhando mais de um sistema religioso, mais de uma religião, sem se reconhecer necessariamente fiéis a uma única. Ainda que essa possibilidade não seja por agora a norma, há uma tendência crescente a que as pessoas reconheçam em geral o valor potencial de todas as religiões de seu campo visível de escolhas, optem por relacionar-se com algumas delas, de acordo com a lógica pessoal de suas próprias necessidades, sentindo-se, no limite, vinculadas a duas ou mesmo três delas a um só tempo ou em movimentos pendulares da adesão provisória.

Isso leva a conclusão inevitável de que o indivíduo contemporâneo passa a ser, cada vez mais, senhor de seu próprio roteiro religioso, transitando de uma para a outra religião, entre diferentes sistemas de sentido, aderindo a um e depois a outro sistema, conforme seu momento de vida, confrontando-se com as “alternativas de sua realização subjetiva graças ao trabalho iniciático ou de aperfeiçoamento que ela acredita estar produzindo por si mesma pela frequência de uma religião, de uma mística ou de uma espiritualidade” (BRANDÃO, 2005, p. 51).

Uma das dimensões fundamentais que perpassam a construção da identidade religiosa na contemporaneidade é a subjetividade do indivíduo. Dimensão esta que vai se transformando

cada vez mais no critério das escolhas religiosas. Na medida em que os grandes marcos de plausibilidade social são inevitavelmente questionados pela pluralidade de possibilidades de ofertas de sentido, experienciada, em alguns casos, pela própria diversidade de estruturas de sentido na própria constelação familiar, o indivíduo vai exercitando, cada vez mais, as suas muitas possibilidades de escolhas, sem ter que se deter, obrigatoriamente, em nenhuma interpretação, estando a sua subjetividade provocada a criar e recriar uma ampla variedade de possibilidades, na qual ele será o sujeito da sua própria criação (ANDRADE, 2008, p. 62).

### **1.1.2. Religiosidade da juventude na contemporaneidade**

Uma vez percebida a condição instável e o peso da subjetividade no que diz respeito ao cenário religioso na contemporaneidade, vale destacar o comportamento da juventude dentro desse contexto. A juventude, em toda a sua diversidade, não vive alienada desse cenário, pelo contrário, ela se apresenta como sujeito e objeto do mesmo numa troca mútua de influências com o meio no qual ela está imersa.

No que diz respeito a uma melhor compreensão da identidade religiosa da juventude na atualidade há, subjacente a esse tema, a importância de se absorver o processo de construção e entendimento da identidade. Durante a Era Moderna, por exemplo, período vazado pelos ideais Iluministas, o sujeito se percebia como um indivíduo unificado, dotado de capacidades como a razão, consciência e ação. Seu objetivo nada mais era do que revelar sua essência racional e construtora da história humana (HALL, 2003, p. 10-11).

Mais adiante a discussão acerca da identidade passou a assumir contornos mais sociológicos. Nessa concepção, ainda recorrendo a contribuição de Hall (2003, p. 11-12), o sujeito constrói sua identidade a partir de suas relações sociais, preenchendo o espaço entre o interior e o exterior, o mundo pessoal e o público. Ou seja, é um processo de equilíbrio entre os sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que o indivíduo ocupa na sociedade. É nesta relação que a identidade sociológica vai se desenvolvendo. Porém, mesmo tendo consciência do papel que as relações e o mundo exterior exercem na construção de uma identidade, a concepção sociológica, como a iluminista, parte do pressuposto de que há uma interioridade *a priori*, constitutiva do ser humano, que vai se desenvolvendo a partir da sua interação com as relações sociais.

Por fim, Hall (2003, p. 12-13) fala da compreensão de identidade do sujeito pós-moderno que, diferentemente das compreensões anteriores, não possui uma identidade fixa, que parte de uma “essência humana” *a priori*. Ao contrário, para a perspectiva pós-moderna, a identidade está em contínuo processo de formação e transformação, não sendo refém de valores

culturais do passado, aceitos como valores universais e transculturais, mas sim, percebendo-se como fragmentada.

Compreendendo um pouco mais o processo de formação da identidade do indivíduo e assumindo o pluralismo cultural da sociedade contemporânea, não há como não conectar um item ao outro e inferir que a formação religiosa do indivíduo atual tende a ser marcada também por uma fragmentação identitária. A tradicional transmissão da herança confessional familiar vai perdendo espaço para uma construção difusa da identidade religiosa nas novas gerações juvenis. É neste contexto, por exemplo, que Thomas Luckmann (1973, p. 81) afirma que:

A religião tem sua raiz em um fato antropológico básico: a transcendência da natureza biológica pelos organismos humanos. O potencial humano para a transcendência se realiza, originalmente, em processos sociais que repousam na reciprocidade das situações frente-a-frente. Estes processos levam à construção de visões objetivas do mundo, à articulação dos universos sagrados, e em algumas circunstâncias, à especialização institucional da religião. Estas formas sociais de religião se baseiam deste modo naquilo que é, em algum sentido, um fenômeno religioso individual. A individualização da racionalidade e a consciência na matriz da intersubjetividade humana.

Todo esse contexto faz com que as visões individuais, que partem dos sujeitos contemporâneos, ganhem mais densidade em detrimento da visão coletiva de mundo e das construções coletivas de significado. Isso faz com que, em meio a multiplicidade de concepções, o indivíduo assuma uma identidade cada vez mais plural, pois cada um carrega uma visão de mundo diferente. O resultado inevitável desse quadro é uma produção de diferentes significados por diferentes sistemas simbólicos ou, como disse Silva (2000, p. 18-19) “a cultura passa a moldar a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de cada subjetividade”.

As novas configurações religiosas que “abrem mão” da convivência institucional<sup>13</sup>, por exemplo, passam a ser um subproduto dessa identidade religiosa contemporânea que tende a possuir uma herança menos refém da instituição e mais ligada a esfera emocional do fiel, isto é, a sua experiência subjetiva de fé<sup>14</sup>. Ao que tudo indica, esse processo não significa que a

<sup>13</sup> Fernandes, em *Trajetórias religiosas de jovens sem religião – algumas implicações para o debate sobre desinstitucionalização* (2018), reflete sobre essa atenção recente que passou a ser dada para esse movimento dos “sem-religião”, especialmente a partir dos resultados do último Censo de 2010. Uriarte (2017) faz referência em seu artigo ao crescimento dos “sem-religião” como um fenômeno mundial e Rivera (2017) discute a provocativa constatação do aumento dos “sem-religião” nas periferias urbanas paralelamente aos grupos pentecostais.

<sup>14</sup> Nos Estados Unidos, algumas igrejas classificadas como “emergentes” se identificam com essa tendência “desinstitucionalizadora” promovendo uma ruptura com as instituições e encorajando um movimento cristão que eles reputam como sendo mais “orgânico, fluido e espontâneo”. Um dos ícones dessas “igrejas emergentes” na América do Norte é Dan Kimball, autor do livro *Eles gostam de Jesus, mas não da igreja* (2011).

instituição perdeu completamente espaço na contemporaneidade, senão que ela se tornou o lugar sagrado em que o fiel procura a fim de objetivar sua subjetividade.

Vale aqui destacar as palavras de Luckmann (1973, p. 98):

Nos diversos modelos de reflexão e de consistência intelectual o indivíduo tende, além disso, a restringir a relevância das normas especificamente religiosas às esferas que ainda não são exigidas pelos propósitos jurisdicionais das instituições seculares. Desta maneira a religião se converte em um assunto particular. Nós podemos concluir dizendo que a especialização institucional da religião, como também a especialização de outras áreas institucionais provoca um processo que transforma a religião em uma realidade cada vez mais subjetiva e mais particular.

A objetivação dessa subjetividade que pode, via de regra, desembocar na busca ou adesão a uma instituição religiosa parece ocorrer na medida em que ela é relevante para a experiência de fé do indivíduo social. Nesse ponto Luckmann (1973, p. 119) volta a contribuir ao dizer que:

[...] as bases sociais da religião que estão aparecendo em nossos dias deverão ser buscadas na ‘esfera particular’. Os temas que hoje em dia chegaram a ocupar uma posição dominante no cosmo sagrado nascem de e se referem a uma esfera de existência individual na sociedade moderna, que está separada das instituições sociais primárias. Mas nem todos os temas de hoje em dia disponíveis no cosmo sagrado nascem na ‘esfera particular’.

Esse tipo de comportamento marcado pela subjetividade e pela autonomia do indivíduo no processo de flertar com as ofertas de sentido promovidas pela religião pode ser comparada a um grande mercado de bens simbólicos ou religiosos onde os fiéis contemporâneos passam a atuar como verdadeiros consumidores desses bens.<sup>15</sup> Isso faz com que o caráter das instituições religiosas seja radicalmente transformado. Elas já não seguem mais transmitindo como coisa óbvia um modelo obrigatório de religião, mas se vêem obrigadas a entrar em competição com muitas outras fontes de significados ‘último’ para chamar a atenção dos indivíduos ‘autônomos’ que são, dentro deste contexto, consumidores potenciais de seu ‘produto’ (LUCKMANN, 1973, p. 119-120).

Esse novo espírito de consumo religioso atinge especialmente os jovens, pois são eles que, em primeiro lugar, representam a categoria etária que foi forjada, mais diretamente, no recorte histórico em que estamos vivendo<sup>16</sup> e, em segundo lugar, são alvos potenciais da mídia

<sup>15</sup> Sobre o tema da cultura de consumo, ver FEATHERSTONE (1995) e CANCLINI (1996).

<sup>16</sup> Nunes (2007, p. 647-678) é um dos defensores da tese de que entre os jovens a mídia ocupa boa parte de seu tempo físico e mental participando intensamente de sua construção identitária e, ao mesmo tempo, criando representações sobre os jovens.

propagandista<sup>17</sup>. Sendo assim, em muitos casos, a religião torna-se um produto de consumo da sociedade atual. Ela passa a ser oferecida em uma espécie de grande feira, um comércio de bens espirituais que busca satisfazer, mesmo que temporariamente, às necessidades do indivíduo na sociedade.

Amaral (2000, p. 109) faz uma leitura interessante desse contexto ao dizer que:

O sincretismo vivido por estas pessoas não procura uma síntese, mas sim a vivência de experiências, que refletem o processo de transformação interior destes indivíduos, permitindo-lhes fazer combinações, entre sistemas religiosos, as mais heterodoxas possíveis, realizando o desejo de pertencer a algum grupo religioso, sem importar-se com a sua fidelidade institucional.

Lipovetsky (2006, p. 132) foi outro que corroborou com esse contexto ao afirmar que “a espiritualidade se tornou mercado de massa, produto a ser comercializado, setor a ser gerido e promovido”, e que o atual retorno do religioso tem a ver com o desabrochamento dos ideais de felicidade e hedonismo (busca pelo prazer e pela experiência do agora) difundidos pelo capitalismo e adotados como valores pelo indivíduo contemporâneo, fazendo com que a busca da realização psicológica do sujeito se encontre no centro dessas experiências.

É Benedetti (2006, p. 14) quem vai dizer que a juventude precisa ser entendida dentro desse universo cultural que se afigura na contemporaneidade. Um universo homogeneizador e diferenciador ao mesmo tempo que se traduz por meio da cultura midiática que exige do indivíduo a experiência do aqui e do agora. A cultura, como já foi dito, passa a ser um bem de consumo, em termos gerais. Em nossos dias, qualquer shopping, por exemplo, tem lojas que vendem objetos sagrados significativos para todas as religiosidades: pedras, incenso, cruz, duendes, estrelas, imagens de santos, dentre outros. O que antes era de domínio popular passa a ser um bem de consumo.

Nesse contexto, a juventude contemporânea assume a tendência de querer que seus problemas sejam resolvidos de forma rápida e essa busca os impulsiona a transitarem entre várias religiões ou grupos religiosos, buscando viver uma espiritualidade “diferente” da religião tradicional dos seus pais. Através desse trânsito religioso eles se identificam e reinterpretam símbolos e ritos, criando uma nova maneira sincrética de vivenciar a religião e a sua espiritualidade. Procuram uma religião que lhes dê respostas imediatas, ancorada na

<sup>17</sup> Segundo Ribeiro e Batista (2010, p. 16-20) a fase juvenil é caracterizada pela passividade e inexperiência, o que a deixa sujeita a informações de todos os tipos, sem que ela tenha necessariamente embasamento para processá-las e conseqüentemente questioná-las. Os jovens, portanto, são vistos como indivíduos abertos e dispostos a aceitar novas ideias, o que justifica o interesse da mídia em direcionar os anúncios a essa parcela da população.

subjetividade fluante de cada um, que tem como critério de verdade aquilo que responde, mesmo que provisoriamente, as perguntas subjetivas vividas no momento<sup>18</sup>.

Novaes (2005, p. 264) assinala que mesmo dentro de “um contexto de intensificação da difusão de informações, a cultura midiática também oferece espiritualidades”. Hoje há uma multiplicação de grupos religiosos, gerando uma ampla pluralidade que possibilita, aos jovens, uma grande oferta de possibilidade de combinações de elementos de diversos sistemas simbólicos, a partir das suas perguntas e necessidades existenciais.

Segundo Junqueira (1995, p. 19),

neste campo de consciência, onde o imaginário é ponto de tensão entre as realidades vividas e transcendentais, o ser humano é desafiado a buscar com maior profundidade o sentido da vida e a fazer a experiência de infinito e da totalidade.

Neste novo cenário cultural o sujeito vai se tornando o critério, a partir do qual as escolhas religiosas, diante da multiplicidade de ofertas de sentido, são feitas. O transcendente não é mais experienciado, necessariamente, como algo objetivo, vindo de fora, mas sim, como uma realidade subjetiva, imanente, relacionado ao momento biográfico do sujeito em questão. A religião vai se tornando, cada vez mais invisível, pois ela “mora” na subjetividade de cada um, especialmente do adolescente e do jovem que vive fluando na emoção da configuração da sua identidade.

Essa postura seletiva da juventude, no que diz respeito a religião, se manifesta também em formato de negociação com as regras dos grupos religiosos aos quais eles pertencem. É evidente que a experiência existencial, as vivências e necessidades subjetivas acabam se tornando os critérios para a aceitação ou não de algumas das normas religiosas.

Regina Novaes é uma das estudiosas que melhor notou a inclinação ao sincretismo como marca dessa relação entre a juventude e a religiosidade atual. Para ela, a adesão simultânea, entre os jovens, de sistemas diversos de crenças, combinando, muitas vezes, práticas ocidentais e orientais, atua não apenas na dimensão estritamente religiosa, mas também como recurso terapêutico e medicinal (NOVAES, 2006, p. 157).

No entanto, há um comportamento, já indicado nessa pesquisa, que também ocorre entre os jovens. Nem todos simpatizam com essa identidade religiosa plural e fragmentária. Alguns, inclusive, são bem reativos a esse espírito contemporâneo preferindo se afiliar a grupos fundamentalistas que ofereçam um certo grau de segurança diante desse clima de instabilidade provocado pela sociedade pós-moderna (NOVAES, 2006, p. 90).

<sup>18</sup> Essas características serão destacadamente notadas pelos pesquisadores Novaes e Sofiati ao analisarem os movimentos juvenis que eles utilizam em suas pesquisas.

Há inclusive algumas pesquisas (REEVES, 2010; FINKE, STARK, 2005; HASKELL, FLATT e BURGOYNE, 2016) que demonstram que os discursos teológicos conservadores que propõem uma conduta mais rigorosa e um sistema de crenças que apela para “verdades absolutas” reveladas por Deus através de um livro sagrado, tem despertado interesse de um grupo cada vez maior de pessoas na atualidade, especialmente na América do Norte. Deve-se reconhecer, obviamente, que esses grupos oferecem a sensação de estabilidade que muitos jovens procuram, mas deve-se admitir também o risco de diminuir neles a capacidade de dialogar com a pluralidade cultural e religiosa que os rodeia.

## 1.2. Juventude e Religião no Brasil

Conceituar e classificar a “juventude” não é uma atividade tão simples quanto parece. Groppo (2016, p. 8) vai dizer que:

O tema “juventude” irá atravessar quase todas as teorias sociológicas, especialmente as que enfatizam a inter-relação entre indivíduo e sociedade: a sociologia de Durkheim, o behaviorismo, os funcionalismos, o interacionismo simbólico, a sociologia compreensiva na versão de Mannheim, as reflexões sobre educação e indústria cultural na Escola de Frankfurt, a teoria social de Anthony Giddens e até mesmo a psicologia de Pierre Bourdieu.

Como se vê, várias foram as tentativas, no âmbito da sociologia da juventude, de se empreender esta tarefa classificatória da juventude. Abramo (2005, apud PÁTARO, FONTANELLA e MEZZOMO, 2018, p. 44), por exemplo, sugeriu quatro paradigmas de diferentes perspectivas epistemológicas das Ciências Humanas e Sociais sobre os jovens.

O primeiro deles, e o mais tradicional, seria o da juventude como um período transitório para a vida adulta. Essa perspectiva encara o jovem sempre como uma espécie de devir, e não como um sujeito de relevância social no presente, além de desconsiderar as desigualdades que marcam as vivências dos jovens (PARSONS, 1968). O segundo paradigma é aquele em que o jovem é visto como uma peça fundamental para o desenvolvimento social pois possuem potencialidades para resolver os desafios sociais (MANNHEIM, 1967). Já na terceira perspectiva os jovens são percebidos como sujeitos de experimentação, transgressores sociais (SAVAGE, 2009)<sup>19</sup>. Por fim, o quarto paradigma encara o jovem como aquele sujeito que passa a ter reconhecidos seus direitos como cidadão, deixando a ótica dos desvios e insurgências para trás (MAFFESOLI, 1987; BAUDRILLARD, 1972).

<sup>19</sup> É interessante notar, conforme coloca Savage (2009, p. 80-89), que foi a partir do fenômeno da delinquência juvenil ocorrida, especialmente, como um subproduto do processo de industrialização e urbanização aceleradas, que a categoria juventude passou a ser examinada com maior interesse.

A despeito das diferenças nos paradigmas acerca da juventude uma coisa, pelo menos, é consensual entre os sociólogos: os jovens são uma categoria cuja identidade e postura diante da sociedade podem variar drasticamente a partir do contexto histórico e cultural no qual estão inseridos. Groppo (2000, p. 10) é um dos estudiosos que concorda com isso ao dizer que “o jovem e seu comportamento mudam de acordo com a classe social, o grupo étnico, a nacionalidade, o gênero, o contexto histórico, nacional e regional, etc.”

Uma das formas de se começar a entender um pouco mais dessa categoria chamada “juventude” é revisitando a sua história a fim de perceber em suas variadas tendências e comportamentos quais foram os mecanismos que contribuíram para que a religião ou os grupos religiosos se transformassem em focos de atração para a juventude.

### **1.2.1. Uma introdução à história da juventude brasileira**

Segundo Sofiati (2011, p. 32), as primeiras ocasiões de organização dos jovens no Brasil ocorreram durante o período do movimento abolicionista do século XIX. Os jovens abolicionistas estrearam sua ação por meio de uma manifestação radical em defesa dos escravos organizando, inclusive, fugas em massa. Nos anos de 1920, três grandes movimentos de expressão da consciência política dos jovens foram inaugurados: o Movimento da Semana de Arte Moderna (1922), o Movimento Tenentista (1922) e o movimento político-partidário que deu origem ao PCB (1922). No livro de Augusto Caccia-Bava (2004, p. 64), há a afirmação de que “os grupos de jovens se formaram em torno desses movimentos e foram protagonistas de novas ideias, novas concepções de nação e de Estado”.

Entre os anos de 1930 e 1950, a característica que mais saltava entre os jovens organizados era sua solidariedade aos menos favorecidos e sua atuação política ligada aos movimentos sindicais. Já na década de 60 a juventude passou a simpatizar mais com os movimentos estudantis, em seus variados contornos políticos e ideológicos e também com as expressões da Ação Católica Especializada (SOFIATI, 2008, p. 2).

Novaes (2000, p. 86) afirma que esses jovens, principalmente aqueles organizados em entidades partidárias e sindicais, na tentativa de uma aproximação com setores trabalhistas, apresentavam-se como iguais na relação com a classe trabalhadora, apesar da grande heterogeneidade dos agrupamentos juvenis. Os jovens do movimento estudantil eram provenientes majoritariamente da classe média urbana e questionavam os valores da cultura e da política. Nesse contexto, a influência estudantil era hegemônica e levava para o seu interior grande parte dos agrupamentos juvenis existentes, como, por exemplo, os jovens católicos da

Juventude Universitária Católica que começou a se organizar por volta de 1935 tendo suas primeiras aparições significativas em 1947 (MATTOS, 2014, p. 18).

Em 1970, por ocasião da repressão da Ditadura Militar, há registrado pouca movimentação da juventude. No interior da Igreja Católica há uma articulação dos jovens a partir do que se chamava de “Movimentos de Encontro” que possuíam uma índole espiritualista e tinham como objetivo lidar com os problemas psicoafetivos dos jovens. As outras juventudes que resistiram a esse processo, em sua maioria, estavam envolvidas nos movimentos clandestinos de luta armada e guerrilha (SOFIATI, 2008, p. 2).

Nos anos de 1980, surgem as chamadas “tribos urbanas” que são retratadas por Abramo em seu livro *Cenas Juvenis* (1994). A autora destaca o surgimento de agrupamentos de jovens presentes principalmente nas grandes cidades brasileiras. Nesse mesmo período também ocorre o enfraquecimento do movimento estudantil, pois a “identidade estudantil não passava mais pela política, como ocorreu nos anos 60 e 70”, acarretando a despolitização desse movimento a partir dessa década (CARDOSO; SAMPAIO, 1995, p. 26).

Dessa forma, a partir dos anos 1980, ocorre um distanciamento da militância tradicional: a referência não era mais o partido e o sindicato, mas o movimento social específico. Nesse processo, os jovens passam a absorver novas formas e perspectivas de participação social, em outras palavras, “o coletivo passa a incorporar a forma de ser de cada um” (SOUSA, 1999, p. 194).

O que ocorre em 1990 é o nascimento de uma juventude que, embora tenha sede de autonomia, ainda vê o grupo como referência para o reconhecimento das ideias compartilhadas. A juventude dessa década é uma geração individualista que dificilmente “abre mão” dos seus desejos. Giovanetti (2013, p. 94-97) identifica esse espírito como sendo um sintoma daquilo que ele chama de “sociedade psi” onde o indivíduo passa a ser a principal fonte de referência de todas as decisões. Dessa forma, não “há causa coletiva que o arrebate para uma condição que tenha como limite rever sua autonomia individual” (SOUSA, 1999, p. 200).

Ainda citando Sousa (1999, p. 13) a conjuntura dos anos 1990 traz o perfil de uma “juventude que vive um tempo distante das grandes utopias transformadoras”. Os anos 1990 vêm respaldar a tese de que a juventude não é necessariamente portadora de utopias e projetos de transformação. Foi Ruth Cardoso (1995, p. 27-28), quem apontou que não se deve comparar os jovens dos anos 1960 e 1970 com os jovens dos anos 1980 e 1990. Isso porque ambas as juventudes possuem modos diferentes de participação nos espaços de sociabilidade. Por exemplo, na opinião de Novaes (2000, p. 54), “os jovens, através de atividades culturais e experimentos sociais, podem trazer para a agenda pública a questão dos sentimentos e

contribuir para a mudança de mentalidade”. Para ela, portanto, a preservação da individualidade em detrimento de um controle social por parte do grupo é vista como legítima.

Quando se chega na juventude dos anos de 2000 descobre-se que sua socialização se dá predominantemente por meio dos movimentos religiosos, principalmente os carismáticos e pentecostais, em sua manifestação mais recente chamada de “terceira onda” (SOFIATI, 2008, p. 4).

### **1.2.2. Panorama geral da religião no Brasil**

O censo do IBGE, de 2000, mostra as três principais mudanças no quadro da religião no Brasil: a diminuição percentual dos cristãos católicos de 83,76% em 1991 para 73,8% em 2000; o crescimento dos evangélicos de 9,05% em 1991 para 15,5% em 2000; e o aumento dos “sem religião” de 4,8% em 1991 para 7,4% em 2000 (IBGE *apud* NOVAES, 2005, p. 265).

Os dados mais recentes do Censo de 2010 revelam a continuidade desse declínio católico de 73,8% em 2000 para 64,6% em 2010, um percentual expressivo de 12,2%, algo em torno de 1,6 milhões de adeptos (CAMURÇA, 2013, p. 63). Já em relação aos protestantes, do qual fazem parte os pentecostais e os neopentecostais, que projetaram na opinião pública a classificação popular de “evangélicos”, os números são mais positivos. Eles que eram um “pequeno povo mui feliz”, conforme os seus próprios cânticos de origem norte-americana, partiram para a “concorrência” contra os católicos, enquanto religião hegemônica, e apresentaram um crescimento significativo.

Os números revelam que na década de 1990, eles passaram de 9,1% da população para 15,5% chegando na casa dos 26 milhões de adeptos. Dessa quantidade eles saltaram para 42,2 milhões em 2010, um aumento de 16 milhões. Vale destacar que esse crescimento foi alavancado pelos pentecostais que passaram de 10,4% em 2000 para 13,3% em 2010, estimando-se serem hoje cerca de 26 milhões de pessoas só nessa categoria de evangélicos (CAMURÇA, 2013, p. 64). Isso sem dizer que eles ganharam e continuam ganhando cada vez mais expressão no espaço público, na mídia e até mesmo na política (CAMPOS, 2004, p. 107-108).

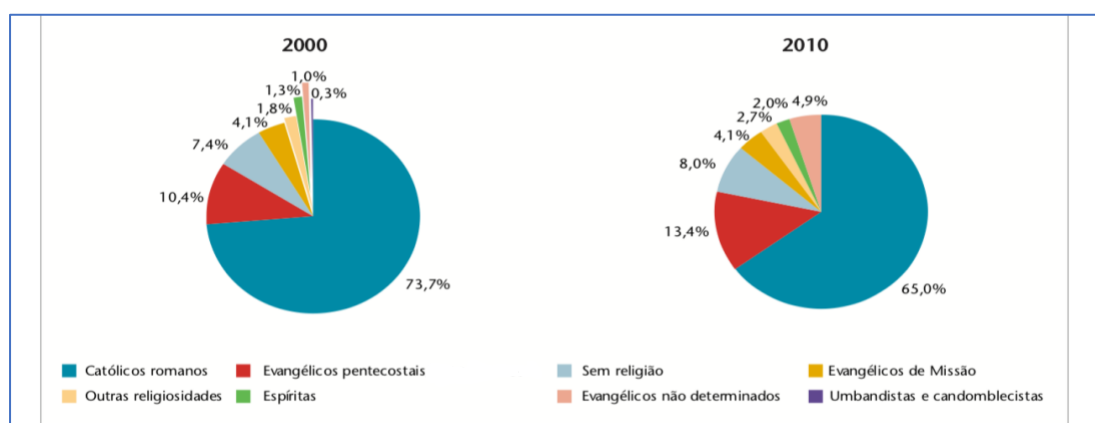
No contexto da periferia urbana, por exemplo, esse aumento dos evangélicos pentecostais se dá através da intensificação da diversidade religiosa alimentada pela liberdade garantida ao indivíduo de escolher sua religião. Esse direito, num ambiente onde grande parte dos direitos são negados historicamente, somado a propaganda religiosa que estimula o trânsito entre as religiões, são fatores que contribuem para a efervescência religiosa nas periferias urbanas (RIVERA, 2016, 24-26).

Outro dado que chama muita a atenção nos resultados do Censo de 2010 e que, inclusive, já se tornou alvo de muitas pesquisas foi o contínuo aumento daquela fatia social que se classifica como “sem-religião”. Embora o índice de crescimento tenha sido menor do que aquele que foi registrado no Censo de 2000 quando passaram de 4,8% para 7,28%, ainda assim os números são sugestivos. Camurça (2013, p. 66) aponta que de 2000 a 2010 esse grupo atingiu a marca dos 15,3 milhões, ou seja, um aumento de 3 milhões de pessoas.

Sobre “os novos movimentos religiosos”<sup>20</sup>, o Censo de 2010 indica que o espiritismo teve um aumento passando de 1,4% no Censo de 2000 (2,3 milhões de adeptos) para 2,0% no Censo de 2010 (3,8 milhões de seguidores). Os dados das religiões afro-brasileiras se mantiveram com os baixos percentuais de 0,3% (umbanda com 0,026% e candomblé com 0,08%). Mesmo com esses percentuais aparentemente inexpressivos, é importante destacar que essas outras religiosidades somadas aumentaram de 1,8% (2000) para 2,7% (2010) o que, indubitavelmente, sinaliza um aumento na diversidade religiosa brasileira (CAMURÇA, 2013, p. 67).

Perceba, a partir do gráfico abaixo, como se configura a distribuição percentual da população por grupos de religião segundo os dados mais recentes do IBGE de 2010:

**Gráfico 1 – Distribuição percentual da população, por grupos de religião (Brasil 2000/2010)**



Fonte: IBGE, 2010.

Essas oscilações no quadro religioso brasileiro, de um recenseamento para o outro, parecem apontar para a mobilidade e o trânsito religiosos e são mais facilmente explicáveis

<sup>20</sup> Expressão emprestada da obra “*Sociologia da Religião e Mudança Social*” (2004) que dedica uma seção para analisar o crescimento e as implicações dessas religiosidades no cenário nacional.

quando se leva em conta também que, como assevera o sociólogo Clemir Fernandes (apud PAINS, 2017), “a cultura brasileira é historicamente mais propensa à assimilação de diferentes credos do que a rejeição”. Em outras palavras, o sincretismo religioso compõe a cultura brasileira. Isso pode ser constatado também a partir de uma análise de muitos católicos e evangélicos que assimilam práticas de culturas africanas e do espiritismo mesmo que não se considerem seguidores dessa cultura.

Esse cenário acima apenas confirma o contexto maior da religião na contemporaneidade onde o pluralismo e o sincretismo religiosos andam de mãos dadas. No caso do Brasil isso fica ainda mais claro uma vez que o país é, historicamente, marcado pela miscigenação de etnias.

### **1.2.3. Panorama geral da religião entre os jovens brasileiros**

A religião se consolidou como uma das principais formas de organização grupal da juventude. Pesquisas apontam que em média 20% dos participantes dos grupos de oração dos cultos das igrejas pentecostais são jovens (PRANDI, 1998, p. 164). Além disso, diversas pesquisas, entre elas a *Pesquisa do Perfil da Juventude Brasileira* realizada pela fundação Perseu Abramo (2005), evidenciam que os jovens são organizados principalmente pelas instituições religiosas.

A pesquisa ainda demonstrou que, entre os assuntos que os jovens gostariam de discutir com os pais 43% pontuaram a religião (ABRAMO, 2005, p. 65). É diante dessa realidade que estudiosos da sociedade analisam as faces diversificadas dos adolescentes e jovens contemporâneos, chamando a atenção para os impactos que os fatores culturais produzem e como adolescentes e jovens reagem diante deste universo. São várias as formas que eles se apropriam para encarar esse mundo plural (LIBANIO, 2004, p. 16).

Regina Novaes (2005, p. 265), analisando os dados da pesquisa “*Retratos da Juventude Brasileira do Projeto Juventude*”, em relação a situação religiosa dos jovens, do total de jovens entrevistados, afirma que: 65% desses jovens de todo o país se declararam católicos, 22% se declararam evangélicos, 15% pentecostais e 5% não pentecostais. Foram 11% os jovens que se declararam "sem religião", sendo que 10% deles declararam acreditar em Deus, mas não ter religião, enquanto apenas 1% identificou-se como ateu e agnóstico.

Desses 22% que se declararam evangélicos, 42% são do sexo masculino e 58% do sexo feminino. Dos evangélicos históricos, 5% estão localizados nas cidades de grande porte, enquanto que os evangélicos pentecostais, 15% estão localizados em outras cidades de médio porte, e nas regiões metropolitanas (NOVAES, 2005, p. 268).

Os dados do IBGE revelam que, entre o movimento pentecostal o crescimento nos últimos anos foi significativo. Eles passaram de 10,4% em 2000 para 13,3% em 2010, estimando-se serem hoje cerca de 26 milhões de pessoas só nessa categoria de evangélicos (CAMURÇA, 2013, p. 64). Quanto à denominação evangélica, Novaes (2005, p. 269) faz o seguinte comentário:

O Brasil foi, desde o início, parte integrante do movimento pentecostal mundial. A história das duas mais antigas denominações pentecostais no Brasil – Assembléia de Deus e Congregação Cristã do Brasil – acontece simultaneamente com a história americana. Embora hoje existam, cada vez mais, diferenças significativas entre as próprias denominações que se proliferam no Brasil nas últimas décadas, consideradas pentecostais, são as seguintes ênfases doutrinárias que diferenciam os pentecostais dos evangélicos históricos: enfatizam a urgência da conversão como caminho de salvação ante os desmandos do mundo e acreditam ter acesso, no dia-a-dia, aos dons e carismas do Espírito Santo para as curas dos males do corpo e da alma.

Uma vez que essa pesquisa já tenha sinalizado o comportamento de mobilidade religiosa entre os jovens que constitui o cenário nacional, vale registrar aqui algumas constatações desse trânsito que afetam diretamente a juventude. Os números abaixo foram extraídos da pesquisa do Ceris (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais)<sup>21</sup> e é a partir desses dados que se pode construir um perfil das mudanças de religião no Brasil.

A mobilidade religiosa no Brasil é um fenômeno que ocorre em aproximadamente 20% da população. No que se refere à mobilidade religiosa entre os católicos, os dados mostram que, 13,8% migraram para as igrejas evangélicas históricas, 58,9% para as igrejas evangélicas pentecostais, 16,3% para outras religiões, 10,9% para religiões indeterminadas e 0,1% encontra-se entre os “sem religião” e ateus (CERIS, 2004).

No que se refere aos evangélicos históricos, 21,3% migraram dentro das próprias igrejas evangélicas históricas, 50,7% migraram para as igrejas evangélicas pentecostais, 26,9% migraram para a igreja católica e 1,1% para outras religiões. Entre os evangélicos pentecostais, 40,8% dos fiéis transitam no interior das próprias igrejas pentecostais; 40,2% dos seus fiéis migraram para os evangélicos históricos; 18,7% para a igreja católica e 0,4% para outras religiões. No que se refere às pessoas sem religião 11,8% migraram para as igrejas evangélicas históricas, 33,2%, para as igrejas evangélicas pentecostais, 23,1%, para a igreja católica, 15,8% foram para outras religiões e 16,1% migraram para as religiões indefinidas.

A maneira como cada religião se estrutura, exerce a sua espiritualidade e oferece os seus bens e serviços, faz parte dos motivos para que aconteça o trânsito religioso, que vem se

<sup>21</sup> Segundo o próprio site que divulga essa pesquisa ([www.ceris.org.br/mobilidadereologica](http://www.ceris.org.br/mobilidadereologica)) o propósito da mesma foi o de mapear os motivos e as características da mudança de religião na população brasileira.

estruturando de forma cada vez mais sincrética e plural<sup>22</sup>. Segundo Brandão (2005, p. 42): “O verdadeiro sentido da experiência religiosa em um mundo culturalmente plural está justamente na pluralidade das manifestações da fé em inúmeras religiões convergentemente diferentes”.

É nesse campo religioso plural e concorrente que muitos jovens na atualidade são desafiados a fazer suas escolhas. A sociedade contemporânea oferece diversas manifestações religiosas de maneira atraente para a juventude. É a partir do repertório de crenças e práticas disponíveis em vários sistemas religiosos que alguns jovens procuram elaborar a sua síntese pessoal.

Das muitas conclusões que se pode tirar desse quadro, vale afirmar que a procura do religioso na vida do jovem está diretamente relacionada com a busca da autonomia, com a construção da identidade parental (conflito familiar) e social (conflito com o mundo), além do desejo de experimentação de novas sensações e de novas experiências. Esse contexto cria, sem dúvida alguma, uma religiosidade da juventude que é diferenciada.

### **1.3. Um balanço dos estudos sobre Religião e Juventude no Brasil**

Nos próximos subtópicos pretende-se fazer uma análise geral das principais bibliografias dos pesquisadores Regina Novaes e Flávio Sofiati, reconhecidos como estudiosos da temática de Religião e Juventude no contexto brasileiro. Essa análise sistematizará as principais características que esses pesquisadores elencam como representando as tendências da juventude brasileira contemporânea quando o assunto é religião.

#### **1.3.1. Juventude, religião e sincretismos**

Novaes é a responsável por um dos artigos considerados pioneiros na articulação dos temas religião e juventude. *Religião e Política: sincretismos entre alunos de Ciências Sociais* (1994), além de ostentar um caráter inédito, o artigo também foi responsável por vários desdobramentos acadêmicos<sup>23</sup>. Um de seus aspectos diferenciais é o de que ele se concentrou

<sup>22</sup> O jornalista Rodrigo Cardoso publicou, em 2016, uma matéria intitulada “O novo retrato da fé no Brasil” onde ele reúne várias pesquisas acerca da mobilidade religiosa no cenário brasileiro. O artigo está disponível em <https://bit.ly/2YBiVog>. Acesso em: 15 out. 2018.

<sup>23</sup> O Núcleo de Estudos da Religião (NER) da UFRGS, por exemplo, inspirado nesse artigo objetivou ampliá-lo analisando o perfil religioso dos estudantes dos cursos de Ciências Sociais envolvendo as seguintes universidades: UFRGS, UNISINOS, PUC-RS, UFMG, UFJF e UFRJ, publicando os resultados nos *Debates do NER*, nº 2, 2001.

na questão das hibridizações culturais contemporâneas, sob a formulação de sincretismo (CAMURÇA e TAVARES, 2004, p. 24).

O que a princípio foi concebido como um artigo para explicitar algumas crenças religiosas a partir de uma aula ministrada no Instituto de Ciências Sociais e Filosofia da UFRJ, por Novaes, acerca de “Ritual e Simbolismo”, se transformou num projeto em que os alunos passaram a pesquisar a sua religião e a religião dos pais encontrando mais continuidades que demarcações daquele espaço universitário laico com o campo religioso brasileiro. Ademais, para se evitar um provável “vício” naquela amostra onde os alunos de pertença religiosa poderiam estar mais interessados que outros num curso sobre ritual e simbolismo, a autora resolveu aplicar um *survey* para o restante dos alunos do Instituto, onde se cruzava pertencimento religioso com variáveis como sexo, cor, escolaridade dos pais, local de moradia, etc (NOVAES, 1994, p. 87).

A partir dos resultados dessas primeiras pesquisas, Novaes, num primeiro momento, inferiu que o fator religioso está presente mais em estudantes, negros, mulheres, membros de famílias com menor grau de escolaridade e moradores de periferia, e isto pareceu apontar a religião como um dos indicadores da identidade dos mais pauperizados que atingem as esferas do saber/poder. Entretanto, a pesquisadora preferiu extrapolar essa conclusão e especular, na perspectiva do sincretismo, que os índices percentuais dessas pertenças ou adesões religiosas, não são "congelados" em cada quesito, mas marcados por alternâncias, mudanças e combinações (NOVAES, 2012, p. 188).

Para ela, ao longo do transcurso de vida destes estudantes, em meio a escolhas religiosas, contato com as ciências sociais e/ou ativismo político, ocorre uma porção de sincretismos, tornando o ambiente universitário, especialmente o curso de Ciências Sociais, reduto onde ocorreu a pesquisa, um "marco socializador" e um espaço oportuno para essas combinações.

### **1.3.2. Juventude, religião e marcos geracionais**

Em outro artigo, intitulado *Juventude e Religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas* (2001), Novaes retoma o tema da juventude e religião, sob a perspectiva sincretista, com o diferencial de que ela adiciona a ideia dos “marcos geracionais” dialogando com uma literatura mais especializada acerca do conceito do que é “juventude”. Camurça e Tavares (2004, p. 26) atribuem essa discussão ao fato de Regina Novaes, nesse momento, estar inserida mais diretamente no mundo das ONGs com atuação na “sociedade civil” o que, possivelmente, a teria colocado diante da definição biológica da Organização

Internacional da Juventude acerca da categoria “juventude”<sup>24</sup> provocando, assim, a necessidade da autora confrontar alguns conceitos convencionais mostrando como regras socialmente construídas fazem variar essa faixa etária nas diferentes culturas e no interior de uma mesma cultura.

Ainda dentro dessa discussão, Novaes (2001, p. 183) recupera a idéia de "condição biológica" mais como uma representação, que se constitui em torno da percepção de um "fruir da vida plenamente". Além disso, ela considera três condicionantes sociais a compor essa experiência geracional comum. São eles: a incerteza diante do mercado de trabalho, a violência urbana e a linguagem da comunicação visual (*internet*).

Outro elemento interessante sinalizado por Novaes nesse artigo mais recente (2000) tem que ver com a confirmação de uma tendência notada por ela já na pesquisa e artigo anteriores – de que havia um conjunto representativo de jovens com religiosidade, mas desconectados das instituições religiosas, isto é, em "trânsito" e fazendo uso dos recursos religiosos com fins terapêuticos e também de auto-conhecimento (NOVAES, 2012, p. 188). Essa inferência parece estar em sintonia com uma situação geral expressa no Censo de 2000, que identifica o contingente dos "sem religião" dobrando de 6,9 milhões do censo anterior para 12,3 milhões sendo o Rio de Janeiro – cidade que sedia o Curso de Ciências Sociais analisado – indicado pelo Censo como o estado da federação com o maior índice de "sem religião", cerca de 15,5%.

Vale destacar também que a combinação do tema do sincretismo aliado aos marcos geracionais, proposta por Novaes nesse último artigo (2000), ajuda a perceber como os jovens, a partir da referência de uma alteridade (outros jovens) e de contextos socioculturais disponíveis, elaboram classificações singulares de crenças e religiosidades que, mesmo provisoriamente, lhes fornecem identidades (CAMURÇA e TAVARES, 2004, p. 28).

Um terceiro material inserido na temática de religião e juventude foi produzido sob a coordenação do Núcleo de Estudos da Religião (NER) da UFRGS. Embora não tenha contado com a participação direta da pesquisadora Regina Novaes, os coordenadores do projeto assumem que a inspiração do mesmo se originou nas pesquisas de Novaes (STEIL, ALVES e HERRERA, 2001, p. 10). Eles empreendem uma análise do perfil religioso dos estudantes dos cursos de Ciências Sociais envolvendo as seguintes universidades: UFRGS, UNISINOS, PUC-RS, UFMG, UFJF e UFRJ.

Dois pontos se destacam nessa pesquisa em contraste com a realizada por Novaes em 1994. Em primeiro lugar, sua maior abrangência e, por conseguinte, sua tentativa de contribuir

<sup>24</sup> Essa organização define juventude como sendo o período da vida que compreende os 15 a 24 anos de idade.

para o estabelecimento de um perfil deste segmento no que tange ao imaginário religioso. E, em segundo lugar, um "deslocamento da questão do sincretismo", central na pesquisa de Novaes, "para um inventário de práticas e representações" sobre religião e política na juventude universitária analisada (STEIL, ALVES e HERRERA, 2001, p. 07).

### **1.3.3. Juventude, religião e hibridismo cultural**

Os trabalhos subsequentes de Regina Novaes, dentro da temática da juventude e religião, aparentam indicar uma ampliação no seu objeto de estudo. Se seus primeiros textos, conforme já demonstrado, estavam focados no âmbito da universidade, especialmente no curso de Ciências Sociais, seus últimos textos passam a abranger as manifestações culturais da juventude brasileira em geral, focando o tema da violência urbana.

Seu texto *Ouvir para Crer: os Racionais e a fé na palavra*, (1999), abre uma reflexão acerca de como as expressões culturais juvenis urbanas no Brasil articulam os temas: juventude, violência e linguagem religiosa. Segundo Novaes (2012, p. 193), nesta nossa sociedade "globalizada", a "diferença" e o "fora do lugar" podem ganhar uma importância no mercado e sua mensagem passa a ser repercutida na sociedade mais ampla, apropriada por vários outros segmentos.

Nesse sentido, grupos como os Racionais MCs veiculam um estilo que acentua traços socialmente associados à periferia e à contracultura (vinculados à denúncia social, geralmente da violência policial), mas que permitem que jovens de condição social diferente partilhem deste mesmo universo de referência. Aqui, o tema do hibridismo dos artigos anteriores, com suas passagens, comunicações e encontros, ganha, de novo, vulto.

E é exatamente nessa reflexão acerca do hibridismo cultural que se encontra a interface com o sincretismo religioso. Ao ressaltar, por exemplo, a conexão, expressa nas letras destes *raps*, entre Jesus e Oxalá, a autora conclui que a mensagem contida neles recupera o tradicional sincretismo religioso afro-católico como forma de expressar um *ethos* de negritude e cultura de sobrevivência diante da violência e marginalização despersonalizadora a que são submetidas estas populações.

Além desse "sincretismo clássico", a autora Novaes (1999, p. 75) constata que as letras dos *raps* também expressam a "religiosidade difusa", tão característica dos "religiosos sem instituição". Aqui a autora retoma, dentro do enfoque da cultura, o diagnóstico daquela mesma tendência societária (da religiosidade desinstitucionalizada, individualizante e híbrida) constatada nas etnografias anteriores das juventudes universitárias.

Esse mesmo enfoque de se valer da dimensão cultural do “*hip hop*” para refletir acerca da temática da juventude e religião vai aparecer em outro texto de Regina Novaes intitulado “*Errantes do novo milênio: salmos e versículos bíblicos no espaço público*” (2003). A diferença, no entanto, deste último em relação ao anterior, é que ele não se fixa num estudo de caso, mas propõe uma tipologia de linguagem religiosa nos *rap*’s: *rap* gospel, *rap* sincrético e *rap* feito de salmos. Na avaliação da autora (2003, p. 27) o rap gospel estaria caracterizado pela sua pertença confessional evangélica; na zona intermediária o *rap* sincrético, representativo dos empréstimos múltiplos entre católicos e afro-brasileiros que marcaram a religiosidade tradicional no Brasil; no outro extremo, o *rap* dos salmos, que explora uma linguagem religiosa descompromissada das igrejas e agentes religiosos, caracterizando-se como fenômeno contemporâneo da “desinstitucionalização” e dos “religiosos sem religião”.

Outro aspecto destacado por Novaes nesse artigo e que merece atenção é o fato de ela diagnosticar essa relação entre juventude e religião como estando dentro do espaço público. Essa dinâmica, segundo a autora (2003, p. 37), ocorre para dois fins básicos. O primeiro o de gerar uma identidade própria na juventude local que seja avessa às drogas e à criminalidade, sem perder suas raízes, e a segunda de se valer dos conteúdos religiosos das letras num “esforço civilizatório”, pois ao invocarem a figura de Deus (Jesus, Oxalá) diante de uma realidade em que impera a barbárie, criam um último esforço de “simbolizar a lei” e de difundir a ética, para, nas próprias palavras dos *raps*, “não deixar a vida desandar”. Desta forma, a cultura *hip-hop* constitui-se num oásis de espaço público em regiões periféricas dos grandes núcleos urbanos, “privatizados pelo tráfico e submetidos à violência e corrupção policial”.

Por fim, essa gradativa dilatação na perspectiva de Novaes em relação a questão da juventude alcança seu ápice na pesquisa quantitativa *Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos* (2002), tanto pela variedade das temáticas envolvidas (a religião sendo uma das principais) quanto pelo universo pesquisado, os jovens do município do Rio de Janeiro. Nessa pesquisa, o ponto de vista de vários grupos juvenis (políticos, culturais, religiosos, etc) é questionado acerca de várias mazelas sociais e suas possíveis superações.

No que diz respeito ao tópico “Religião e Crenças”, numa primeira aproximação pode-se perceber que em relação às preferências religiosas da população do Rio, os jovens as acompanham, no entanto, radicalizando-as. Dos 57,16% de católicos - o Rio é o estado da federação com menor número de católicos - esta proporção cai para 51,9% entre os jovens cariocas. Quanto aos evangélicos - segunda religião na média brasileira e carioca - dos 21,13% da população cai para 18,6% entre a juventude. E, por fim, dos “sem religião” da população carioca, 15,53% - a maior população de “sem religião” do país - a proporção aumenta ainda

mais entre os jovens: 21,2%. Convém dizer que - acompanhando as outras pesquisas qualitativas de Novaes sobre o mundo da cultura jovem e a religião e as outras quantitativas, da mesma autora, sobre universos mais restritos, como universitários - estes jovens "sem religião" não se colocam como ateus (só apenas 0,8% se declaram assim), mas se dizem na maioria, 15,9%, possuírem crenças, mas não religião (CAMURÇA e TAVARES, 2004, p. 41).

Temas polêmicos como os que envolvem a moral sexual, como aborto e união civil entre homossexuais, também foram abordados. A aceitação da possibilidade de aborto é mais alta entre os católicos não praticantes, religiões afro-brasileiras e "sem religião" e tem sua maior oposição entre os evangélicos. Com relação ao casamento homossexual, houve uma polarização: 50% indiferentes, com maioria entre católicos não-praticantes e espíritas, 25% contra, principalmente entre pentecostais e 25% a favor, principalmente entre os afro-brasileiros.

Para Regina Novaes (2004, p. 327 e 328) as tendências que aparecem em jogo nesta e em suas outras pesquisas – a desvinculação institucional, o trânsito entre religiões e o sincretismo cultural e religioso – fazem parte de uma mesma dinâmica de competição e complementaridade que configuram, cada dia mais, o mapa religioso da juventude brasileira atual.

#### **1.3.4. Juventude, religião e reencantamento da sociedade**

Sofiati se vale, em sua pesquisa, dos conceitos weberianos acerca do processo de “racionalização-desencantamento-secularização” e de seu contraponto que pode ser identificado como “reencantamento e dessecularização” para provocar uma reflexão acerca da condição religiosa da juventude brasileira (SOFIATI, 2011, p. 93 e 99). Mesmo reconhecendo o que Pierucci já havia indicado (2003, p. 137-138), que Weber não é um sociólogo da religião, mas um sociólogo da racionalização, não há como se ignorar a notável relação entre o processo de “desencantamento do mundo” (diretamente ligado a esfera religiosa) e o processo de “racionalização do Ocidente”. É na síntese entre esses dois processos que se dá o fenômeno da secularização (SOFIATI, 2011, p. 93), definido por Berger (1985, p. 119) como um “processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos”.

Embora se reconheça a historicidade e os desdobramentos desses processos sociais supracitados, Sofiati traz à discussão os conceitos de “reencantamento do mundo” e “dessecularização” como contrapontos necessários para se entender a condição religiosa contemporânea, especialmente no contexto dos jovens brasileiros. Por mais irônico que se possa

parecer, é o próprio Peter Berger que melhor definiu secularização, um dos responsáveis pela tese da dessecularização. “O mundo de hoje [...] é tão ferozmente religioso quanto antes” (BERGER, 2001, p. 10). Para ele, as instituições religiosas perderam poder e influência na sociedade, mas as crenças e práticas religiosas permaneceram presentes na vida das pessoas e se reorganizaram a partir de novas instituições. Isso não significa que Berger, conforme demonstra Mariz (2001, p. 27), esteja negando o processo de secularização senão que:

O uso do termo dessecularização implica, pois, que algum tipo de secularização ocorreu, e conseqüentemente, quando fala de dessecularização, o autor contradiz sua afirmação de que nunca o mundo foi secular, e vai também contra a sua negativa tão categórica da teoria da secularização.

As comunidades e instituições religiosas assumiram duas estratégias de relação com o mundo moderno: a rejeição e a adaptação. Aqueles que não tentaram se adaptar a esse mundo conseguiram sobreviver e até florescer no cenário atual. Em contrapartida, as religiões que buscaram se adaptar à modernidade acabaram fracassando. Logo, houve um crescimento das instituições religiosas conservadoras, ortodoxas ou tradicionalistas que rejeitaram o mundo atual e um declínio das instituições que tentaram o ajustamento.<sup>25</sup>

Berger (2001, p. 17) ainda aponta, como exemplo desse quadro sugerido acima, dois movimentos: o islamismo e o movimento evangélico, principalmente em sua vertente pentecostal. E indica dois fatores que provocaram a ressurgência da religião no mundo: 1) “a modernidade tende a solapar as certezas com as quais as pessoas convivem ao longo da história [...] e os movimentos religiosos que prometem certezas são atraentes”; 2) “uma visão puramente secular da realidade encontra seu principal lugar social numa cultura de elite [...] Os movimentos religiosos com uma tendência fortemente anti-secular podem então atrair pessoas com ressentimentos originados às vezes em motivações claramente não-religiosas”.

É exatamente esse contexto que Sofiati (2011, p. 122) vai apontar como uma incubadora para os movimentos religiosos em crescimento no Brasil. Para ele, a Renovação Carismática, que atrai e pretende fidelizar boa parte da juventude católica<sup>26</sup>, faz parte do contexto de pentecostalização das religiões, sendo um exemplo do argumento de que o Brasil é um país no

<sup>25</sup> Recentemente foi publicada uma pesquisa intitulada *Theology Matters: comparing the traits of growing and declining mainline protestant churches attendes and clergy* onde os autores Haskell, Flatt e Burgoyne (2016) discutem, a partir de uma pesquisa de campo realizada em algumas igrejas protestantes do Canadá, as razões pelas quais algumas delas estão em ascensão e outras em declínio. Um dos fatores que eles destacam como sendo determinante naquelas que estão em crescimento é seu conservadorismo teológico.

<sup>26</sup> Sofiati (2011, p. 182) cita, em sua pesquisa, que o movimento juvenil chamado PHN tem como intuito “evitar a rotatividade” dos jovens, mantendo-os fiéis por meio de um método de “evangelização pós-conversão”. Ele ainda menciona uma entrevista que fez com o padre Dunga, idealizador do projeto, onde este reconhece que a maior dificuldade do jovem é a “permanência” e por isso da existência do movimento.

qual ocorre um fenômeno de semi-encantamento e secularização relativa. Mais curioso ainda é o fato de que, apesar de pertencer ao setor “modernizador-conservador”<sup>27</sup> da Igreja Católica, a Renovação Carismática consegue manter seu caráter magicizado e de distanciamento do mundo mesmo dentro dos setores sociais mais elevados em termos de bens culturais.

É nessa faixa paradoxal entre o processo modernizante da secularização e o reencantamento da sociedade que Sofiati situa o cenário religioso brasileiro ao fazer um empréstimo do conceito de Negrão (2005, p. 35) que defende que a racionalização mediante o desencantamento do mundo é um passo teoricamente prévio, porém, historicamente não efetivado no Brasil e explica que esse descompasso ocorre pelo fato da nossa modernização racionalizante ser extra-religiosa. O que houve, portanto, no Brasil foi a persistência do encantamento do mundo, mas apenas no plano das mentalidades, já que o país se secularizou no âmbito da sociedade, havendo a separação entre Igreja e Estado, pelo menos do ponto de vista jurídico, com uma administração racional por meio de códigos legais e sem a influência decisiva de grupos religiosos, embora na prática essa separação ainda não seja tão efetiva.

Essa mentalidade popular encantada, da qual fala Negrão, repleta de sincretismo religioso, crenças em milagres e apelo à magia, é um terreno propício para a gestação do pentecostalismo e do movimento carismático, pois estes também trazem em seu cerne uma visão magificada de mundo e uma inclinação a experiência mística sensorial que funciona como um polo de atração para uma juventude em busca de uma religiosidade pautada na emoção e na espiritualidade. Para Sofiati (2011, p. 153):

Em primeiro lugar, a relação de causalidade entre a realidade social do jovem e o cenário religioso no Brasil se realiza a partir da idéia de que a crise social leva à falta de projeto de futuro que por sua vez conduz, em muitos casos, à religião. Portanto, a ênfase dessa relação causal está não exatamente nas dificuldades sociais enfrentadas pelos jovens, mas, sobretudo, na crise de futuro que o cenário atual tem conduzido. Em segundo lugar, a análise do contexto entre os jovens e do cenário religioso possibilita estabelecer uma afinidade eletiva entre o jovem brasileiro e as religiões carismáticas e pentecostais, para além de uma subjetividade da juventude “funcionalmente religiosa” em sua potencialidade. Significa afirmar que a juventude opta por religiões que o ajudem a superar suas dificuldades, todavia, a superação deve ser imediata e mágica.

Esse é o quadro que descreve uma parte do perfil da juventude católica carismática estudada por Sofiati (2011, p. 156). Seus encontros são notadamente marcados por “experiências pessoais de encontro com Deus”, “grande foco na emoção”, “vivência comunitária” e “cultura midiática” (CARRANZA e MARIZ, 2009, p. 130-141). Um desses

<sup>27</sup> A discussão acerca desses paradigmas de classificação será retomada adiante.

itens que merece destaque é o caráter fortemente comunitário do movimento da juventude. Em contraste aberto com a proposta de “autonomia de negociação” do fiel em relação ao universo religioso, proposta por Luckmann (1973, p. 119), as comunidades carismáticas de jovens, segundo Sofiati (2011, p. 173):

passam a dar sentido à vida e identidade do indivíduo que nela ingressa, tirando-os das incertezas presentes na sociedade e ligando-os a um projeto comunitário de caráter divino, onde se perde a autonomia pessoal, mas se ganha um projeto de vida consistente e seguro.

Mais uma vez o que se vê nesse movimento carismático jovem é seu poder de negociação com os elementos da modernidade secularizada e, simultaneamente, reencantada. Isso porque ele apresenta elementos distantes da realidade atual – como a restrição da vida sexual ativa, o confronto ao consumismo e o individualismo – e ao mesmo tempo próximos da realidade contemporânea – como a valorização de símbolos e da diversidade estética, a adoção da emoção como marca da experiência religiosa e a afinidade com a mídia e eventos de massa (CARRANZA e MARIZ, 2009, p. 150).

### **1.3.5. Juventude, religião e pluralismo**

Sofiati, em sua pesquisa, reconhece a relação entre pluralismo religioso e o processo de secularização se valendo novamente de Peter Berger (1985, p. 139) que defendia que o pluralismo religioso tem efeito secularizador na sociedade na medida em que multiplica o número de estruturas de plausibilidade, relativiza o conteúdo dos discursos religiosos concorrentes, torna a religião assunto privado e subjetivo, além de gerar ceticismo e descrença. Trata-se de um fenômeno típico da modernidade plural, que provoca a crise das “estruturas fechadas” e convoca a “sistemas abertos de conhecimento”.

Essa configuração religiosa plural é um fato na realidade brasileira, conforme já indicado nessa pesquisa, a partir de alguns dos resultados do Censo de 2010. Vale lembrar, no entanto, que quando se fala de um “pluralismo religioso”, especialmente no contexto brasileiro, está se falando de uma diversidade no interior do próprio cristianismo<sup>28</sup>. O que ocorre é uma multiplicidade de denominações religiosas, especialmente entre os evangélicos e uma diversidade de tendências no seio da Igreja Católica. O destaque se dá para o contínuo aumento da vertente pentecostal, entre os evangélicos, e carismática, entre os católicos (SOFIATI, 2011, p. 107).

<sup>28</sup> Isso é notório ao se constatar que quase 90% da população brasileira ainda se classifica como cristã. Dados publicados no último Censo apontam para um contingente de aproximadamente 65% de católicos e 25% de evangélicos, conforme se verá no segundo capítulo deste trabalho.

Muito embora haja toda uma disputa apresentada e discutida por Sofiati (2011, p. 112) em relação ao subproduto positivo ou negativo do pluralismo religioso para as Igrejas – para Berger, por exemplo, o pluralismo enfraqueceu a religião, enquanto para Stark, Finke e Iannaccone, o pluralismo a fortaleceu – o importante para esse estudo é reconhecer que o apelo a diversidade religiosa possibilitou ou até mesmo, de certa forma, promoveu uma abertura maior aos movimentos com propostas religiosas específicas dentro do catolicismo que estava em declínio.

Os grupos juvenis, estudados por Sofiati, por exemplo, que fazem parte da Renovação Carismática – sendo o PHN um dos mais notórios – se originam a partir dessas novas possibilidades com o intuito de fidelizar a juventude católica num contexto de evasão religiosa (SOFIATI, 2011, p. 183). Outros movimentos que surgem nesse contexto, no interior do catolicismo, também são indicados por Sofiati (2011, p. 115) como podendo ser classificados em “Tradicionalistas, Reformistas, Radicais e Modernizadores-Convencionalistas”.

Para Mariz (2011, p. 53) o campo religioso tende a se pluralizar quando os monopólios religiosos são ameaçados. No caso do catolicismo, ela afirma que “a queda na proporção de católicos parece estar sendo acompanhada por um relativo reavivamento religioso”, havendo inclusive uma intensificação da diversidade católica. A autora constata, por exemplo, que o número de católicos carismáticos triplicou nos anos 1990.

O movimento jovem carismático conhecido como PHN nasceu, portanto, dentro desse contexto de tendências plurais no interior do catolicismo e, ao mesmo tempo, com o intuito de responder aos anseios religiosos da juventude brasileira que, basicamente, é identificada como estando a procura de: (1) sentido para a vida; (2) um caminho de superação dos obstáculos sociais (dificuldade financeiras e/ou de inserção no mercado de trabalho) e pessoais (frustrações afetivas e/ou dificuldades no ambiente familiar) e (3) formação da própria identidade (SOFIATI, 2011, p. 155).

### **Conclusões do primeiro capítulo**

Nesse primeiro capítulo observou-se que o pluralismo e a subjetividade são marcas distintivas da sociedade contemporânea que geram um clima de maior instabilidade de sentido e crise de identidade quando comparada a sociedade na Era Moderna em que as convicções e seguranças eram supervalorizadas.

A ideia de um sentido único e de uma identidade essencialmente constituída de uma interioridade *a priori* – conceitos estes que distinguiam o pensamento moderno – foram

desestabilizados pela proposta, caracteristicamente atual, de uma multiplicidade de sentidos e de uma identidade social e culturalmente construída.

A condição religiosa entre os jovens se projeta dentro desse cenário tendo um grupo que, uma vez absorvendo a pluralidade de ofertas e a autonomia de escolha, busca uma experiência efêmera – do aqui e do agora – que lhe satisfaça as necessidades imediatas, não visando, necessariamente, a um compromisso ou a um vínculo religioso. Em contrapartida, há um outro grupo que reage a essa tendência sociocultural assumindo uma postura mais conservadora ou até, pode-se dizer, fundamentalista no intuito de preservar uma certa segurança de identidade e de sentido num contexto fragmentado.

Esse embate de reações a esse mundo onde se fertilizam as ofertas de sentido ocorre não apenas no quadro mais amplo das religiões, mas também no interior das religiões, como por exemplo, do cristianismo e, mais especificamente, de seus “ismos” internos – catolicismo, protestantismo, pentecostalismo, adventismo, etc.

O que se constatou também é que essa mudança no quadro religioso que constituiu o jovem contemporâneo menos refém do tradicionalismo e do dogmatismo institucional pode provocar e, na maioria dos casos provoca, uma alteração no caráter das instituições uma vez que elas acabam sentindo a necessidade de passar por um processo de adaptação para atender a nova demanda do “mercado” religioso.

Ainda nesse primeiro capítulo, pode-se perceber que a história dos agrupamentos juvenis no Brasil foi marcada, num primeiro momento, especialmente nas décadas de 60 e 70, por um viés mais político enquanto que nas décadas de 80 e 90 por um viés mais cultural. Nesse período, as utopias que moviam os grupos juvenis foram suplantadas por uma busca pela coletivização das características individuais no intuito de se encontrar um espaço social para as chamadas “tribos urbanas”. Já a partir do ano 2000, constatam-se novos agrupamentos juvenis organizados a partir dos movimentos religiosos principalmente pelos de cunho carismático como o que ocorre no interior do catolicismo, do pentecostalismo e neopentecostalismo.

Na análise que é feita do panorama geral da religião no Brasil identifica-se um considerável declínio do catolicismo seguido de um aumento do movimento protestante, com destaque para os pentecostais, e um aumento dos sem religião, com a observação de que não necessariamente eles sejam pessoas irreligiosas, mas talvez apenas desvinculadas de uma instituição religiosa. Dado este que se comprova pela reflexão que Novaes faz da pesquisa “*Retratos da Juventude Brasileira do Projeto Juventude*” onde dos 11% que se declaram sem religião, 10% disseram acreditar em Deus. E, em pesquisas mais recentes, uma delas publicada pelo jornal O Globo, destaca-se o sensível aumento de religiosidades alternativas como as

orientais, o que indica um nítido sincretismo que se harmoniza com as análises feitas por Regina Novaes acerca da religiosidade da juventude.

Por fim, o capítulo se preocupou em oferecer um balanço acerca dos principais estudos acerca da temática religião e juventude. O que se constatou é que a Novaes se vale de três referências principais que norteiam a sua discussão, o desenvolvimento e a ampliação de suas pesquisas quando o assunto é juventude e religião. O sincretismo (sendo este o principal), os marcos geracionais (embora essa referência seja mais restrita ela aparece na interface da discussão acerca da condição biológica da juventude) e o hibridismo cultural que é uma expressão cunhada para fazer par ao sincretismo religioso. Novaes parece sugerir que esse hibridismo cultural é uma espécie de subproduto do sincretismo uma vez que as características culturais mescladas apontam para um sincretismo também da religião entre os jovens.

Já no caso do Flávio Sofiati, ele trabalha a partir de uma referência principal que é o conceito de “secularização” e “reencantamento da sociedade”. Para ele, o cenário religioso brasileiro, mais especificamente o cenário entre os jovens, encontra-se numa faixa intermediária que ele chamou de “semi-encantamento” e de um processo secularizante não efetivado. Se de um lado a sociedade parece estar secularizada (a separação da igreja e estado sendo um indício), por outro lado a mentalidade brasileira é essencialmente inclinada a religião.

No caso dos jovens, ele apresenta como uma das causas principais para essa inclinação religiosa não apenas o cenário religiosamente plural, como faz Novaes, mas aquilo que ele chama de “crise de futuro” que é um subproduto da crise social. Em outras palavras o jovem se lança na busca religiosa em busca de um sentido último para seu futuro, algo que o cenário social - político e econômico principalmente – parece não ter perspectiva de oferecer. Uma segunda causa para essa busca religiosa, segundo Sofiati, seria a necessidade do jovem superar suas dificuldades por meio de soluções mais imediatas e mágicas.

E a terceira, e última, referência utilizada para explicar essa associação entre a juventude e religião no Brasil é a pluralidade. Mas a pluralidade a qual se refere Sofiati, diferente do sincretismo de Novaes, tem que ver com a quantidade de tendências religiosas dentro do próprio cristianismo. Para ele, um sistema ou denominação religiosa que se sente ameaçada expande sua mentalidade para novas experimentações. Como exemplo, ele cita o que aconteceu com o catolicismo quando, por conta de seu declínio, inaugurou novas tendências em seu interior sendo o movimento carismático, mais especificamente o PHN voltado para os jovens, um dos principais.

Como se pode verificar, esse capítulo situou, em linhas gerais, o contexto religioso da juventude da sociedade brasileira atual. As perguntas que introduzirão o próximo capítulo tocarão na relação entre a juventude e o movimento adventista.

## **CAPÍTULO II – O JOVEM ADVENTISTA NA IASD E NOS DADOS DO IBGE**

Este capítulo está dividido em duas seções, sendo a primeira de cunho qualitativo e a segunda de cunho quantitativo. A primeira revisa o desenvolvimento do ministério adventista voltado para jovens focando a filosofia de trabalho que o pautou e ainda pauta até hoje. Nos interessa mostrar qual foi a compreensão que o ministério jovem da IASD tem de sua própria missão. Entender esse contexto lançará as bases para compreender melhor o teor dos conteúdos que a IASD produz a fim de alcançar e nutrir a experiência religiosa de seu público jovem.

Com este intuito, o referencial teórico de maior contribuição, embora não seja um acadêmico, é Malcolm Allen, um pesquisador nativo da IASD cuja obra “Salvação e Serviço” (2012) se tornou uma das publicações mais consultadas pela própria organização quando o assunto é ministério jovem na IASD. Embora os dados e a perspectiva desta obra sejam institucionais e não estejam imunes à discussão, ela ainda auxilia na percepção que a instituição tem de sua ação em relação a juventude.

Na segunda seção fazemos um levantamento organizado de dados importantes relacionados a juventude adventista do Brasil em comparação com a juventude brasileira, em geral, nos anos de 1991, 2000 e 2010, pois são os anos em que se publicaram os últimos Censos do IBGE. Vale dizer que os dados obtidos nesta seção tocam também em características relevantes da juventude - tais como: local de residência, gênero, perfil socioeconômico, escolaridade, etc – que auxiliarão na composição de um quadro mais específico do contexto da virada do século no Brasil.

O que se pretende com esse capítulo é oferecer uma visão mais nítida acerca de *quem* são os jovens adventistas; *por que* eles são assim; *quantos* são eles no contexto brasileiro nas últimas décadas e *quais* suas *características* marcantes e *tendências*. Conforme já sinalizado, os dados para esse levantamento foram extraídos do material disponibilizado pelo IBGE em seu acervo.

### **2.1 O desenvolvimento do ministério jovem na IASD**

O ministério para jovens na IASD implica em uma viagem no tempo onde se visita as origens do movimento adventista, pois, desde o início do mesmo, houve uma preocupação em fortalecer a experiência dos jovens com Deus e de uns para com os outros (KNIGHT, 2015).

Um dos escritores adventistas que mais se envolveu com a história e filosofia do ministério jovem foi Malcolm Allen que, em seu livro “Salvação e Serviço” (2012, p. 6) ressalta o compromisso do ministério jovem mundial em desenvolver estudos que procurem diagnosticar as necessidades dos jovens e estabelecer políticas administrativas para os mesmos.

As seções abaixo revisam a história, a filosofia e a missão do ministério jovem na IASD. Entender esse contexto interno do movimento ajudará nas reflexões a partir dos dados gerais e específicos da juventude adventista brasileira nos anos em que ela foi investigada.

### **2.1.1 Os jovens nas origens do movimento adventista**

O movimento adventista tem, em seu princípio, os próprios jovens engajados em desenvolver um ministério para jovens com o intuito inicial de promover o trabalho missionário, especialmente através das publicações, e promover a causa da temperança. Vale destacar aqui que o fato dos jovens serem percebidos como instrumentos no cumprimento da missão do adventismo se deve por duas razões básicas. Em primeiro lugar, pela autoimagem profética que a IASD sustenta e que se traduz numa responsabilidade coletiva de anunciar uma mensagem de advertência ao mundo com relação ao breve advento de Jesus Cristo (KNIGHT, 2010, p. 29; LARONDELLE, 2011, p. 981-982). E, em segundo lugar, por se reconhecer o potencial físico, intelectual e criativo que os jovens possuem para a proclamação dessa mensagem (CAMPITELLI, 2018, p. 79-85).

No que diz respeito a causa da temperança, os jovens também se envolveram na disseminação de um estilo de vida mais saudável e equilibrado. Essa compreensão foi sendo, paulatinamente, absorvida pelos pioneiros do movimento adventista e incorporada ao cardápio de crenças da denominação. Vale frisar aqui que a mensagem de saúde da IASD foi adotada tendo como pano de fundo três princípios gerais: (1) humanitário, isto é, como uma das formas de se prevenir as doenças diminuindo, assim, o sofrimento no mundo; (2) evangélico, ou seja, a mensagem sobre um estilo de vida saudável seria uma “ponte” para se aproximar das pessoas e pregar o evangelho a elas e (3) soteriológico, isto é, a compreensão e prática de um estilo de vida saudável estaria ligada ao processo de “santificação” onde o crente aprende a cuidar melhor do corpo como “templo do Espírito Santo” (1 Coríntios 3.16-17; 6.19-20) com o intuito de beneficiar seu discernimento, uma vez que a dimensão física e espiritual do homem, na perspectiva adventista, estão intimamente relacionadas (DOUGLASS, 2003).

Avançando na história, pode-se dizer que os pioneiros do ministério voltado para jovens foram Harry Fenner, de 16 anos, e Luther Warren, de 14 anos. Eles começaram organizando reuniões para jovens rapazes num pequeno cômodo da casa dos pais de Luther, em 1879 (CAMPITELLI, 2018, p. 9). Nos 20 anos seguintes, surgiram grupos semelhantes em muitas partes do mundo, como em Wisconsin, em 1891, e em Lincoln, capital do estado norte-americano do Nebraska, no ano de 1893. Em 1899, a Associação<sup>29</sup> de Ohio, em Mount Vernon, criou oficialmente um departamento de jovens.

Durante esse tempo, também surgiram vários artigos da escritora Ellen G. White, uma das pioneiras do adventismo, nos quais ela falava sobre a importância de se trabalhar pelos jovens. Seus livros, embora tenham sido escritos no fim do século 19 e início do século 20, ainda são considerados pela liderança da IASD relevantes para manter a memória identitária da juventude adventista. O pastor e professor norte-americano Dwight Nelson, por exemplo, escreveu um artigo intitulado “Tornando Ellen White relevante para as novas gerações” (2017, p. 433-452) em que articula maneiras de se transmitir essa memória adventista para a juventude contemporânea.

Em 1901, a Associação Geral tomou as primeiras providências para a formação oficial de uma organização de jovens, aprovando o conceito da Sociedade de Jovens e recomendando que fosse formada uma comissão para estabelecer um plano de organização. Em 1907, a Associação Geral da IASD criou um Departamento exclusivo para os jovens chamado de Sociedade de Jovens Adventistas do Sétimo Dia dos Missionários Voluntários (ZUCOWSKI, 2012, p. 13).

Como se pode ver, essa organização foi fruto de um reconhecimento gradativo, na compreensão da IASD, da necessidade de ter um ministério voltado para os jovens com o intuito de “promover entre eles o companheirismo, o fortalecimento espiritual e prepará-los para o serviço a igreja e a comunidade” (BARBOSA, 2012, p. 18).

Allen (2012, p. 30) acredita que as décadas de 1910 a 1930 foram as mais prósperas para o ministério jovem. A Igreja crescia pelo mundo e se sedimentava organizacionalmente. O culto destinado aos jovens era o centro da participação dos mais novos na congregação local. Era um programa em que se incentivava a comunhão através da oração, com a presença das

<sup>29</sup> A estrutura organizacional da IASD se divide em camadas administrativas que cobrem certos territórios. Em linhas gerais, as igrejas de uma determinada cidade ou região são organizadas num distrito coordenado por um pastor. O conjunto de distritos de igrejas de uma determinada região é administrado por uma Associação. As Associações de um determinado estado ou estados da federação, por sua vez, são administradas por uma União. As Uniões são administradas por uma Divisão que cobre todo um continente e representa a Associação Geral, que é a sede administrativa mundial da IASD, localizada em Silver Spring, Maryland, EUA (Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2011, p. 29-30).

famílias por completo, e também era um espaço oportuno para o companheirismo cristão, capacitação e comprometimento missionários.

Porém, logo após a Primeira Guerra Mundial, a Igreja já era pressionada por correntes ideológicas que pretendiam defender o potencial do ser humano como resolução de todos os problemas e promover a relativização das verdades morais absolutas defendidas historicamente pelas instituições religiosas. A reação da liderança se deu por meio de muitos folhetos, livros, materiais e pelo periódico *The Youth's Instructor*. O conteúdo destacava os valores morais cristãos, com um discurso puritano e algumas racionalizações, sem apresentar uma base bíblica sólida. No entanto, essa produção cultural satisfazia a necessidade dos jovens da ocasião. Em 1930 foi publicado o livro “Mensagens aos Jovens”, uma compilação dos conselhos de Ellen White para a juventude (ALLEN, 2012, p. 31). Esses conselhos foram extraídos a partir de periódicos da denominação e abordam temas como a formação do caráter, as disciplinas espirituais, a importância das escolhas, o exercício das responsabilidades, o cuidado com a saúde física e mental, o perigo das influências, a relação com a cultura, a conduta cristã, entre outros<sup>30</sup>.

Os anos posteriores a Grande Depressão de 1929 e a Segunda Guerra Mundial marcaram profundamente o mundo e a IASD. Os meios de comunicação começaram a desempenhar um papel fundamental nas relações sociais. Muitos jovens e empregados da IASD, devido a demanda por qualificação profissional, ingressaram em universidades não-adventistas. De lá, trouxeram tendências secularizantes para a Igreja. Além disso, a psicologia e pedagogia humanísticas da época, no seu apoio à suposta incompreensão que os jovens sofriam, aumentaram a distância entre pais e filhos. O ministério jovem acabou pendendo para um programa só para jovens, uma “tribo” dentro da Igreja (LIMA, 2008, p. 9).

As décadas de 1950 a 1970 também foram muito desafiadoras. A popularização da TV, o crescimento da indústria cinematográfica e a nova cultura pop, encabeçada pela música rock, deram a tônica desse período, especialmente nos países desenvolvidos. Surgia uma geração de diretores de jovens das igrejas locais que não tinha muita intimidade com a filosofia e missão do ministério jovem. A Igreja novamente reagiu com publicações<sup>31</sup>. Duas revistas para jovens foram lançadas, a *Guide* e a *Insight*. Ambas tiveram boa aceitação entre os americanos, mas o

<sup>30</sup> Esse livro completo está disponível em formato digital em <https://bit.ly/2KjLz9w>. Acesso em: 12 mai. 2019.

<sup>31</sup> A IASD, desde os primórdios do ministério desenvolvido para jovens, tem procurado alimentar sua juventude através de materiais e conteúdos que ela julga serem pertinentes para eles. Vale lembrar que esses materiais e conteúdos tendem a refletir um pensamento que a IASD tem acerca da identidade e das necessidades de seus jovens e, ao mesmo tempo, representam uma tentativa de fabricar uma identidade para o jovem adventista de acordo com as crenças e valores da organização religiosa.

mesmo não se deu em outros países com presença adventista. A rejeição aconteceu porque todo o material era produzido nos Estados Unidos e com temáticas e abordagens apropriadas apenas para os adventistas norte-americanos (ALLEN, 2012, p. 32).

Já na década de 1970, em especial, tinha-se o convencimento de que o consumo de drogas era muito alto. Essa liberalização quanto aos entorpecentes também se refletiu na sexualidade, impactada pelos movimentos homossexuais e feministas. O número de divórcios assustava, inclusive dentro da Igreja. Além disso, na esfera acadêmica, a teologia adventista era duramente atacada por críticos internos. Percebeu-se a necessidade de uma atenção mais segmentada. A liderança jovem se viu pressionada a atender a grupos específicos, como o dos jovens universitários, jovens adultos, solteiros e viúvos, entre outros (ALLEN, 2012, p. 35).

Por fim, na década de 1980, a dificuldade foi mais administrativa. Era criado o departamento de Ministérios da Igreja, o qual abarcava as áreas de jovens, escola sabatina, ação missionária e lar e família. Já no início da década de 1990, essas decisões administrativas são revistas e revogadas. A liderança do ministério jovem em nível mundial e continental começa a financiar pesquisas, a fim de diagnosticar o perfil da juventude adventista, bem como das necessidades dos mesmos. O livro de Allen, até aqui citado, foi escrito exatamente nesse momento de reavaliação, por ocasião de encontros dos líderes mundiais da Igreja em 1993 (LIMA, 2008, p. 9).

É possível perceber, nessas notas históricas, que esse departamento foi, ao longo dos tempos, um dos mais desafiados a dialogar com a cultura secular. Allen (2012, p. 38) acredita que o impacto da imoralidade e do avanço tecnológico sobre a vida contemporânea, tornam a pastoral para a geração atual, a mais desafiadora de toda a história da IASD.

### **2.1.2 A filosofia de ministério e a missão dos jovens adventistas**

Por definição, o ministério jovem adventista é entendido como “a obra da Igreja conduzida para, com e pelos jovens” (Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2011, p. 106). Os objetivos se centralizam em três grandes frentes de atuação (ALLEN, 2012, p. 7):

- (1) Levar os jovens a compreenderem seu valor pessoal e a descobrirem e desenvolverem seus dons e habilidades espirituais;
- (2) Preparar e habilitar os jovens para uma vida de serviço com a igreja de Deus e a comunidade;
- (3) Assegurar a integração dos jovens em todos os aspectos da vida e liderança da igreja, para que participem plenamente na missão da igreja.

Os jovens adventistas não estavam sozinhos ao incorporarem esses objetivos ao seu ministério. Os líderes do movimento adventista também acreditavam fortemente nesses objetivos e foram arquitetos e promotores desse novo ministério em favor da juventude. Eles também viam, nessa frente de trabalho, um método seguro e estratégico para preservar a juventude das más influências da sociedade, aprofundar sua experiência de salvação em Jesus e prepará-los para o serviço e para a pregação do evangelho a todos na geração em que viviam.

Allen (2012, p. 94-95) cita em sua obra dois discursos de 1907 proferidos pelo, então presidente geral da IASD, A.G Daniells, em que ele sinaliza os propósitos e a direção do ministério jovem ainda incipiente. No primeiro deles, de caráter mais exortador, ele diz que:

Precisamos ter uma compreensão clara do serviço que nossos jovens devem prestar a esta causa, e nós mesmos devemos ser levados a fazer planos simples, mas eficazes, para levar avante essa obra. Queremos que este encontro traga novo poder e vida para que, com sabedoria, inspiração e resolução, lancemos um movimento que seja tão abençoado por Deus que convide para o serviço as fileiras de nossos jovens. Eles dispõem de muita energia que podem aplicar para o bem.

O segundo discurso de Daniells é mais enfático no sentido de declarar que a missão da juventude adventista não é diferente da missão do movimento adventista como um todo, mas a mesma, distinguindo-se apenas pelos meios que cada faixa etária haverá de usar para cumpri-la:

Nossa missão ao mundo pode ser resumida em proclamar a mensagem do terceiro anjo a cada nação, tribo, língua e povo. Não creio que haja um outro povo no mundo que reivindique tal missão. Nunca, na história da igreja, foi lançado e levado avante um movimento como este. O que é esta mensagem do terceiro anjo? Terá chegado o tempo de levá-la a todo o mundo? A única fonte de informação relativa a essas perguntas é a Palavra de Deus. Aquilo que chamamos de mensagem do terceiro anjo encontra-se registrado no capítulo catorze de Apocalipse, versos seis a doze. É uma tríplice mensagem que se deve dar ao mundo. Cada parte deve receber sua ênfase no momento apropriado e, no final, todas as partes devem combinar-se numa grande e solene mensagem de advertência de Deus para o mundo. Nossa missão no mundo é proclamar essa mensagem. Este fato deve ser impresso na mente de nossas crianças e jovens. O ensino de nossas escolas, os cultos de nossas igrejas, o ideais apresentados e conceitos expostos devem todos ter como fim impressionar a mente de nossas crianças e jovens com o fato de que sua missão como indivíduos deve ser a missão de toda a igreja, a saber, proclamar ao mundo a mensagem do terceiro anjo. [...] Sob um ponto de vista religioso, os jovens adventistas são os mais felizes e abençoados jovens dentre a juventude do mundo. Possuem a missão mais definida dentre todos os jovens. E, agora, devemos inspirar nossos jovens a fim de consagrarem suas energias e vidas para a conclusão dessa obra. Alguns os maiores e mais notáveis missionários do último século foram homens que partiram para o campo missionário com menos de trinta anos de idade.

O teor das palavras de Daniells é muito explícito. Em primeiro lugar, ele não dissocia a missão da juventude adventista da missão da igreja como um todo. Para ele, há uma continuidade e complementaridade entre elas. Essa preocupação de Daniells de compatibilização geracional se estende até hoje sendo ventilada em alguns dos documentos oficiais da IASD. O “Manual do Jovem Adventista”, publicado em 2018, por exemplo, diz que “o ministério jovem se distancia de seu objetivo quando assume uma vida própria, com objetivos ou uma agenda separada dos demais ministérios da igreja” (CAMPITELLI, 2018, p. 113). O “Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia” (2011, p. 107), material que traz os parâmetros da organização adventista, diz que: “é importante que a programação dos jovens não esteja isolada do programa da igreja. Os jovens devem ser engajados em responsabilidades de liderança e em todos os ramos do trabalho da igreja”.

Em segundo lugar, Daniells realça o aspecto exclusivo da missão que o movimento adventista e, por conseguinte, sua juventude acolheram<sup>32</sup>. Esse aspecto pode sim gerar uma tensão entre uma identidade sectária e o mundo contemporâneo (FOLLIS, 2010, p. 96-99), mas não significa que os adventistas estejam se posicionando como melhores atores religiosos em relação as demais religiões mundiais (RODRIGUEZ, 2011). Significa, sim, que a juventude adventista, assim como a IASD de forma geral, se enxerga na responsabilidade de compartilhar uma mensagem exclusiva para o tempo em que estamos vivendo.

Em terceiro lugar, ele destaca que essa missão está fundamentada na Palavra e tem como vocação o anúncio ou proclamação da mesma em caráter de urgência. O cumprimento desse dever urgente, no entanto, segundo Allen (2012, p. 64, 114-130), já foi ameaçado por algumas razões: (1) encarar o ministério jovem como um mero agrupamento de entretenimento e recreações sociais; (2) torná-lo um fórum de debates das questões sociais; (3) fazer do serviço missionário uma atividade de cunho meramente social perdendo de vista seu caráter missiológico que tem como pano de fundo a proclamação do evangelho.

Por fim, o discurso de Daniells lembra os jovens de sua aptidão e condição privilegiadas para se engajarem nesta missão. Condição esta que segue sendo encorajada pela liderança da IASD a fim de que os jovens possam atuar como missionários (KUHN, 2011). Essa concepção de uma juventude disposta e preparada para o serviço também serviu de base para se lançar um dos fundamentos da educação adventista que consiste exatamente numa consciência/atitude servidora (SUAREZ, 2010).

<sup>32</sup> Esse sentido exclusivista ou distintivo da missão adventista está fortemente arraigado em um dos aspectos centrais de sua eclesiologia que é o conceito de “remanescente” (NISTO CREMOS, 2017, p. 181, 190-197).

No entanto, Daniells não foi o único a se pronunciar acerca do ministério jovem no intuito de contribuir com a gestão de sua missão e filosofia. Outros líderes do movimento também o fizeram. O professor B. G. Wilkenson, por exemplo, segundo Allen (2012, p. 98-99) declarou que:

A melhor organização de jovens será fraca se não estiver baseada na Bíblia. Sim, uma organização como essa pode ser fundada inclusive sobre princípios da Palavra de Deus... Esse exército de jovens não é toda a igreja; tampouco deve tomar o lugar dela. Mas, ligado à igreja pelos indissolúveis laços de um propósito comum, pode e deve formar a linha de combate, permanecendo a igreja ativa, produzindo e enviando o material necessário. Precisamos tomar providências quanto ao treinamento de guerreiros cristãos. O poder da mensagem se fará sentir rapidamente em todas as terras e países, e em breve estaremos no lar.

Os mesmos elementos contidos na declaração de Daniells voltam a aparecer na de Wilkenson: a ênfase no compromisso com a Bíblia, a harmonia entre as diferentes gerações pertencentes a igreja e o preparo para a missão em todos os lugares necessários. Allen (2012, p. 103) também menciona as colocações de Graf sobre a filosofia do ministério jovem:

A sociedade missionária e a sociedade de jovens têm muito em comum. O objetivo final de ambas é a mensagem do advento a todo o mundo nesta geração; mas enquanto o trabalho principal das sociedades missionárias tem sido levar a verdade aos que não pertencem a nossa fé, o objetivo básico e imediato das sociedades dos jovens é a salvação e o desenvolvimento da juventude e ninguém pode trabalhar tão eficientemente nesse sentido.

Em suma, poderíamos resumir a atuação do ministério jovem em duas dimensões, que são expressas no slogan popular entre os jovens adventistas “salvação e serviço”. A primeira dimensão está ligada a uma atuação interna, que valoriza o desenvolvimento dos dons, o crescimento do jovem no discipulado e a preservação de sua salvação e identidade denominacional. A segunda esfera de atuação contempla mais um trabalho externo, que visa ao cumprimento da missão<sup>33</sup>, por meio da capacitação da juventude para o serviço a Deus e a sociedade na qual o jovem está inserido.

## **2.2 A juventude adventista no Brasil: um olhar a partir dos dados do IBGE (1991, 2000 e 2010).**

<sup>33</sup> Há vários projetos promovidos pela IASD, especialmente pelo departamento de jovens, para o treinamento e envolvimento dos mesmos na missão. Um deles é conhecido como o Serviço Voluntário Adventista que oferece aos jovens a oportunidade de se ter experiências transculturais, a partir de suas habilidades profissionais, com o intuito de desenvolvê-los em todos os aspectos. Marly Timm (2011, p. 483-496) escreveu mais sobre esse projeto e a tentativa da igreja de, através do mesmo, seguir capacitando as novas gerações.

O levantamento sobre os números de religião nos censos brasileiros começou em 1872, ocorrendo ininterruptamente – com exceção do intervalo de 1920 a 1930<sup>34</sup> – até o presente momento<sup>35</sup>, demonstrando a importância social, política e cultural da demografia das religiões no país (FERREIRA e PEREIRA, 2017, p. 101)<sup>36</sup>.

No Brasil, os resultados do último Censo do IBGE em 2010 mostraram o crescimento da diversidade dos grupos religiosos, o que revela uma maior pluralidade nas áreas mais urbanas e populosas do país (IBGE, 2011 e 2012; DILLON, 2003).

No caso da IASD, segundo os dados coletados pelo IBGE nos últimos dois censos, o número dos que se declaram adventistas passou de 1.142.377 no ano de 2000 para 1.487.429 no ano de 2010. Esse aumento de 345.052 membros corresponde a um aumento de 30,2% em uma década. Nesse mesmo período a taxa de crescimento da população brasileira foi de 13,66%, sendo assim houve um aumento significativo no adventismo durante esse período, o que expressa o trabalho da instituição nessa direção (FERREIRA et al., 2017, p. 110)<sup>37</sup>.

Para compor essas estatísticas do adventismo também estão inseridos os jovens, de 16 a 30 anos, carregando seu mosaico de peculiaridades. Essa faixa etária foi selecionada nesta pesquisa para ser investigada como representando a “juventude” por duas razões principais. A primeira é por uma razão denominacional. A IASD classifica como “jovens adventistas” os seus membros que estão dentro desta faixa etária (CAMPITELLI, 2018, p. 24). A segunda segue o Estatuto da Juventude, promulgado no Brasil em 2013, que indicou a idade de 15 a 29 anos (próxima a usada pela IASD) para classificar a faixa etária da juventude<sup>38</sup>.

As seções abaixo, portanto, pretendem oferecer um levantamento, a partir dos Censos de 1991<sup>39</sup>, 2000 e 2010, de alguns dos números da juventude adventista em comparação com a

<sup>34</sup> É importante mencionar que em toda a pesquisa a referência ao Censo da década de 90 será o ano de 1991, pois, conforme indica o site do IBGE, o recenseamento de 1990 foi protelado para 1991 por questões administrativas e econômicas do governo na ocasião. Ver o tópico “Recenseamento Geral de 1991” disponível em <https://bit.ly/2ExedPV>. Acesso em: 02 fev. 2019.

<sup>35</sup> Para saber mais sobre a história do recenseamento no Brasil acesse <https://bit.ly/2ExedPV>.

<sup>36</sup> Para uma discussão mais acentuada acerca da metodologia adotada para se rastrear os microdados fornecidos pelo IBGE a fim de separar os dados que se referem exclusivamente a IASD, ver o capítulo “Questões metodológicas sobre o adventismo no Censo de 2010” escrito por Ferreira e Pereira (2017) na obra “Sociologia e Adventismo: desafios brasileiros para a missão”.

<sup>37</sup> O capítulo intitulado “O crescimento do reino: desafios demográficos para o adventismo brasileiro”, escrito por Ferreira, et al (2017) e publicado na obra “Sociologia e Adventismo: desafios brasileiros para a missão” traz um panorama comparativo do adventismo nas cinco grandes regiões brasileiras fazendo uso de alguns filtros tais como: gênero, idade e estado civil.

<sup>38</sup> Esse documento está disponível em <https://bit.ly/2I5ghOH>. Acesso em: 10 mar. 2019.

<sup>39</sup> É importante destacar que no Censo de 1991, o IBGE não disponibilizou os microdados que separam as subcategorias dentro do adventismo, como adventistas do sétimo dia e da reforma, por exemplo. Portanto, a análise dos dados de 1991 é mais generalista, enquanto que as de 2000 e 2010 são mais precisas, pois já são capazes de se concentrar nos adventistas do sétimo dia enquanto subcategoria fornecida pelo IBGE dentro da classificação mais geral do adventismo.

juventude brasileira, em geral, fazendo uso de alguns filtros tais como: lugar de residência, gênero, condição socioeconômica, escolaridade e contexto rural ou urbano.

Para esta investigação, os primeiros gráficos trazem os números gerais, a nível de país, e depois alguns números mais específicos, a partir da divisão do Brasil em suas cinco grandes regiões (Sul, Sudeste, Centro Oeste, Norte e Nordeste), dentro dos períodos analisados.

Vale dizer também que a metodologia adotada para a análise de cada um dos filtros escolhidos sofre poucas alterações dependendo da natureza do que está sendo avaliado e da quantidade de informações disponibilizadas pelo IBGE. Foram três os objetivos básicos, através dessas análises.

O primeiro foi de comparar os números entre a juventude brasileira, em geral, e a juventude adventista, em particular, indicando possíveis aumentos ou quedas nos períodos analisados, levando em conta que essas comparações também podem ocorrer de forma interna, isto é, usando os números da própria juventude adventista brasileira. Por exemplo, no caso da avaliação dos jovens por gênero, os números são comparados com os do Brasil, de forma geral, e também é realizado um levantamento do crescimento de jovens do sexo masculino e feminino entre os próprios jovens adventistas nos períodos analisados.

Em segundo lugar, a intenção foi de indicar alguns percentuais aproximados da representatividade da juventude adventista em relação a juventude brasileira<sup>40</sup> e, em terceiro lugar, foi refletir sobre alguns padrões que se repetem ou rupturas envolvendo aumento ou queda nos números<sup>41</sup> e, a partir dessas reflexões, provocar também algumas perguntas que podem ser discutidas em futuras pesquisas.

### **2.2.1 Juventudes brasileira e adventista na virada do século**

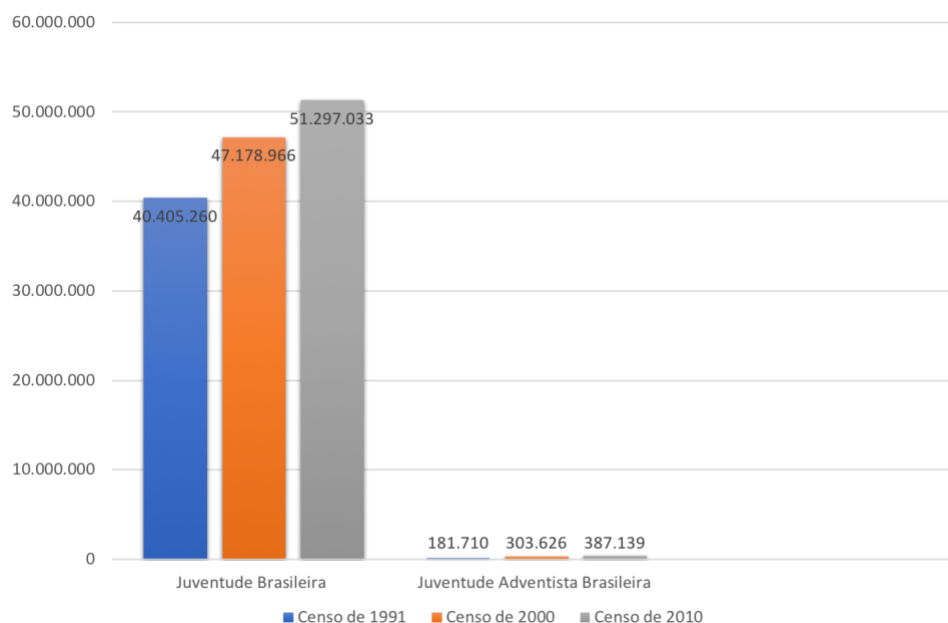
Segundo o Manual do Jovem Adventista (CAMPITELLI, 2018, p. 24), a IASD possui atualmente uma membresia de 2.470.887 no território da América do Sul sendo que os jovens adventistas representam 30,9% dos membros, um contingente de 762.881 pessoas. No caso do Brasil, segundo os dados mais recentes fornecidos pela própria IASD, os jovens adventistas representam um número de 504.692 pessoas (CAMPITELLI, 2018, p. 26).

<sup>40</sup> Um exemplo de comparação por representatividade ocorre no filtro de escolaridade dos jovens. As informações levantadas trazem o percentual que os jovens adventistas representam, em cada uma das categorias investigadas, em face da juventude brasileira em geral.

<sup>41</sup> A reflexão acerca desses padrões ou rupturas se dará, principalmente, a partir da leitura dos gráficos, pois os mesmos apresentam as oscilações de aumento ou queda nos números de jovens.

O gráfico 2 abaixo traz, em números absolutos, a quantidade de jovens no Brasil a partir dos Censos de 1991, 2000 e 2010, fornecidos pelo IBGE. Ao lado, o gráfico traz o resultado do mesmo período em relação aos jovens adventistas no Brasil.

**Gráfico 2 – Comparativo dos números da JB e da JBA no Brasil em 1991, 2000 e 2010**



Fonte: obtido a partir dos dados e microdados fornecidos pelo Censo do IBGE de 1991, 2000 e 2010.

Note, no gráfico 2, que o número total de jovens adventistas no Brasil, apontado no último levantamento de 2010, não se harmoniza com os dados fornecidos pela IASD em sua divulgação mais recente de 504.692 jovens. Essa aparente discrepância de dados pode ser interpretada levando em conta que a divulgação da IASD parte de dados mais recentes, provavelmente levantados entre 2017 e 2018, este último sendo o ano da publicação do material, o que levaria a crer que houve um aumento significativo de 387.139 para 504.692 jovens, aproximadamente 30,3%, entre os anos de 2010 e 2017. E de aproximadamente 60,22% de aumento se o comparativo se der entre os anos de 2017 e 2000.

Há que se dizer também que, ainda que possa haver uma margem de diferença entre os dados divulgados pelo IBGE e os dados informados pela própria IASD<sup>42</sup>, isso não ocorre de forma significativa uma vez que o ACMS<sup>43</sup>, sistema de secretaria que registra os membros da

<sup>42</sup> Vale registrar que o sistema de secretaria da IASD não absorve crianças. Elas podem se tornar membros em sua fase juvenil, por volta dos 9 anos idade ou mais. Sendo assim, os números coletados do sistema da IASD não computam as crianças.

<sup>43</sup> *Adventist Church Members System* é o sistema que administra os dados e o controle de membros da IASD a nível mundial. Cada escritório administrativo da Igreja gerencia os dados de seu território através de um *login* e senha. A plataforma é virtual e pode ser acessada em <https://www.acmsnet.org>.

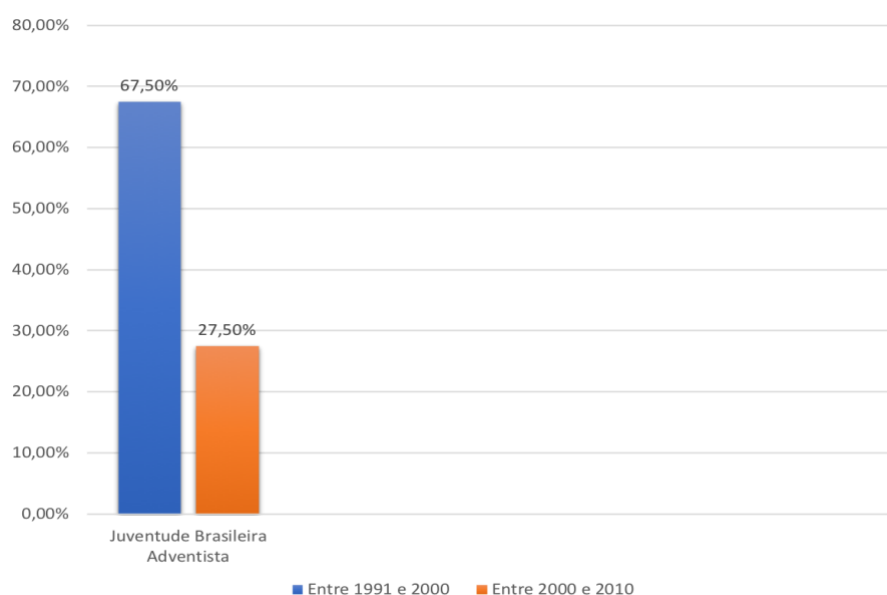
IASD, tende a fornecer dados muito semelhantes aos obtidos através do IBGE (FONSECA, 2008, p. 4).

Uma observação que já pode ser constatada a partir desses dados iniciais é a do percentual de aumento dos jovens adventistas nas últimas décadas em comparação com o aumento da juventude brasileira em geral<sup>44</sup>.

O Censo de 1991 revelou um número de 40.405.260 jovens no Brasil enquanto que destes, 181.710 se declararam adventistas, o que representa um percentual aproximado de 0,45%. No caso do Censo de 2000, tem-se o número de 47.178.966 jovens brasileiros sendo 303.626 adventistas, o que representa um percentual aproximado de 0,65%. Já o Censo de 2010 quantificou a juventude brasileira em 51.297.033 pessoas, sendo destes 387.139 adventistas, aproximadamente 0,75% da população jovem brasileira em geral.

Embora o aumento da juventude adventista brasileira pareça tímido comparado ao crescimento da juventude brasileira, o gráfico 3 abaixo revela que, numa análise interna, os jovens adventistas brasileiros cresceram na década de 1991 a 2000 aproximadamente 67,5%, o que representou um aumento significativo na quantidade de jovens que se declaravam membros da denominação adventista. Já na década de 2000 a 2010 o aumento também aconteceu, mas numa escala menor de aproximadamente 27,5%.

**Gráfico 3 – Percentual de crescimento da JA no Brasil entre os anos de 1991, 2000 e 2010**



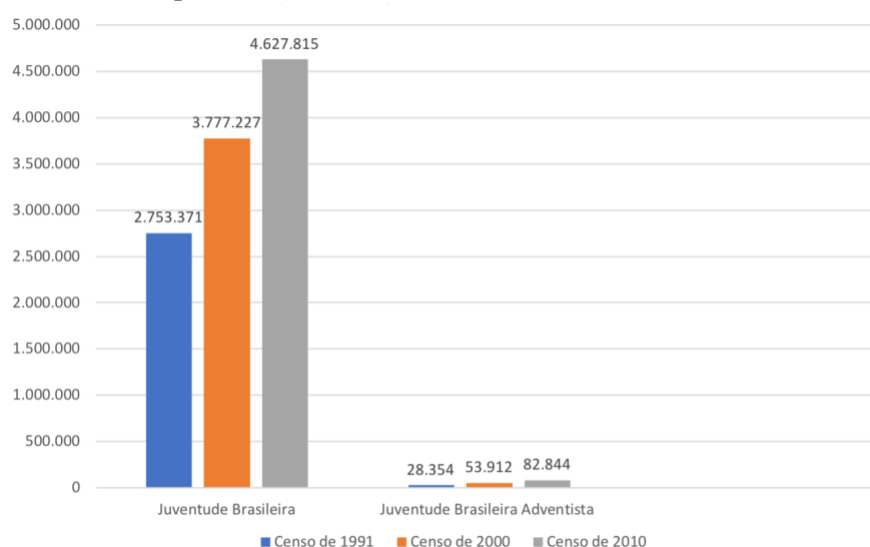
Fonte: obtido a partir dos dados e microdados fornecidos pelo Censo do IBGE de 1991, 2000 e 2010.

<sup>44</sup> Embora tenha se escolhido para os fins dessa pesquisa as comparações entre a juventude brasileira, em geral, e a juventude adventista brasileira, em particular, vale sinalizar aqui o relevante trabalho intitulado “Sociologia e Adventismo” organizado por Follis, Novaes e Dias (2017), pois o mesmo traz comparações entre o adventismo brasileiro – e suas especificidades tais como gênero, escolaridade, cor, renda, etc – e a realidade brasileira geral.

### 2.2.2 Juventudes brasileira e adventista: regiões do Brasil

Um dos filtros escolhidos para a análise do quadro da juventude no Brasil é a maneira como ela se distribui pelas grandes regiões do país. A forma como ocorre essa distribuição pode contribuir gerando algumas reflexões para esta pesquisa. A primeira região a ser analisada será a do Norte brasileiro.

**Gráfico 4 – Comparativo dos números da JB e da JBA no Norte em 1991, 2000 e 2010**

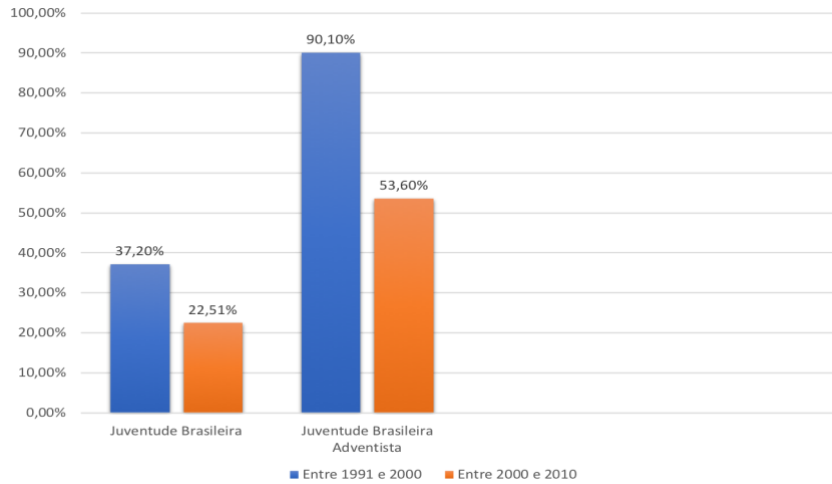


Fonte: obtido a partir dos dados e microdados fornecidos pelo Censo do IBGE de 1991, 2000 e 2010.

Uma comparação entre os resultados fornecidos pelo gráfico 4 acima nos fornece elementos para um cálculo percentual de representatividade dos jovens adventistas em relação a quantidade geral de jovens no Norte do Brasil. Em 1991, por exemplo, a taxa de jovens adventistas no Norte do país, em relação a juventude brasileira nortista, era de apenas 1,02% sendo que, em 2000, ela passou para 1,42% e, em 2010, atingiu a marca aproximada dos 1,79%.

Os percentuais aparentemente baixos ganham novos contornos quando se avalia o gráfico 5 que compara os percentuais de aumento dos jovens brasileiros do Norte com os percentuais de aumento dos jovens adventistas nortistas. Entre 1991 e 2000 a taxa de aumento dos jovens no Norte foi na casa dos 37,2% enquanto entre os jovens adventistas foi de 90,1%; já na década de 2000 a 2010 os jovens do Norte cresceram em aproximadamente 22,51% enquanto os jovens adventistas cresceram por volta de 53,6% no mesmo período.

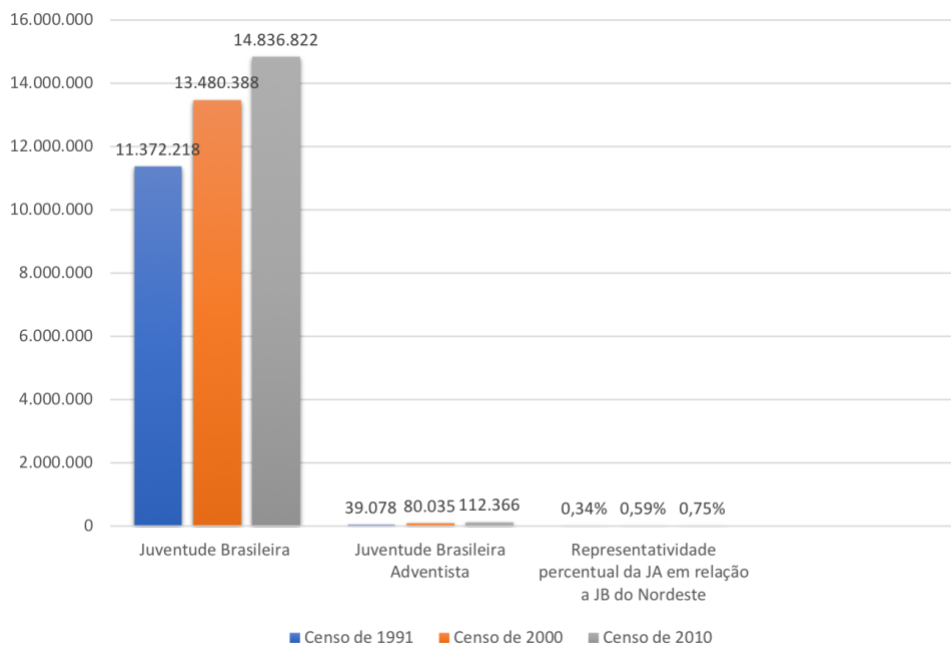
**Gráfico 5 – Comparativo percentual de crescimento da JB e da JBA no Norte entre os anos de 1991, 2000 e 2010**



Fonte: obtido a partir dos dados e microdados fornecidos pelo Censo do IBGE de 1991, 2000 e 2010.

Nos gráficos 6 e 7, abaixo, encontram-se os levantamentos da região Nordeste do Brasil. Os mesmos cálculos praticados nos números do Norte podem ser aplicados a essa região do país. Em termos percentuais a juventude adventista representa aproximadamente 0,34% da juventude do Nordeste em 1990; 0,59% em 2000 e 0,75% em 2010.

**Gráfico 6 – Comparativo dos números da JB e da JBA no Nordeste em 1991, 2000 e 2010**



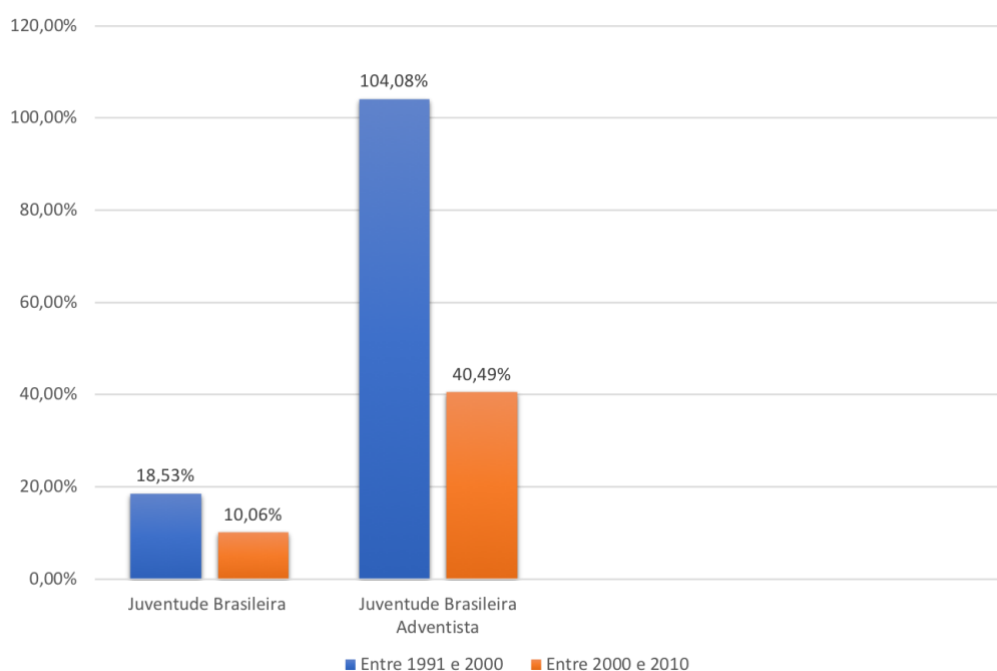
Fonte: obtido a partir dos dados e microdados fornecidos pelo Censo do IBGE de 1991, 2000 e 2010.

A representatividade pode parecer pequena, mas apresenta um aumento em todos os períodos analisados. E vale destacar que, em números absolutos, o aumento da JBA entre os anos de 2000 e 2010 no Nordeste é notável atingindo 32.331 novos adeptos.

Em cálculos percentuais dos comparativos de taxas de crescimento percebe-se que, conforme demonstrado no gráfico 7, entre 1991 e 2000 os jovens no Nordeste cresceram em 18,53% enquanto que os jovens adventistas mais que dobraram seu contingente atingindo a marca dos 104,8%; já na década de 2000 a 2010 os jovens nordestinos cresceram em aproximadamente 10,06% enquanto os jovens adventistas da mesma região cresceram por volta de 40,39%.

Percebe-se que, embora a taxa de aumento entre a JBA tenha caído no último Censo, ela ainda permanece maior que a taxa de aumento entre a JB da mesma região no mesmo período.

**Gráfico 7 – Comparativo percentual de crescimento da JB e da JBA no Nordeste entre os anos de 1991, 2000 e 2010**



Fonte: obtido a partir dos dados e microdados fornecidos pelo Censo do IBGE de 1991, 2000 e 2010.

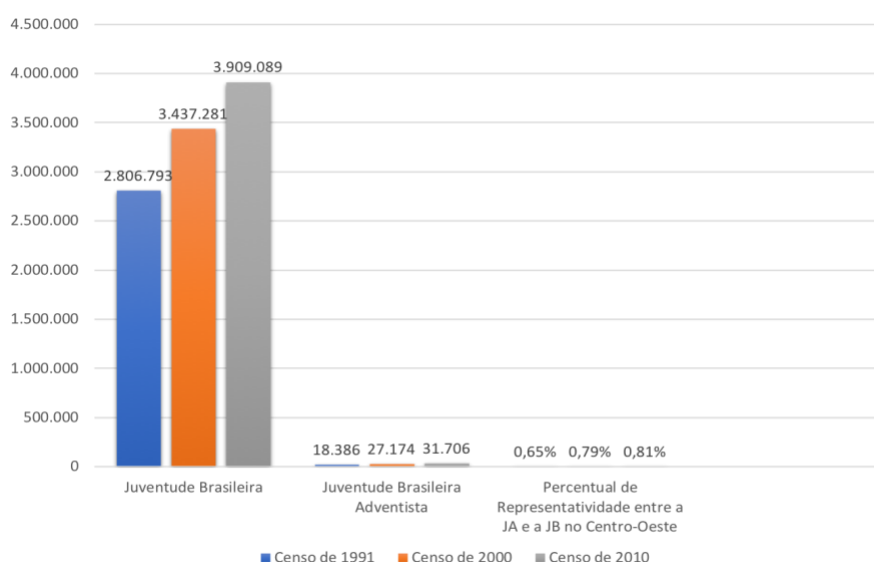
Os números da região Centro-Oeste, contidos no gráfico 8 e 9, mostram um pouco da realidade da juventude nesta região. Em termos de representatividade, de acordo com o Censo de 1991, a juventude adventista representava algo em torno de 0,65% de toda a juventude do

Centro Oeste brasileiro, enquanto que em 2000 esse número chegou a 0,79% e, em 2010, a 0,81%.

No entanto, quando se avalia o aumento da juventude nesta região verifica-se que, entre 1991 e 2000, houve um aumento de 630.488 jovens, aproximadamente 22,46% em relação ao número anterior. Na década subsequente, de 2000 a 2010, o aumento foi de 471.808 jovens, algo em torno de 13,72%.

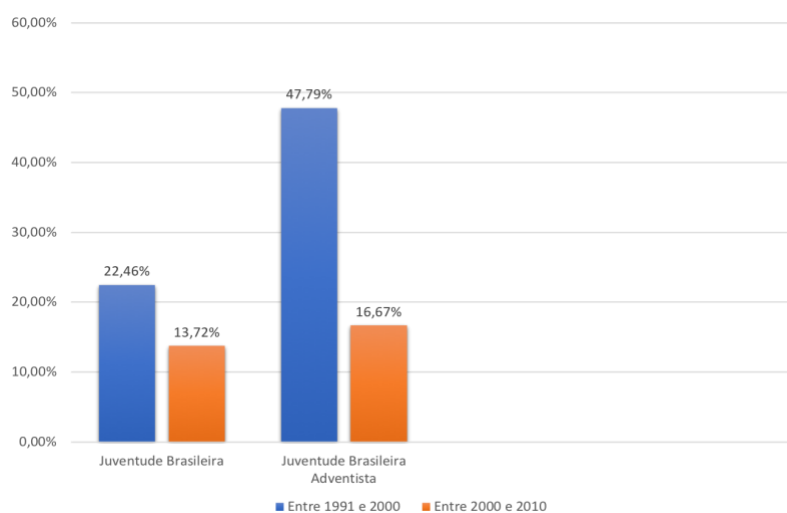
No caso da juventude adventista da mesma região, o aumento foi de 8.788 jovens entre 1991 e 2000, e de 4.532, entre 2000 e 2010. Em termos percentuais o aumento representaria, aproximadamente, 47,79% no período de 1991 a 2000 e 16,67% entre 2000 e 2010.

**Gráfico 8 – Comparativo dos números da JB e da JBA no Centro-Oeste em 1991, 2000 e 2010**



Fonte: obtido a partir dos dados e microdados fornecidos pelo Censo do IBGE de 1991, 2000 e 2010.

**Gráfico 9 – Comparativo percentual de crescimento da JB e da JBA no Centro-Oeste entre os anos de 1991, 2000 e 2010**

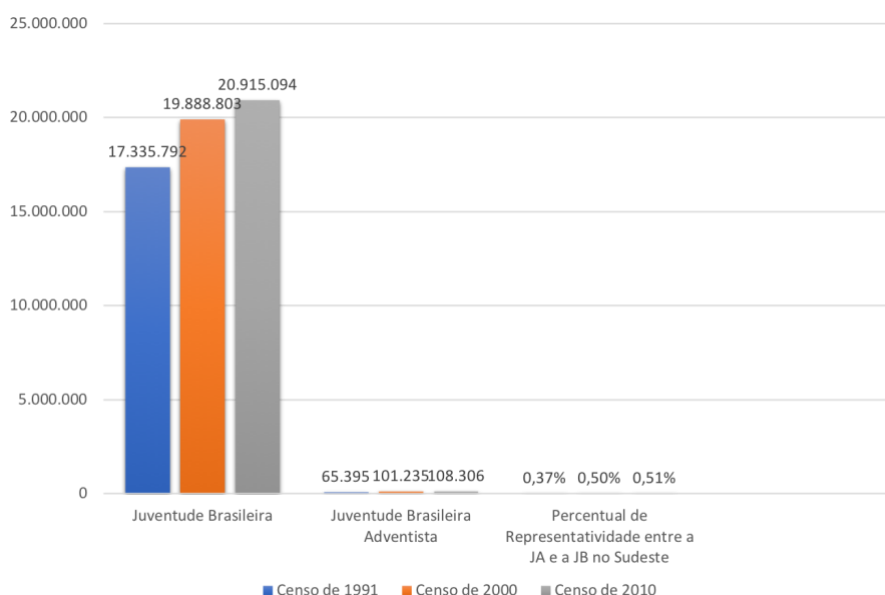


Fonte: obtido a partir dos dados e microdados fornecidos pelo Censo do IBGE de 1991, 2000 e 2010.

No caso da juventude da região Sudeste, conforme o gráfico 10, os números absolutos são os mais expressivos e apontam para um aumento de 2.553.011 jovens entre os anos de 1991 e 2000, um percentual aproximado de 14,72%. Entre os anos de 2000 e 2010 o aumento na população jovem foi de 1.026.291, algo em torno de 5,16%.

Em se tratando da juventude adventista os dados apontam para um aumento de 35.840 entre 1991 e 2000, o que, em termos percentuais, equivaleria a aproximadamente 54,5%, e um aumento de 7.071, entre 2000 e 2010, o que, em termos percentuais, já representaria algo em torno de 6,98%.

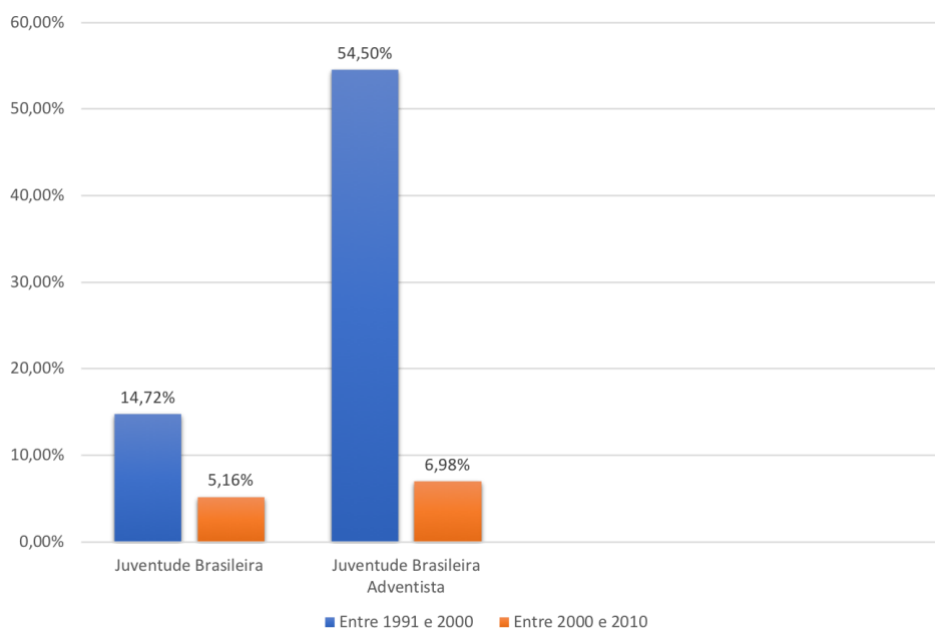
**Gráfico 10 – Comparativo dos números da JB e da JBA no Sudeste em 1991, 2000 e 2010**



Fonte: obtido a partir dos dados e microdados fornecidos pelo Censo do IBGE de 1991, 2000 e 2010.

Esse último dado percentual é mais preocupante, pois aponta para uma redução drástica no aumento da juventude adventista do Sudeste, no recorte de 2000 a 2010. Mesmo assim o percentual de aumento da juventude adventista ainda está maior que o da população jovem do Sudeste em geral, que foi de 5,16%, no mesmo período, conforme aponta o gráfico 11.

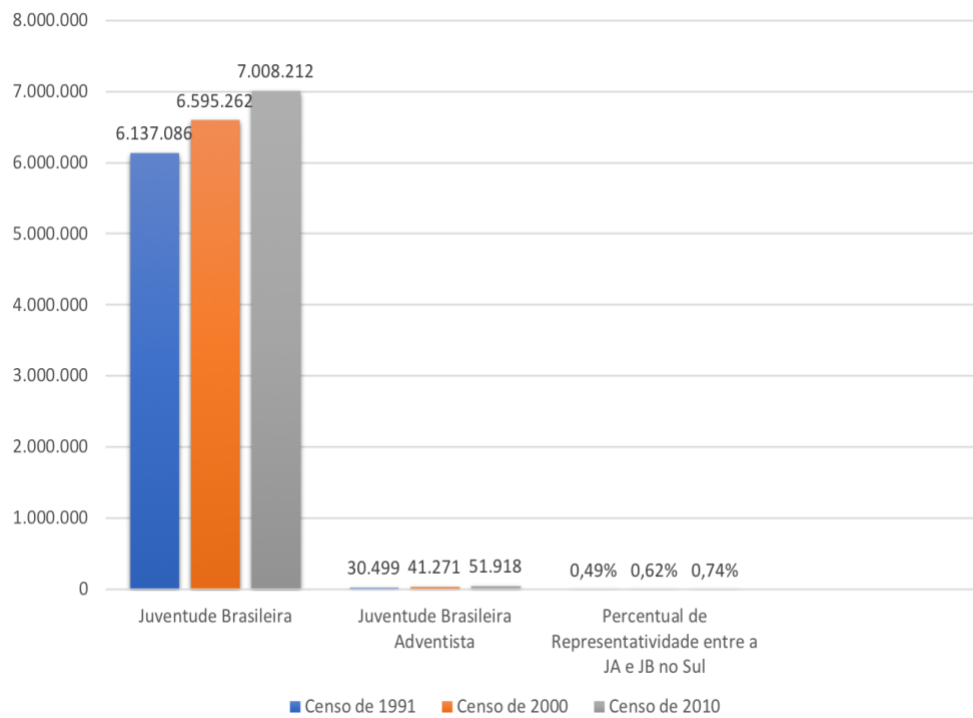
**Gráfico 11 – Comparativo percentual de crescimento da JB e da JBA no Sudeste entre os anos de 1991, 2000 e 2010**



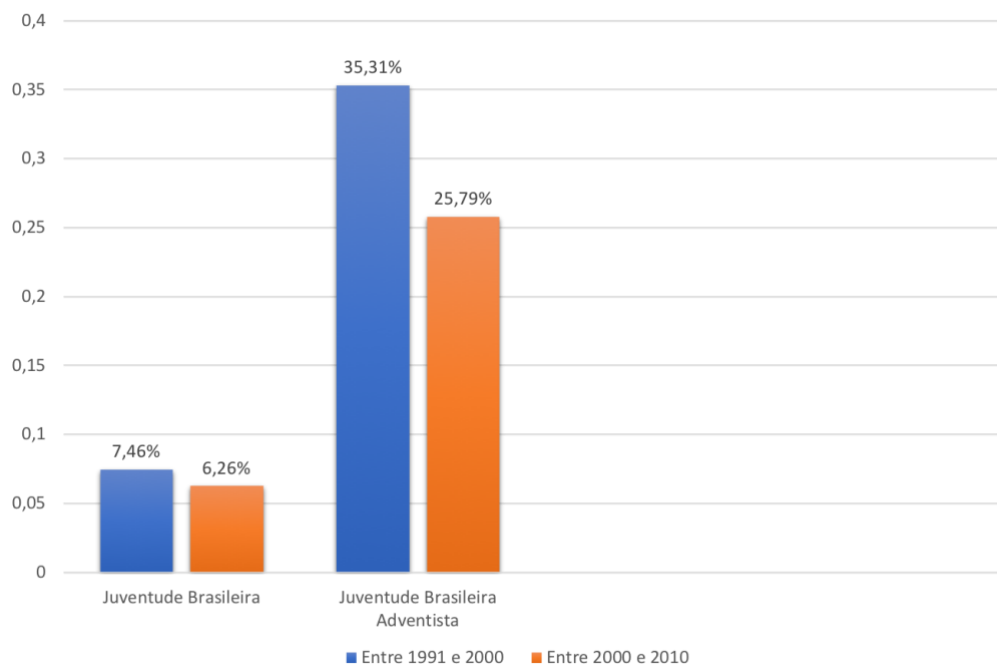
Fonte: obtido a partir dos dados e microdados fornecidos pelo Censo do IBGE de 1991, 2000 e 2010.

Com relação a representatividade, segundo indica o gráfico 10, os jovens adventistas do Sudeste, em 1991, eram aproximadamente 0,37% de toda juventude brasileira da mesma região. Em 2000, esse número se aproximou de 0,5% e, em 2010, aumentou bem pouco chegando a 0,51%.

Já entre a juventude brasileira residente na região Sul, conforme indica o gráfico 12 e 13, houve um aumento de 485.176 jovens, aproximadamente 7,46%, em termos percentuais, entre 1991 e 2000; e de 412.950 jovens, entre as décadas de 2000 e 2010, o que, em termos percentuais, equivaleria a algo em torno de 6,26%. No caso da juventude adventista da mesma região houve um aumento de 10.772 jovens, entre 1991 e 2000, algo na casa dos 35,31%, em percentual; e, entre 2000 e 2010, o aumento foi de 10.647, 25,79%, aproximadamente. Em termos de representatividade, a juventude adventista do Sul representava 0,49% de toda juventude sulista em 1991; 0,62% em 2000 e 0,74% em 2010.

**Gráfico 12 – Comparativo dos números da JB e da JBA no Sul em 1991, 2000 e 2010**

Fonte: obtido a partir dos dados e microdados fornecidos pelo Censo do IBGE de 1991, 2000 e 2010.

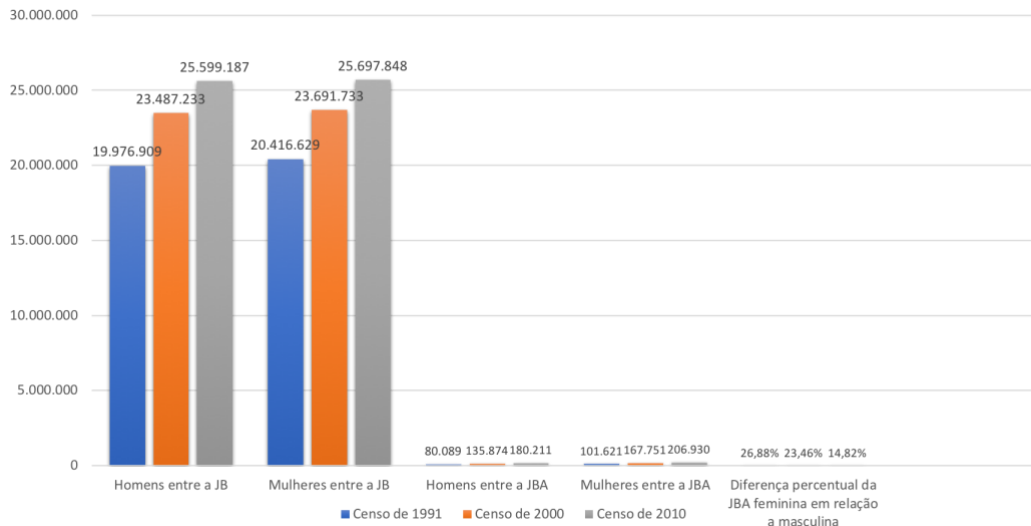
**Gráfico 13 – Comparativo percentual de crescimento da JB e da JBA no Sul entre os anos de 1991, 2000 e 2010**

Fonte: obtido a partir dos dados e microdados fornecidos pelo Censo do IBGE de 1991, 2000 e 2010.

### 2.2.3 Juventudes brasileira e adventista: gênero

De acordo com o que se pode observar no gráfico 14 o número de jovens brasileiros do gênero feminino e masculino caminha bem próximo nas décadas analisadas. Em 1990, as mulheres jovens apresentavam uma margem de 439.720 a mais do que os homens, um índice de 2,20% aproximadamente. Em 2000, essa diferença caiu para 204.500, um índice de 0,87%, sendo que, em 2010, essa quantidade caiu ainda mais chegando a uma diferença de apenas 0,38%, em termos percentuais, e de 98.661 em números absolutos. O que se pode concluir, a partir desses dados, é que há uma tendência à equivalência nos números de jovens brasileiros do sexo masculino e feminino.

**Gráfico 14 – Comparativo de gênero da JB e da JBA em 1991, 2000 e 2001**



Fonte: obtido a partir dos dados e microdados fornecidos pelo Censo do IBGE de 1990, 2000 e 2010.

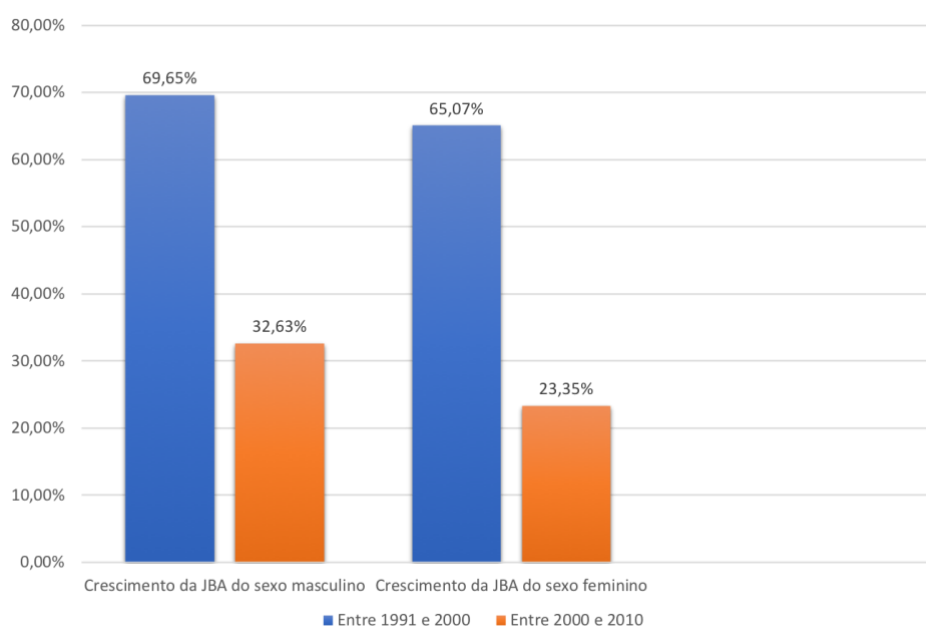
Em se tratando do contexto adventista, Ferreira et al. (2017, p. 112) informam que no território brasileiro, de forma geral, existe um predomínio do gênero feminino entre os adventistas e essa dinâmica se repete entre os jovens desse segmento como se pode perceber no gráfico 14. Esse cenário parece se harmonizar com os dados censitários mais recentes, nos quais as mulheres aparecem numericamente em destaque em quase todos os grupos religiosos, com exceção dos católicos e dos sem-religião (TEIXEIRA; MENEZES, 2013; 2006 apud FERREIRA, et al. 2017, p. 112).

Diferentemente do que ocorre com os números de jovens brasileiros do gênero masculino e feminino, os dados observados no gráfico 15 indicam que há uma distância

percentual maior entre jovens adventistas do sexo feminino para jovens do sexo masculino em todas as décadas analisadas. Em 1991, o percentual de diferença das jovens mulheres para os homens é de aproximadamente 26,88%; em 2000 de 23,46% e em 2010 de 14,82%. O que se percebe também é que esse percentual está diminuindo e, entre 2000 e 2010, teve uma queda mais acentuada indicando uma tendência de aproximação maior entre esses números nos anos subsequentes.

Em termos de aumento, nota-se que jovens do gênero masculino cresceram algo em torno de 69,65%, entre 1991 e 2000, e 32,63%, entre 2000 e 2010. No caso de jovens do gênero feminino, o aumento aproximado foi de 65,07%, entre 1991 e 2000, e de 23,35%, entre 2000 e 2010.

**Gráfico 15 – Comparativo de crescimento percentual entre os gêneros masculino e feminino da JBA nos anos de 1991, 2000 e 2011**



Fonte: obtido a partir dos dados e microdados fornecidos pelo Censo do IBGE de 1990, 2000 e 2010.

Essa constatação de que, tanto em números absolutos, quanto em termos percentuais, os jovens adventistas do sexo masculino superaram as do sexo feminino em seu aumento, especialmente entre os anos de 2000 e 2010, provoca algumas interrogações que podem gerar futuras pesquisas examinando os porquês desse aumento mais acentuado entre eles.

#### 2.2.4 Juventudes brasileira e adventista: perfil socioeconômico<sup>45</sup>

Segundo os dados dos gráficos 16 e 17 abaixo, o perfil socioeconômico da juventude brasileira revela algumas informações importantes. Em 1991, entre os jovens do sexo masculino, 4.950.704 não possuíam renda, um percentual aproximado 24,78% do total de jovens do sexo masculino no Brasil. No caso de jovens do sexo feminino o número era de 12.589.703, representando 61,62% de toda juventude feminina brasileira.

Segundo os dados de 2000, o número era de 7.896.287, algo em torno de 33,61% de jovens do gênero masculino que não possuíam renda, sendo que para jovens de gênero feminino o número chegava em 13.494.533, um percentual de 56,95% da juventude feminina brasileira. E, em 2010, entre jovens de gênero masculino, 8.044.357 estavam na categoria dos que não possuíam renda representando 31,42% dos jovens de gênero masculino no Brasil. No caso das jovens do sexo feminino o percentual ficava na casa dos 42,12%<sup>46</sup>, sendo que em números absolutos a quantidade era de 10.824.655.

Muito embora as diferenças percentuais sejam notáveis, como demonstrado acima, os dados dos últimos anos vêm apresentando uma queda percentual no número de jovens mulheres sem renda, o que parece sinalizar uma consciência social mais aberta em relação ao papel da mulher no mercado de trabalho e até mesmo uma maior autonomia da mesma em se projetar profissionalmente.

Outro dado visível, nos gráficos 16 e 17, é a curva que ocorre entre as décadas analisadas. Quando se comparam os números e rendas dos jovens do sexo masculino em 1991 com 2000 percebe-se que em todas as linhas houve um aumento, com exceção da renda de 0 a 1 salário mínimo em que houve um decréscimo, mas que também pode ser algo positivo uma vez que esse contingente pode ter se emancipado para uma condição econômica superior.

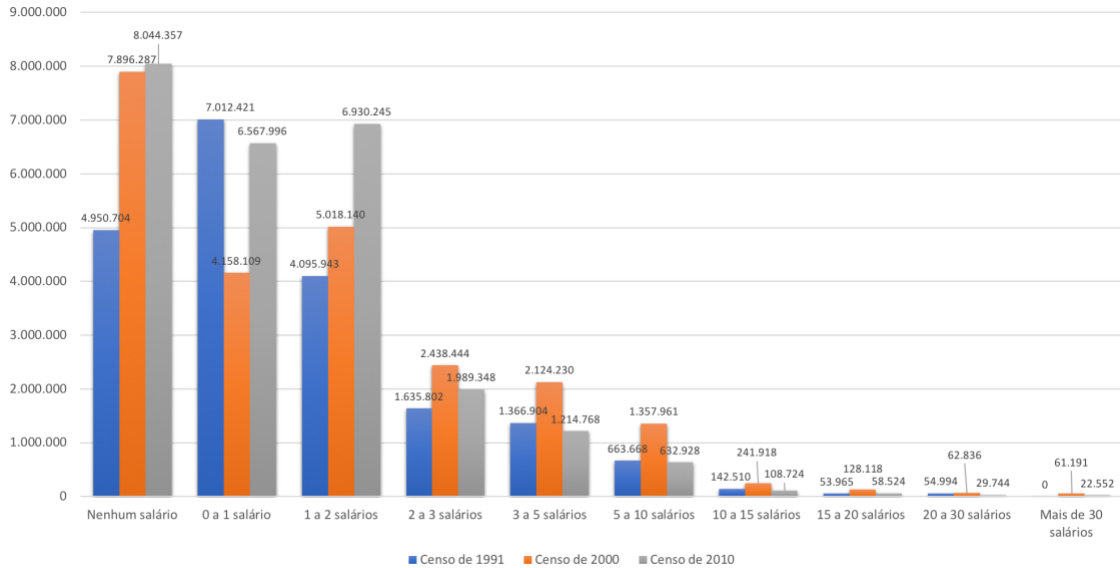
O inverso ocorre quando se comparam os números e rendas dos jovens masculinos entre os anos de 2000 e 2010. Todas as linhas que indicam as rendas mais altas (de 2 a mais de 30 salários mínimos) apresentam um decréscimo nos anos de 2010. Apenas as rendas de 0 a 2 salários mínimos apresentaram um aumento, evidentemente pelo fato de que muitos que tinham rendas maiores terem-nas perdido. Esse fenômeno pode ser entendido como um subproduto da crise econômica que afetou o país nos últimos anos atingindo também os jovens que, via de

<sup>45</sup> Nos gráficos dessa seção o salário base utilizado pelo IBGE para os cálculos de renda foi o salário mínimo dos anos em análise. Em 2000 o valor era de R\$ 151, em 2010 de R\$ 510 e em 1991 considerou-se o valor de Cr\$ 36.161,60, pois representava o salário mínimo vigente no mês de referência do Censo Demográfico de 1991, ou seja, Cr\$ 17.000,00 (mês de agosto), acrescido dos abonos que lhe foram concedidos para aquele mês, Cr\$ 3.000,00 e Cr\$ 16.161,60. Dados disponíveis em <https://bit.ly/2VPYkKh>. Acesso em: 02 mai. 2019.

<sup>46</sup> Vale mencionar que os dados são levantados a partir das idades de 16 a 30 anos implicando na necessidade de se levar em consideração os jovens estudantes dessa faixa etária que, em grande parte, ainda não possuem renda.

regra, estão há pouco tempo inseridos no mercado de trabalho. No caso de jovens do sexo feminino, o mesmo quadro acontece quando se comparam os números e rendas entre os anos de 1991, 2000 e 2010.

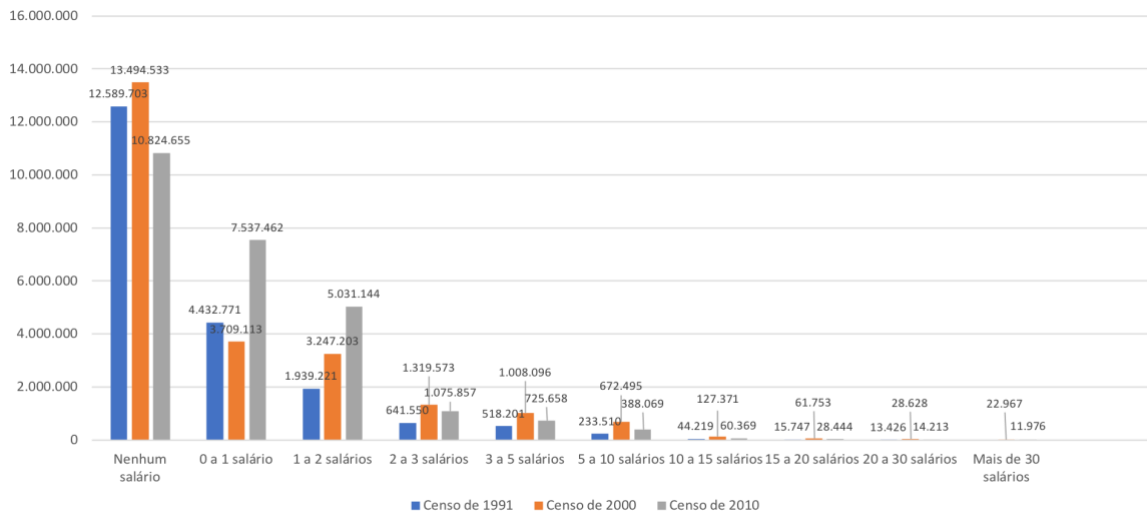
**Gráfico 16 – Perfil socioeconômico da JB do sexo masculino em 1991, 2000 e 2010**



Fonte: obtido a partir dos dados e microdados fornecidos pelo Censo do IBGE de 1990, 2000 e 2010.

\*No Censo de 1991 o IBGE não calculou a quantidade dos que possuíam renda com mais de 30 salários.

**Gráfico 17 – Perfil socioeconômico da JB do sexo feminino em 1991, 2000 e 2010**



Fonte: obtido a partir dos dados e microdados fornecidos pelo Censo do IBGE de 1990, 2000 e 2010.

\*No Censo de 1991 o IBGE não calculou a quantidade dos que possuíam renda com mais de 30 salários.

Entre a juventude adventista brasileira, o perfil socioeconômico comparado entre mulheres e homens, conforme os gráficos 18 e 19, revela que, nos anos de 1991, 21.039 homens, um índice aproximado de 26,26% do total jovens do sexo masculino no Brasil, não possuíam

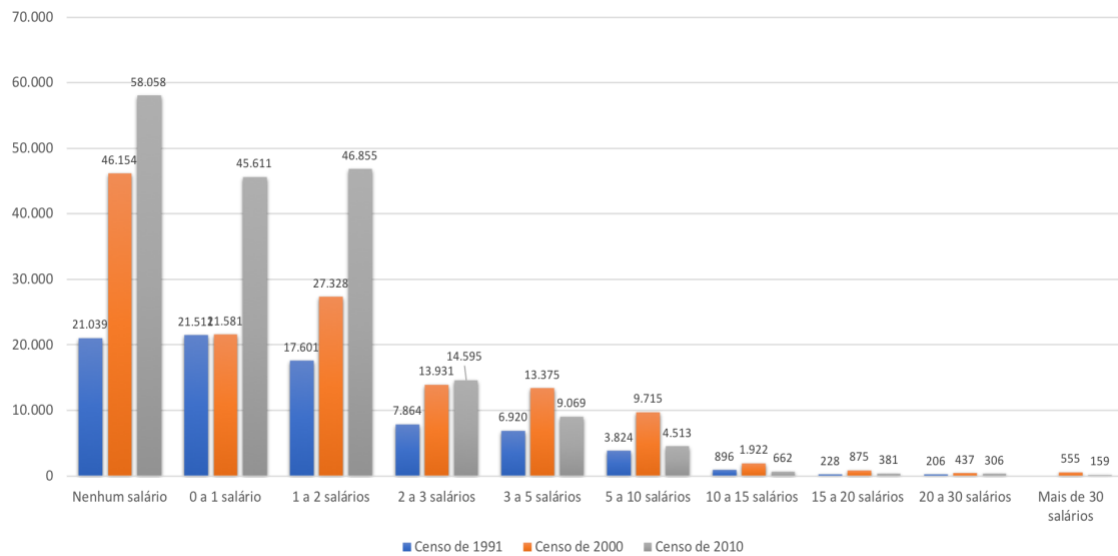
renda, enquanto que o número de mulheres na mesma condição, era de 62.430, girando em torno de 61,43% do total de mulheres jovens brasileiras.

Segundo os dados de 2000, o percentual de homens sem renda subiu para 33,96%, 46.154 em números absolutos, enquanto que o das mulheres caiu para 56,77%, 95.234 em números absolutos. Em 2010, o quadro ficou com os homens sem renda em 58.058, na casa dos 32,21%, em termos percentuais; e das mulheres em 89.847, algo em torno de 43,41% quando comparado ao número total de jovens brasileiros.

Dessas informações pode-se notar que, em primeiro lugar, o percentual de jovens adventistas do sexo masculino sem renda aumentou da década de 1991 para 2000, apresentando uma ligeira queda de 2000 para 2010, quadro este que se assemelha com o que ocorreu com a juventude brasileira de sexo masculino durante o mesmo período. Em segundo lugar, no caso das jovens adventistas, a queda percentual se deu nas três décadas analisadas, o que também revela harmonia com o quadro que ocorreu entre as jovens brasileiras, em geral, no mesmo período.

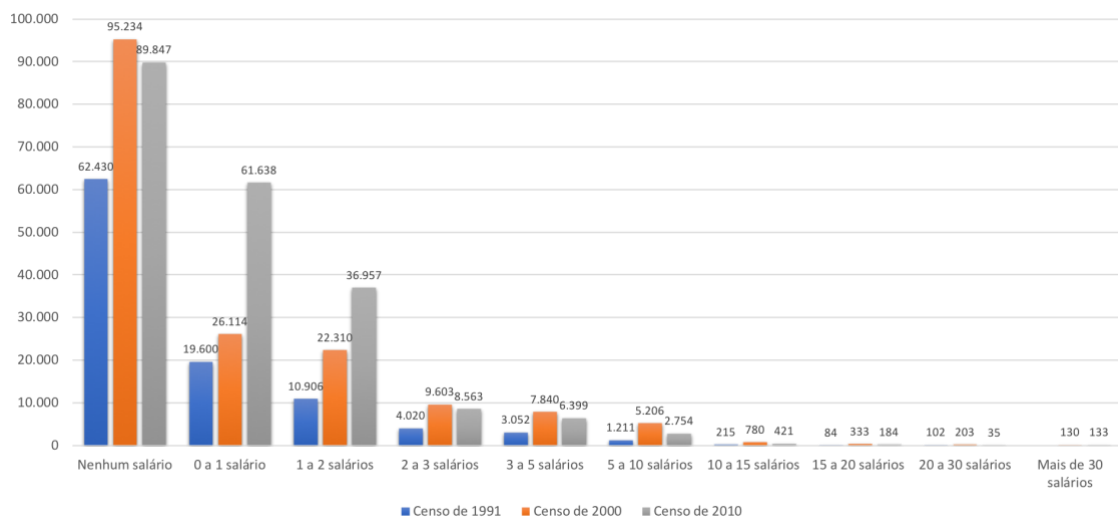
Sobre a curva de aumento ou declínio na média de renda dos jovens adventistas, dentro das décadas analisadas, verifica-se que, entre os homens, houve um aumento no número dos que possuíam rendas, desde 1 até 30 salários mínimos, entre os anos de 1991 e 2000. Já entre os anos de 2000 e 2010, houve um declínio nos números dos que tinham renda de 3 a mais de 30 salários mínimos e, previsivelmente, um aumento nos que possuíam renda entre 1 a 3 salários mínimos, o que parece indicar uma recessão econômica onde muitos jovens tiveram que se submeter a rendas mais baixas para se manter no mercado de trabalho.

No caso das jovens adventistas, o cenário se repete. Entre os anos de 1991 a 2000, o número de mulheres com renda aumenta em todos os níveis (de 1 a 30 salários mínimos). E, entre 2000 e 2010, há queda nos números de mulheres com rendas acima de 2 salários mínimos e aumento no índice de mulheres com renda de 1 a 2 salários evidenciando o mesmo fenômeno de acomodação feminina a salários mais baixos para permanecer no mercado de trabalho.

**Gráfico 18 – Perfil socioeconômico da JBA do sexo masculino em 1991, 2000 e 2010**

Fonte: obtido a partir dos dados e microdados fornecidos pelo Censo do IBGE de 1990, 2000 e 2010.

\*No Censo de 1991 o IBGE não calculou a quantidade dos que possuíam renda com mais de 30 salários.

**Gráfico 19 – Perfil socioeconômico da JBA do sexo feminino em 1991, 2000 e 2010**

Fonte: obtido a partir dos dados e microdados fornecidos pelo Censo do IBGE de 1990, 2000 e 2010.

\*No Censo de 1991 o IBGE não calculou a quantidade dos que possuíam renda com mais de 30 salários.

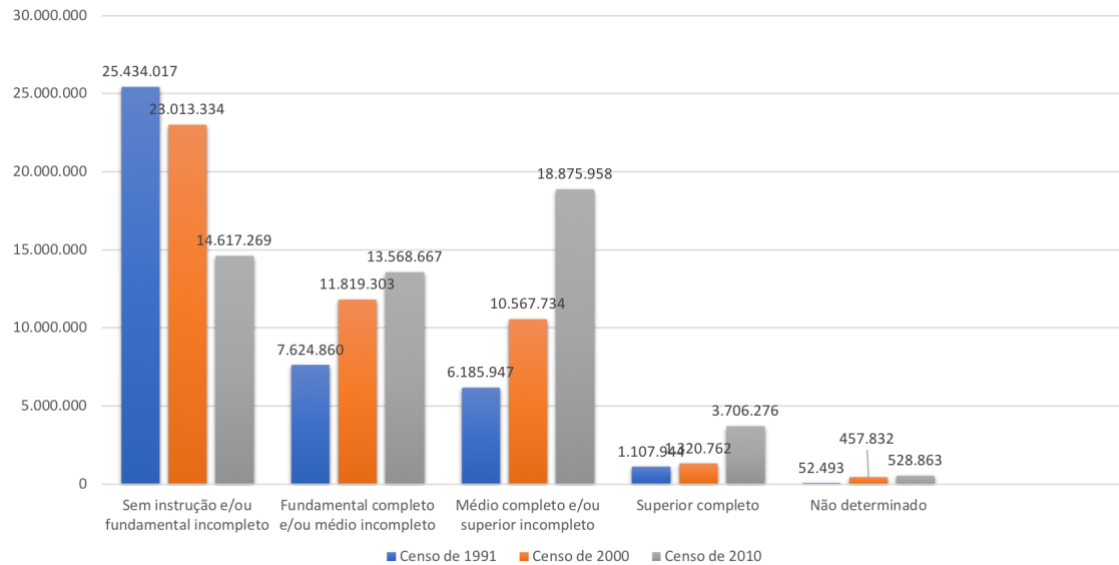
### 2.2.5 Juventudes brasileira e adventista: escolaridade

A realidade atual aponta para um contexto de produção orientada à competitividade em que a sociedade reforça constantemente o papel da instrução educacional, advogando que o nível de escolaridade está diretamente ligado à inserção no mercado de trabalho e às possibilidades de rendas. No caso do adventismo brasileiro, Pereira et al. (2017, p. 131) revelam que 55,7% de seus membros não possuem instrução ou ensino fundamental completo enquanto que, na realidade brasileira, o percentual é de 57,7%.

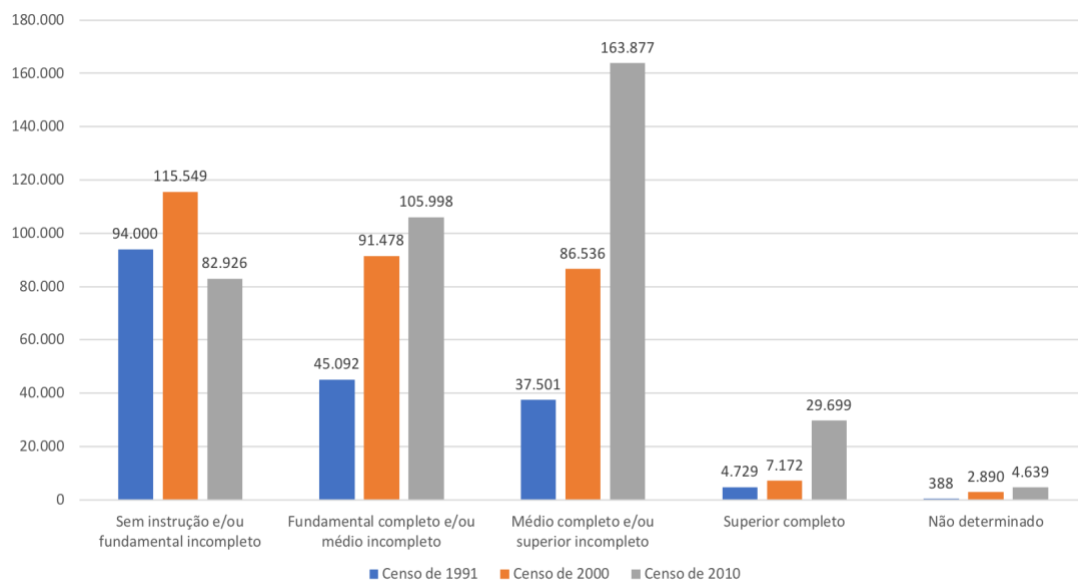
Quando o recorte investigado é a juventude adventista, conforme informações dos gráficos 19 e 20, os números indicam que, na década de 1990, o percentual de indivíduos sem instrução ou com fundamental incompleto era de 0,36%; com fundamental completo e médio incompleto o índice aumentava para 0,59%; com médio completo e superior incompleto a taxa chegava em 0,6% e no caso do superior completo o percentual aproximado era de 0,42%. Lembrando que todos esses percentuais, acima mencionados, representam os índices da JBA quando comparada com os mesmos índices da JB em geral.

Tomando essa mesma comparação como base, no Censo de 2000, os percentuais aproximados mostram que 0,5% dos jovens adventistas brasileiros não possuíam instrução ou tinham fundamental incompleto; 0,77% tinham fundamental completo ou médio incompleto; 0,81% possuíam médio completo ou superior incompleto e 0,54% detinham superior completo. Já no último Censo divulgado, o de 2010, os índices aproximados, para a JBA sem instrução ou com fundamental incompleto, ficam na casa dos 0,56%; 0,78% para os que possuem fundamental completo ou médio incompleto; 0,86% para os que detêm o médio completo ou superior incompleto e 0,8% para os de superior completo.

Comparando as décadas investigadas, nota-se que, embora os percentuais do nível de escolaridade dos jovens adventistas sejam baixíssimos quando comparados a juventude brasileira, em geral, eles apresentam um aumento considerável quando a comparação é interna, isto é, da JBA com ela mesma nos períodos investigados. Os números dos que possuíam fundamental completo e médio incompleto, por exemplo, cresceram em 102,8%, entre os anos de 1991 e 2000, e 15,87% entre os anos de 2000 e 2010. Entre os que tinham médio completo e superior incompleto o aumento aproximado foi na casa dos 130,7%, no período de 1991 a 2000, e de 89,37%, de 2000 a 2010. No caso dos se declararam com superior completo o percentual foi de aproximadamente 51,65%, de 1991 a 2000, e de 314% entre 2000 e 2010.

**Gráfico 20 – Escolaridade da JB em 1991, 2000 e 2010**

Fonte: obtido a partir dos dados e microdados fornecidos pelo Censo do IBGE de 1990, 2000 e 2010.

**Gráfico 21 – Escolaridade da JBA em 1991, 2000 e 2010**

Fonte: obtido a partir dos dados e microdados fornecidos pelo Censo do IBGE de 1990, 2000 e 2010.

### 2.2.6 Juventudes brasileira e adventista: rural ou urbana?

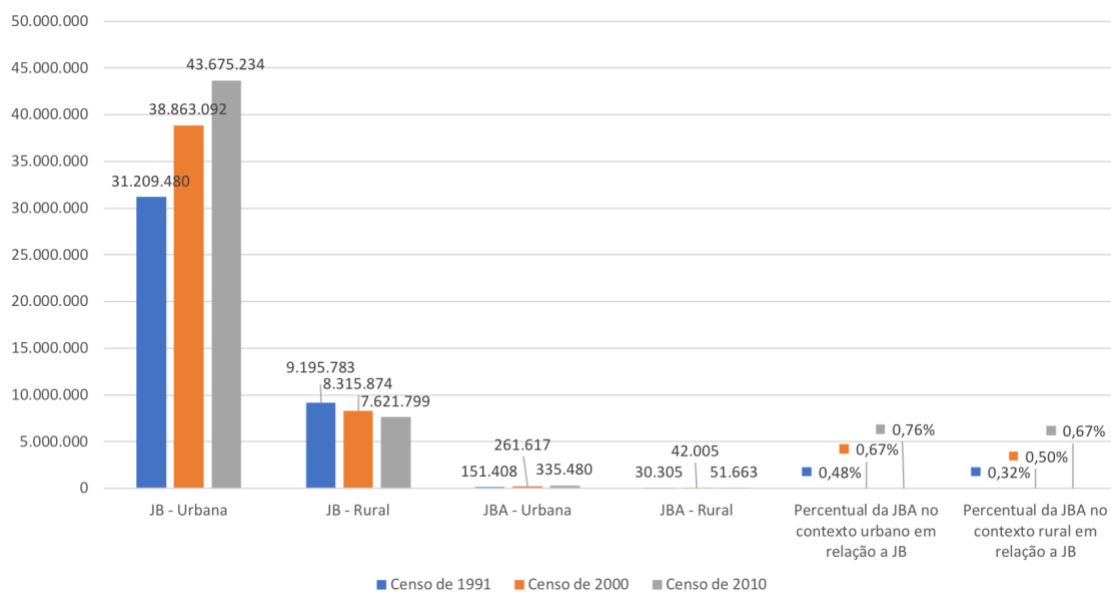
Jorge Barro (2013, p. 141) fazendo uma reflexão acerca do papel das igrejas no contexto urbano menciona que o Brasil viveu um processo mais acentuado de urbanização a partir de 1950 corroborado pelo fenômeno do “êxodo rural”. Ele chega a sugerir um quadro em que, em 1950, o Brasil era 18,8% urbano, em 1965 ele atingiu a casa dos 50% e hoje 84% da população brasileira vive nos centros urbanos contra apenas 16% que permanece nas áreas rurais.

Essa realidade é sintomática de um cenário que vem se alastrando por todo o globo terrestre. Há dados da ONU indicando que, no ano de 2008, a população mundial urbana já era maior que a rural (BARRO, p. 140). Davis (2006, p. 27) também contribui com alguns dados para esse cenário que, embora possam já estar desatualizados, fornecem um bom panorama do agudo crescimento urbano mundial nos últimos anos:

a Terra urbanizou-se mais depressa do que previra o Clube de Roma em seu relatório de 1972, *Limits of Growth* [Limites do crescimento], sabidamente malthusiano. Em 1950, havia 86 cidades no mundo mais de 1 milhão de habitantes; hoje são 400, e em 2015 serão pelo menos 550.

Diante de todo esse contexto, o gráfico 22 abaixo ajuda a situar a presença, no mundo rural ou urbano, da JB e da JBA. A partir dos dados apresentados no gráfico, é possível traçar os percentuais comparativos da JBA inserida no contexto urbano e rural em relação a JB nos períodos analisados. Na década de 1991, por exemplo, dos 31.209.480 jovens brasileiros inseridos no contexto urbano, 151.408 se declararam adventistas, o que indica um percentual aproximado de 0,48%. Em relação ao contexto rural, o número de jovens adventistas era de 30.305 em relação ao de 9.195.783, um contingente aproximado de 0,32%.

**Gráfico 22 – Dados comparativos da JB e da JBA no contexto urbano e rural da JB nos anos de 1991, 2000 e 2010**

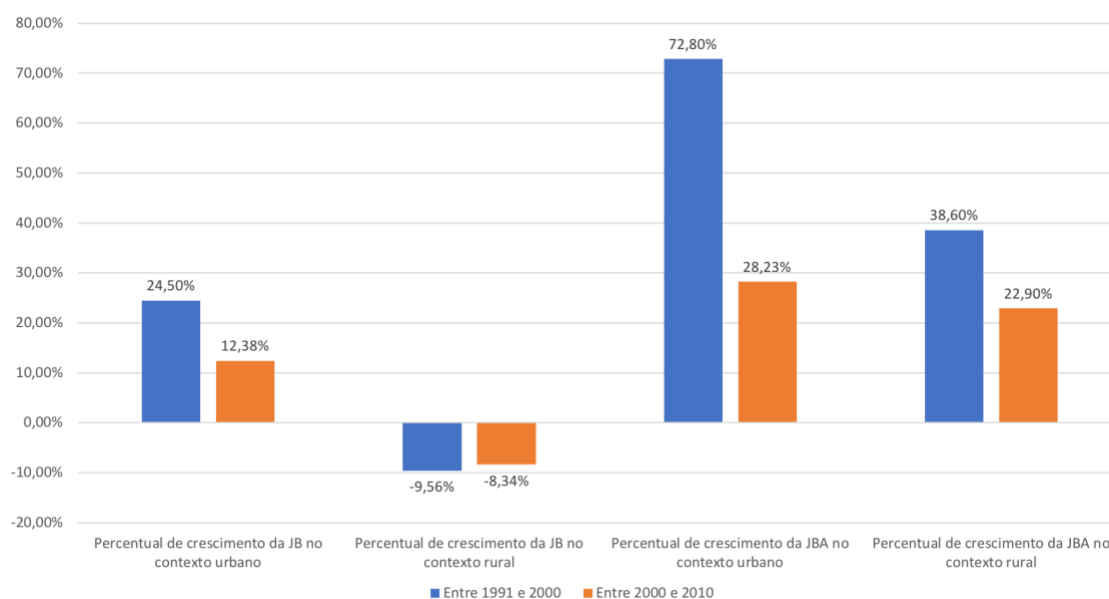


Fonte: obtido a partir dos dados e microdados fornecidos pelo Censo do IBGE de 1990, 2000 e 2010.

Os mesmos cálculos, realizados a partir dos dados de 2000, indicam que a juventude adventista representava algo em torno de 0,67% de todos os jovens brasileiros no contexto urbano. Enquanto que, para o contexto rural, o percentual era na faixa de 0,5%. No caso dos

dados mais recentes do Censo de 2010, a juventude adventista, inserida no contexto urbano, representava 0,76% da juventude brasileira no mesmo contexto. Já o percentual, para o contexto rural, era de aproximadamente 0,67%.

**Gráfico 23 – Percentual comparativo do crescimento da JB e da JBA no contexto urbano e rural entre os anos de 1991, 2000 e 2010**



Fonte: obtido a partir dos dados e microdados fornecidos pelo Censo do IBGE de 1990, 2000 e 2010.

Outra análise interessante que se pode fazer, sinalizada pelo gráfico 23 acima, tem que ver com o percentual de aumento entre a JB e a JBA no decorrer do período analisado. Inseridos no contexto urbano, por exemplo, os jovens no Brasil cresceram, aproximadamente, 24,5%, entre os anos de 1991 e 2000, e 12,38%, entre os anos de 2000 a 2010. No contexto rural, houve uma queda aproximada, entre a juventude brasileira na casa dos 9,56%, entre os anos de 1991 e 2000, e de 8,34%, entre os anos de 2000 e 2010.

Já entre os jovens adventistas do Brasil, inseridos no contexto urbano, o aumento foi muito maior, quando comparado ao aumento da juventude brasileira, em geral, chegando ao percentual aproximado de 72,8%, entre os anos de 1991 e 2000, e de 28,23%, entre os anos de 2000 e 2010. No contexto rural, diferentemente da realidade da juventude brasileira, em geral, que apresentou queda, a juventude brasileira adventista demonstrou um aumento percentual aproximado de 38,6%, entre os anos de 1991 e 2000, e de 22,9%, entre 2000 e 2010.

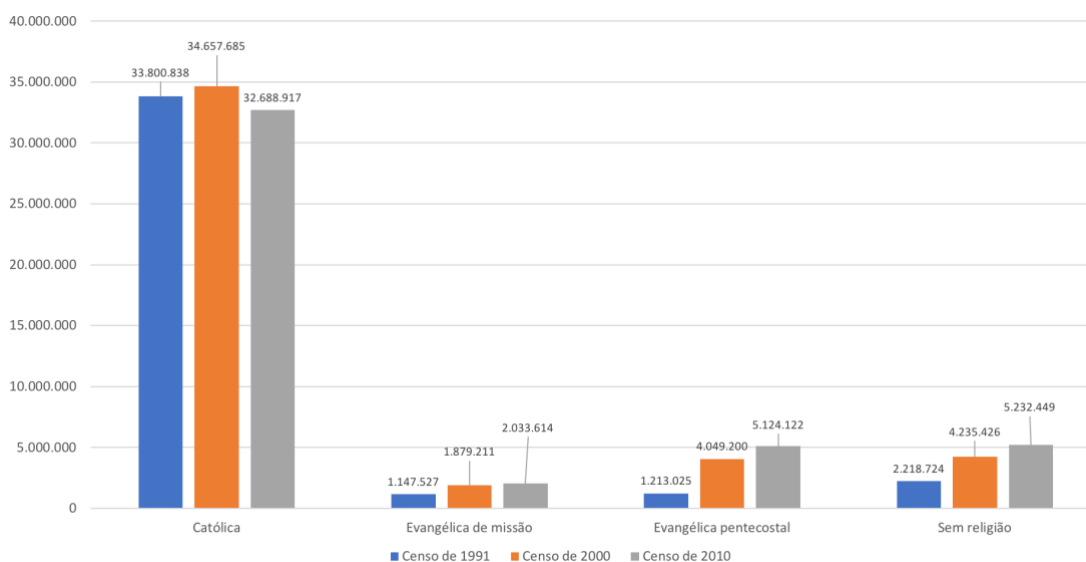
### 2.2.7 Juventudes brasileira e adventista: o cenário religioso

O primeiro capítulo desta pesquisa já indicou um contexto geral acerca da condição religiosa entre os jovens. O gráfico 24 abaixo traz um olhar quantitativo em relação aos números e categorias religiosas escolhidas pelos jovens brasileiros nos anos de 1991, 2000 e 2010.

Veja que alguns dados são notáveis. O número dos que se declararam “sem-religião” aumentou em ambos os intervalos pesquisados, de 1991 a 2000 e de 2000 a 2010. No caso do número dos jovens católicos houve um aumento não muito expressivo de 1991 para 2000 e uma queda considerável de 2000 a 2010, o que justifica o alerta acompanhado de iniciativas, no interior do catolicismo, de atrair e fidelizar novamente a sua juventude, como os movimentos de cunho carismático, mencionados no primeiro capítulo desta pesquisa.

Os jovens evangélicos tradicionais ou de missão cresceram nas três décadas analisadas, sendo que, no último intervalo de 2000 a 2010, o aumento foi mais tímido. No caso dos jovens evangélicos pentecostais, o aumento foi mais significativo, especialmente entre 1991 e 2000, indicando, possivelmente, a busca de uma oferta religiosa mais sensorial por parte de uma parcela dos jovens, conforme já se indicou no primeiro capítulo deste trabalho.

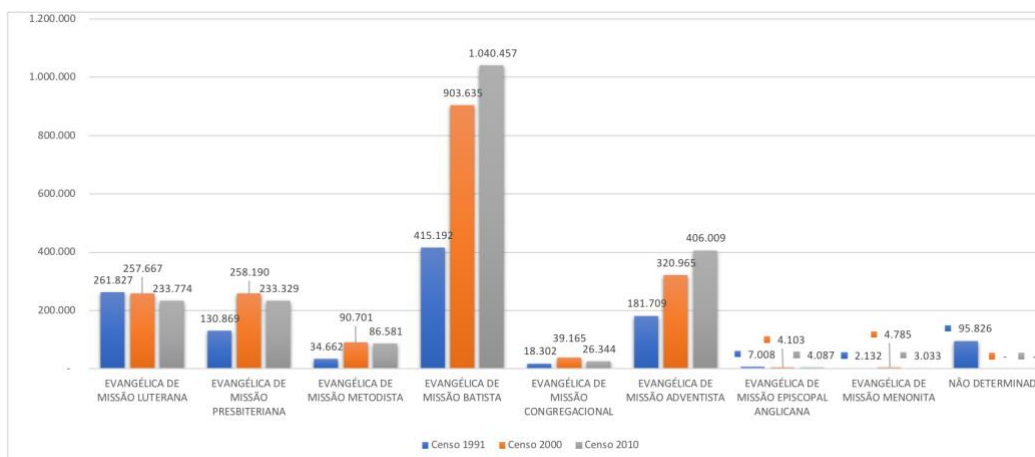
**Gráfico 24 – Religiosidade da juventude brasileira nos anos de 1991, 2000 e 2010**



Fonte: obtido a partir dos dados e microdados fornecidos pelo Censo do IBGE de 1990, 2000 e 2010.

No que diz respeito ao número dos jovens adventistas no Brasil, eles estão incluídos na categoria religiosa “evangélica de missão” no gráfico 24 acima.

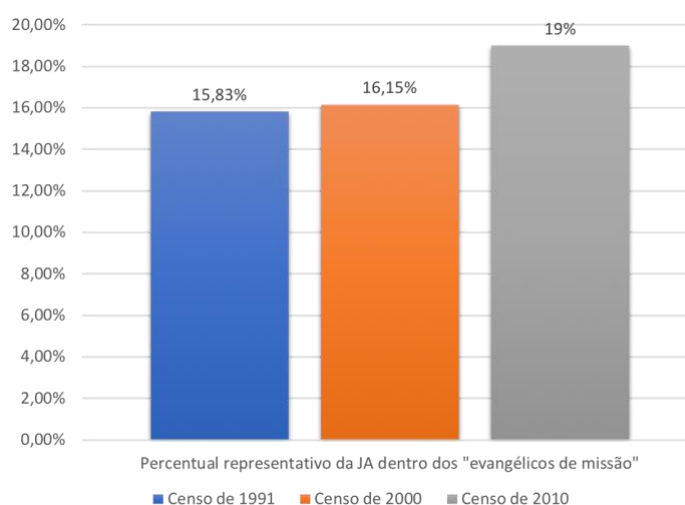
**Gráfico 25 – Comparativo da JB entre as “evangélicas de missão” em 1991, 2000 e 2010**



Fonte: obtido a partir dos dados e microdados fornecidos pelo Censo do IBGE de 1990, 2000 e 2010.

O gráfico 25 propõe um olhar mais específico em relação a distribuição da JB entre os “evangélicos de missão”. Nele pode-se reparar que entre os jovens evangélicos houve, entre os anos de 2000 e 2010, um aumento apenas dos batistas e dos adventistas. Em todas as demais categorias houve queda no número de jovens adeptos. No caso dos adventistas o aumento foi de 139.256 jovens, entre 1991 e 2000; e de 85.044, entre 2000 e 2010. Em termos percentuais os valores aproximados do aumento seriam de 76,63%, entre 1991 e 2000, e de 26,5%, entre 2000 e 2010.

Como em 1991 o número de jovens adventistas era de 181.710, eles representavam um percentual aproximado de 15,83% da juventude que se classificava como “evangélica de missão”. Já em 2000 esse percentual sofreu um ligeiro aumento para 16,15% enquanto que, em 2010, ele chegou à casa dos 19%, conforme o gráfico 26 abaixo.

**Gráfico 26 – Percentual representativo da JA em relação aos “evangélicos de missão”**

Fonte: obtido a partir dos dados e microdados fornecidos pelo Censo do IBGE de 1990, 2000 e 2010.

No entanto, faz-se necessário mencionar que entre os adventistas indicados no gráfico 25 há três subgrupos, os adventistas do sétimo dia, os adventistas da reforma e os adventistas da promessa. Toda a juventude desses três subgrupos apresentou aumento no prazo investigado. Sendo que, para fins desta pesquisa, o subgrupo que mais nos interessa é o da juventude adventista do sétimo dia.

Embora o aumento não seja tão expressivo da juventude adventista do sétimo dia, quando comparado e inserido no quadro mais amplo da juventude evangélica de missão, ele também não pode ser ignorado por algumas razões. A primeira é porque os índices percentuais aparecem crescendo nos três períodos analisados o que sinaliza uma tendência de aumento na proporção de jovens adventistas em relação a juventude evangélica em geral, conforme visto no gráfico 26. A segunda razão é porque, numa análise interna, os jovens adventistas continuam crescendo percentualmente de forma significativa, o que dá a entender que a IASD tem sido eficaz, pelo menos para uma parcela crescente de jovens, em sua proposta de ministério voltado para eles.

### **Conclusões do segundo capítulo**

Esse capítulo trouxe um panorama geral do ministério jovem a partir de sua história, organização, filosofia e missão. O que fica evidente é que os jovens, desde o início da história do movimento, tiveram um lugar de destaque na IASD, seja no pioneirismo da organização, na produção de materiais religiosos ou no envolvimento missionário.

O ministério voltado para os jovens, embora norteado por objetivos específicos, sempre demonstrou a preocupação em integrar a juventude com o restante da igreja de modo a se evitar os riscos dos conflitos geracionais e também a fim de potencializar o desenvolvimento do jovem e prepará-lo para assumir papéis de liderança não apenas na igreja, mas também na sociedade.

As declarações de filosofia e missão do ministério jovem também demonstram que a percepção da IASD acerca da identidade e propósito do jovem adventista está intimamente ligada a missão do movimento como um todo que é o de proclamar para todas as pessoas a mensagem do terceiro anjo, mensagem esta que tem a ver com uma advertência em relação ao iminente retorno de Jesus no momento histórico em que vivemos.

O capítulo também trouxe uma avaliação dos dados da juventude adventista no Brasil na interface com os dados da juventude brasileira, em geral, nos anos de 1991, 2000 e 2010. Esse quadro forneceu uma visão do aumento ou da queda nos números entre os jovens adventistas cruzando esses dados com os contextos de idade, gênero, região de residência, perfil socioeconômico, escolaridade e religião. Esses dados expressam, de alguma maneira, o êxito ou o fracasso dos esforços da instituição religiosa em ampliar seu alcance entre os jovens.

Uma das primeiras leituras que se pode fazer a partir das análises dos gráficos é a do aumento expressivo entre os jovens adventistas na virada do século. Quais seriam as razões para essa alteração, especialmente quando se leva em conta que no último Censo de 2010, o fenômeno já não se repetiu mais, pois o aumento foi menor? Seria por conta do contexto religioso da virada do século – marcado pela abertura a novas experimentações – que muitos desses jovens aderiram ao movimento adventista?

Quando se concentram os olhos nas regiões do país, percebe-se alguns dados notórios e dignos de reflexão. O primeiro deles é que o aumento da juventude adventista no Norte comparado ao aumento da juventude brasileira foi superior nas três últimas décadas em números percentuais. De todas as regiões, a do Norte foi a região onde houve o aumento mais expressivo. O que poderia levantar algumas questões para futuras pesquisas mais regionalizadas, tais como: esse quadro apontaria para alguma estratégia específica utilizada pela IASD naquela geografia ou seria subproduto de uma cultura de aumento religioso de todo o movimento adventista na região?

Um segundo contexto notório tem que ver com a região Sudeste que, em números absolutos, apresentou o maior resultado de jovens adventistas em relação a todas as demais regiões do Brasil, no período analisado<sup>47</sup>. No entanto, em termos percentuais houve uma queda

<sup>47</sup> Com exceção da comparação com a região Nordeste, no último Censo, que ficou maior que a Sudeste.

abrupta, mesmo levando em conta que essa diferença percentual da juventude adventista ainda permanece maior que a queda percentual da juventude brasileira, em geral, no mesmo período. Esses dados também despertam algumas perguntas: essa queda representa um encolhimento sistêmico entre os jovens brasileiros no Sudeste que se reflete na população religiosa, inclusive na adventista? Ou esses dados apontariam para uma maior mobilidade religiosa entre jovens situados no Sudeste do país por conta da suposta urbanização em maior escala nessa região?

Outra configuração notória, verificada neste capítulo, tem que ver com o fato de que, quando se comparam os dados de 2010 com os de 2000, percebe-se que o aumento entre os jovens adventistas brasileiros foi menor que o de 2000 em relação a 1991 em todas as regiões. Embora essa queda possa merecer atenção por parte da organização adventista, há que se lembrar que ela acompanha uma tendência da juventude brasileira, em geral, que cresceu 67,5% de 1991 a 2000, mas cresceu apenas 27%, de 2000 a 2010.

Levando isso em conta, pode-se dizer que a juventude brasileira adventista das regiões, em termos percentuais, cresceu mais do que a juventude brasileira, em geral, na maioria das regiões. Isso porque, com exceção das regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul, todas as demais cresceram mais que 27,5% de 2000 a 2010, o que superou o percentual de aumento da juventude brasileira das mesmas regiões no mesmo período investigado.

No que diz respeito a análise da juventude adventista por gênero, notou-se um aumento percentual no aumento dos homens mais do que no das mulheres, apesar de, em termos de resultados numéricos gerais, elas ainda estarem em maior quantidade. O que também desperta o questionamento se foi desenvolvido nos últimos anos alguma abordagem especial de captação de jovens do gênero masculino por parte da IASD.

Em relação ao perfil socioeconômico da juventude brasileira, o que se verificou foi que, embora o número de homens com renda seja maior que o das mulheres nos três recortes temporais analisados, elas, nesses últimos anos, já vêm apresentando um aumento percentual significativo nesse quesito, o que parece apontar para uma dilatação da consciência social em relação ao papel da mulher no mercado de trabalho e que, por conseguinte, gera uma maior autonomia entre as mulheres para elas buscarem seus objetivos profissionais. A mesma tendência ocorre entre as jovens adventistas (uma queda percentual no número de mulheres sem renda).

Já em relação a escolaridade, o número de jovens adventistas com acesso a educação formal aumentou entre os períodos analisados, com destaque para a triplicação da quantidade de jovens com superior completo entre 2000 e 2010. Por conta da delimitação dos propósitos desta pesquisa, não se levantou qual seria essa realidade em relação a outras denominações

religiosas no contexto brasileiro, mas, baseados nos dados dos jovens adventistas, pode-se suspeitar que haja alguma relação entre a mensagem adventista, que apela mais para uma compreensão cognitiva das crenças, e um aumento no número de jovens com ensino superior que se identificam com a mesma.

Na avaliação que se faz do quadro de residência das juventudes, adventista e brasileira, percebeu-se que a juventude adventista demonstrou maior aumento no contexto urbano em relação a juventude brasileira. E a juventude adventista também aumentou mais que a juventude brasileira no contexto rural. Lembrando que essas duas constatações ocorrem dentro das décadas analisadas. Aqui há mais uma janela aberta para futuras investigações. Esse aumento de jovens adventistas em ambos os contextos, rural e urbano, poderia ser interpretado por um viés ideológico<sup>48</sup> ou apenas por uma reconfiguração socioeconômica da juventude em questão?

Enfim, o que se percebe a partir do levantamento geral que se fez neste capítulo em relação ao contexto social mais amplo e aos demais contextos específicos escolhidos para a análise é que cada um deles abre muitas possibilidades para futuras pesquisas buscando rastrear as possíveis motivações e fatores que podem ter contribuído para tantas reconfigurações apresentadas nos quadros avaliados.

O que se pode afirmar até aqui é que a juventude adventista, mesmo com uma mensagem aparentemente contracultural, pois apela para um modelo de compreensão bíblica guiado por verdades absolutas e de entendimento missiológico com teor exclusivista, tudo isso num contexto de sincretismo e pluralidade religiosa e de apelo ao inclusivismo social, continua crescendo em maior ou menor proporção demonstrando o interesse dos jovens, de alguma forma, nesse tipo de conteúdo ou abordagem religiosas.

O próximo capítulo irá tratar desses conteúdos endereçados a juventude adventista: quais foram suas ênfases nesses últimos anos, especialmente no período das três décadas em análise? Apresentaram alterações significativas diante das mudanças sociológicas vistas a partir desses resultados dos Censos? Há algum tipo de negociação no teor desses conteúdos direcionados a eles?

<sup>48</sup> Os adventistas do sétimo dia acolhem em sua teologia uma tensão entre a cidade e o campo. Essa tensão, inclusive, parece ser fruto de uma ênfase desequilibrada em alguns dos conselhos de uma de suas pioneiras, a escritora norte americana Ellen G. White. Ela possui textos onde recomenda que, na medida do possível, os adventistas vivam no campo para desenvolver um estilo de vida mais saudável (WHITE, 2006, p. 361). No entanto, ela também valoriza os que permanecem na cidade a fim de pregar o evangelho reconhecendo que ambos os grupos estão sendo fiéis as orientações de Deus (WHITE, 2012, p. 28). Para uma visão equilibrada acerca desta tensão veja o artigo escrito pelo atual presidente da IASD, Erton Kohler, na *Revista Adventista* de fevereiro de 2016, intitulado “Campo ou Cidade?”, disponível em <https://bit.ly/2J6URD5>. Acesso em: 12 dez. 2018.

### CAPÍTULO III – O “ESPAÇO JOVEM” NA *REVISTA ADVENTISTA*

O movimento adventista tem, desde suas origens, um forte interesse em envolver sua juventude nas atividades e objetivos da igreja. É por essa razão que, desde o ano de 1907, sedimentou um departamento conhecido atualmente como Ministério Jovem para auxiliar a juventude adventista em seus dilemas e, sobretudo, levá-los a uma “experiência de salvação por meio de Jesus Cristo” (ALLEN, 2012, p. 7). Para se alcançar esse fim, um dos meios que a IASD tem utilizado é o de produzir conteúdos para instrução do seu público jovem. A trajetória de publicações endereçadas a essa classe remonta o início do século XX. O primeiro título lançado recebeu o nome de “Juventude”, com periodicidade quinzenal e dirigida quase que exclusivamente para o público interno. Ela durou até 1940, sendo substituída em 1958 pela revista “Mocidade” que, em 1987 atingiu seu recorde tiragens 101 mil números, estimando-se que 80% dos seus assinantes não eram adventistas. Foi publicada de 1936 a 1940 e, em 1988, ela assumiu um formato mais dinâmico voltando-se para adolescentes de 13 a 19 anos (PINHEIRO, 1990, p. 37).

Em julho de 1994 foi feita mais uma tentativa de atingir o público adolescente, agora com o periódico chamado “Superamigo”. E, em 2006, foi lançada uma revista especificamente para jovens chamada “Conexão JA”, de periodicidade trimestral, e com a proposta de reforçar a identidade denominacional dos jovens, sem deixar de interagir com a cultura na qual eles estão inseridos. Por sua vez, o público adventista universitário também foi contemplado através do periódico “Diálogo Universitário” lançada em 1989, de periodicidade quadrimestral. Ela foi produzida pela Comissão de Apoio para Universitários e Profissionais Adventistas (Caupa) com o intuito de atender as necessidades e desenvolver o potencial desse grupo específico (LIMA, 2008, p. 26-29).

No caso da *Revista Adventista*, objeto escolhido para esta investigação, há uma seção que, historicamente, desfrutou de relativa estabilidade editorial trazendo, na grande maioria das edições da RA, conteúdos endereçados aos jovens da denominação.

O objetivo deste capítulo é, num primeiro momento, oferecer um panorama da história, abrangência e projeção da *Revista Adventista* no interior do adventismo. Num segundo momento, o capítulo se concentrará no “Espaço Jovem” investigando sua produção, por meio de algumas entrevistas com editores e colaboradores da seção, e seus conteúdos durante o período de 1993 a 2014. Esta análise dos conteúdos do “Espaço Jovem” será feita diagnosticando quais os temas recorrentes endereçados aos jovens adventistas, por meio de

gráficos, no intuito de se propor algumas reflexões acerca das possíveis necessidades que a IASD tem identificado na sua juventude ou da agenda ideológica que ela tem oferecido a essa classe a partir da escolha dos temas produzidos nesta seção.

### 3.1 A *Revista Adventista*

O ano de 2006 foi comemorativo para a *Revista Adventista*, pois ela completou 100 anos de publicação<sup>49</sup>. Os editores da mesma decidiram escrever uma reportagem de seis páginas oferecendo um panorama histórico do periódico<sup>50</sup>. Benedicto e Borges (2006, p. 9), ao escreverem sobre o nascimento da revista, revelam que:

O periódico nasceu como *Revista Trimensal*. O nome estava errado, uma vez que deveria ser *Revista Trimestral*, por ser publicada de três em três meses, não três vezes por mês, mas a ideia estava certa. Em janeiro de 1908, ela passou a ser publicada mensalmente e, como era de se prever, mudou de nome para *Revista Mensal*. O nome atual, *Revista Adventista*, veio em 1931, data em que a revista passou a ser identificada na capa como “órgão oficial da Igreja Brasileira dos Adventistas do Setimo Dia”. A designação de “órgão oficial” continuou até 1974. No ano seguinte, tornou-se “órgão geral” da igreja. Quase toda iniciativa pioneira tem um começo pequeno. Isso não foi diferente com a *Revista Adventista*. A primeira edição, em janeiro de 1906, tinha 12 páginas, em preto e branco, a maioria dedicada às Lições da Escola Sabatina – que, por sinal, nem sempre seguiam uma temática definida. Em 1908, a revista mudou a periodicidade para mensal, mas perdeu tamanho, ficando com oito páginas. O número de páginas saltou para 16 em 1918, pulou para 32 em 1931, chegou a 48 em 1977 e, a partir daí, se manteve na casa das 40, sendo 15 dedicadas a notícias [uma nova proposta editorial ocorreria apenas em 2015].

Levando em conta que a revista surgiu em 1906, é possível dizer que ela acompanhou praticamente toda a história do movimento adventista brasileiro, uma vez que, segundo a própria denominação, o adventismo brasileiro inicia-se em 1884, ou seja, uma diferença de 22 anos (FONSECA, 2008, p. 3). Mesmo não tendo sido o primeiro periódico da denominação no Brasil<sup>51</sup>, ela logo conquistou seu espaço na igreja.

Embora não tenha tido muitos editores<sup>52</sup>, a reportagem de Borges e Benedicto (2006, p. 10) assevera que até 1923 a revista ainda não tinha um expediente formal e, portanto, os nomes

<sup>49</sup> A IASD tem uma larga história de investimento em periódicos destinados à sua membresia. Nos Estados Unidos, por exemplo, país de origem do movimento adventista, em julho de 1849 foi publicada a primeira edição daquela que se tornou uma das revistas religiosas mais antigas daquele país, a *The Present Truth*. Foi essa revista, com apenas 8 páginas em sua primeira edição, que veio a se tornar a *Adventist World* que chega até 750 mil famílias, em 121 países, com 155 anos de publicação ininterrupta (GUARDA, 2006, p. 15).

<sup>50</sup> Essa reportagem, por ser uma das mais completas sobre a trajetória da revista, serviu de referência para esta seção e está disponível em <https://bit.ly/2X4yFix>. Acesso em: 12 fev. 2019.

<sup>51</sup> O primeiro periódico foi *O Arauto da Verdade* criado no Rio de Janeiro em 1900 (BENEDICTO; BORGES, 2006, p. 9).

<sup>52</sup> A reportagem de Benedicto e Borges (2006, p. 12) traz algumas imagens dos ex-editores além de uma tabela com os nomes dos que estiveram à frente deste cargo. No entanto, nela falta apenas o nome do atual editor, Marcos De Benedicto, que começou seu trabalho a partir de junho de 2014.

de seus primeiros responsáveis podem estar perdidos pra sempre. Por ser um periódico produzido pela editora oficial da denominação, a revista sempre teve pastores como os principais editores e jornalistas, o que fez com que ela estivesse sempre alinhada ao discurso oficial da denominação.

Vale destacar também a ligação da sua editora, a Casa Publicadora Brasileira, com a organização administrativa dos adventistas: em toda a sua história, tanto revista como editora nunca tiveram independência, tendo seus diretores, editores e funcionários sempre eleitos em votações ocorridas e dirigidas em reuniões da sede administrativa sul-americana da IASD (FOLLIS, 2017, p. 25). Esse dado reforça a justificativa em se escolher esse periódico, e sua seção destinada aos jovens adventistas, como recorte para esta investigação, uma vez que se entende encontrar nele as publicações que refletem o pensamento oficial da organização adventista.

Com relação aos objetivos da revista, os editores deixam claro que ela foi criada para desempenhar vários papéis na vida dos membros da IASD, dentre eles “contribuir para a unidade da denominação”, “fortalecer a vida espiritual dos leitores”, “ampliar o conhecimento doutrinário e teológico”, “atender os vários segmentos da igreja” e “informar a respeito do crescimento da igreja e do avanço da mensagem adventista no Brasil” (BENEDICTO; BORGES, 2006, p. 10).

Scheffel (2006, p.17) também acrescenta que a revista tem uma “linha de sustentação doutrinária” buscando servir a “igreja toda e não apenas um segmento” a fim de “promover o fortalecimento espiritual dos seus membros preparando-os para os eventos finais e para a volta de Jesus”. Um dos atuais editores da revista, Wendel Lima<sup>53</sup>, respondeu que o periódico também tem como propósito atender as famílias da denominação. É por essa razão que suas seções contemplam aspectos e temas da vida familiar voltados para a administração financeira, interesses dos homens e das mulheres, assuntos infanto-juvenis e uma seção para os jovens tratando de comportamento, carreira, espiritualidade, namoro ou relacionamentos, comunhão com Deus, ciência e religião, etc.

Muito embora não se tenha a informação precisa de quantos são os leitores da *Revista Adventista*, na ocasião da reportagem comemorativa dos 100 anos da revista no Brasil, os editores informaram que o periódico contava com uma tiragem de aproximadamente 40 mil

<sup>53</sup> Em entrevista concedida em 18 de junho de 2018.

exemplares. Hoje, segundo informações de um dos editores da Casa Publicadora Brasileira<sup>54</sup>, a tiragem de revistas chega 160 mil exemplares distribuídos nas igrejas adventistas de todo Brasil.

### 3.1.1 O “Espaço Jovem” na *Revista Adventista*

A seção destinada aos jovens na RA existe desde janeiro de 1922<sup>55</sup>, passando por várias modificações, sendo a maioria delas mais de diagramação visual do que de conteúdo ou abordagem propriamente ditos. Abaixo seguem alguns dos títulos que essa seção da revista já teve:

- A partir de janeiro de 1922 - “MV (Missionários Voluntários): Moços e Moças”
- A partir de janeiro de 1923 - “Nossos jovens”.
- A partir de janeiro de 1930 - “Para os Jovens”.
- A partir de março de 1931 - “Jovens”.
- A partir de janeiro de 1941 - “Juventude”.
- A partir de março de 1970 - “Para nossos jovens”.
- A partir de fevereiro de 1971 - “Consultório da juventude”.
- A partir de julho de 1973 - “Debate jovem”.
- A partir de março de 1975 - “Consultório da juventude”.
- A partir de fevereiro de 1990 - “Para os juvenis”.
- Março de 1992 - “Espaço jovem”.
- A partir de abril de 1992 - “Caderno jovem”.
- A partir de janeiro de 1993 até agosto de 2014 – “Espaço jovem”.

Nota-se que o período de maior estabilidade na proposta editorial de uma sessão endereçada ao jovem adventista é a do “Espaço Jovem” de janeiro de 1993 até agosto de 2014. Esse é o período, inclusive, que mais se aproxima do recorte cronológico escolhido para se levantar um panorama da juventude adventista em comparação com a juventude brasileira, em geral, a partir dos dados dos Censos de 1991, 2000 e 2014.

A partir de agosto de 2014 a RA não dedicou mais uma seção aberta e específica destinada ao público jovem. Desde então, ela vem mantendo artigos aleatórios onde sazonalmente explora alguns assuntos relacionados ao universo jovem. Posteriormente, nos

<sup>54</sup> A informação está disponível nesta pesquisa na seção em que se expõe uma entrevista com um dos editores acerca do “Espaço Jovem”.

<sup>55</sup> A Revista Adventista disponibiliza todo seu acervo para consulta e pesquisa por meio do site <http://acervo.revistaadventista.com.br/capas.cpb>.

anos de 2015 a 2017, a *Revista Adventista* suspendeu a seção destinada aos jovens<sup>56</sup>. E, em 2018, ela retornou com uma nova proposta. A RA passou por uma fusão com a RA mundial (chamada *Adventist World*) trazendo, agora, artigos traduzidos do inglês para o português e alguns de autores brasileiros.

No caso da seção destinada aos jovens, a RA brasileira adotou o nome de “Nova Geração”, desde o início de 2018, e ela tem sido uma tradução da seção *Millennial Voice* da revista *Adventist World*. O interessante é que os autores convidados para escrever nessa seção, até o presente momento, são jovens “voluntários e leigos”<sup>57</sup> de diversas partes do mundo.

Figura 1: Seção “Nova Geração” de janeiro de 2018.



Fonte: Acervo da RA online (<http://acervo.revistaadventista.com.br/capas.cpb>)

A figura 1, por exemplo, traz a imagem de um artigo intitulado “Conhecer a Deus pessoalmente” de natureza devocional em que a autora é uma jovem chamada Carolina Ramos, estudante de tradução e educação musical na Universidade Adventista del Plata na Argentina.

Essa dinâmica transmite uma inclinação, cada vez maior, por parte da IASD em deixar que os jovens falem de si mesmos para os outros jovens. E a ideia de nomear a seção como

<sup>56</sup> Essa medida será melhor entendida a partir das entrevistas, na seção abaixo, com alguns dos editores que participaram desse processo. No entanto, vale lembrar aqui também que, desde 2007, a CPB já havia se aventurado em produzir um periódico exclusivo para o público jovem intitulado “Conexão JA”. Essa revista era trimestral, com uma tiragem de aproximadamente 10 mil exemplares e durou até 2012 quando deu lugar a revista “Conexão 2.0” de publicação também trimestral, mas com foco nos alunos do ensino médio da rede educacional adventista. Mais informações sobre essas revistas estão disponíveis em <http://revista-conexaoja.blogspot.com>. Acesso em: 20 fev. 2019. A criação desses periódicos exclusivos e outras iniciativas de geração de conteúdo virtual também contribuíram para a perda de força do EJ na RA.

<sup>57</sup> A expressão “leigo” utilizada aqui é feita no seu sentido popular, ou seja, como uma referência a pessoas que não fazem parte da liderança formal da instituição (pastores) ou a pessoas que tenham um vínculo empregatício com a instituição.

*Millennial Voice* ou “Nova Geração” (tradução dela no Brasil) é também uma indicação da preocupação da Igreja com os dilemas das novas gerações. Aliás, as próprias mudanças de nomes da seção destinada aos jovens já indicam, em algum grau, uma tentativa institucional de se acomodar aos desafios dessa classe.

Vale lembrar aqui também que a preocupação em envolver os jovens, não apenas pastores ou editores, na confecção do espaço jovem, já existe desde o início do século 21 sendo uma das razões pelas quais tenha se escolhido nessa pesquisa as edições de 1993 a 2014 para a investigação.

### **3.1.2 Entrevista com os editores do “Espaço Jovem”**

Antes de se analisar os conteúdos do “Espaço Jovem” no período escolhido, algumas perguntas que estão para além dos artigos por si só responderem vieram à pauta do pesquisador. Perguntas tais como: como funcionou a produção desse espaço? Havia algum tipo de roteiro dos temas a serem desenvolvidos? Quais as motivações nas escolhas desses temas? Quem escolhe as pessoas que escrevem no espaço? Todas são ligadas a instituição adventista? Elas recebem uma proposta editorial ou podem escolher sobre o que vão escrever?

Essas e outras perguntas<sup>58</sup> que poderiam ajudar na reflexão acerca dos conteúdos produzidos pela RA voltados para os jovens precisavam ser respondidas. Por essa razão destinou-se um espaço nesta pesquisa para três entrevistas com personagens que estiveram diretamente ligados a produção de conteúdo destinado ao público jovem adventista. Dois deles atuaram como editores ou autores do EJ durante o período estudado. E o último deles, embora não tenha atuado como autor do EJ, é um dos atuais editores da CPB possuindo informações relevantes acerca da proposta editorial da revista e das demais publicações da organização destinada a juventude adventista.

#### **A) Entrevista com o editor D<sup>59</sup> acerca da produção do “Espaço Jovem”.**

**P<sup>60</sup>:** Quem decidia e como eram decididos os temas?

<sup>58</sup> A escolha das perguntas para as entrevistas foi feita em parceria com o orientador desta pesquisa.

<sup>59</sup> Entrevista concedida em 31 de março de 2019. Foi escolhida uma sigla aleatória para preservar a identidade do editor entrevistado uma vez que o que interessa à pesquisa são apenas as informações obtidas através das respostas e as reflexões que elas podem trazer a este trabalho. Enquanto editor na RA, o entrevistado D contribuiu intensamente na produção do EJ, durante um período, escrevendo, inclusive, vários artigos.

<sup>60</sup> Sigla identificadora do pesquisador.

**D:** Tínhamos uma equipe de três pessoas. Fazíamos reuniões de pauta mensais e decidíamos que temas abordar. Também recebíamos artigos de colaboradores voluntários e/ou encomendávamos textos. Procurávamos identificar os principais dilemas dos jovens e assuntos da realidade deles. Essa percepção nascia da convivência dos editores com os jovens nas igrejas e em eventos, como retiros, simpósios, congressos, etc.

**P:** A seção destinada aos jovens na RA passou por várias mudanças. Essas mudanças foram apenas de diagramação visual ou elas também alteraram a proposta de conteúdo ao longo desses anos?

**D:** Não posso falar da atual linha editorial (isso você pode ver com o editor E), mas as mudanças no passado foram apenas de projeto gráfico ou alguma adequação de títulos para ser mais atrativa aos leitores daquele momento/tempo. Creio que a linha editorial e os propósitos da seção permaneceram os mesmos ao longo dos anos.

**P:** Quem decide as pessoas que irão escrever? Todas estão ligadas a instituição adventista? Elas recebem um tema ou roteiro orientando sobre o que escrever ou tem liberdade na escolha do assunto?

**D:** Os colaboradores eram escolhidos pelos editores. Além dos escritores voluntários que enviavam textos ocasionalmente, era comum publicarmos artigos de pastores e de líderes de jovens. Às vezes pedíamos que escrevessem sobre os temas que nós sugeríamos.

**P:** Por que há um aparente aumento gradativo na participação de jovens na produção dos artigos do “Espaço Jovem”?

**D:** Isso deve ter sido espontâneo, à medida que os leitores jovens se davam conta de que havia uma seção para eles na revista e que ela era aberta à participação deles.

**P:** Havia liberdade para o jovem interagir com os assuntos e se posicionar? Opiniões diferentes e, até mesmo, contrárias eram bem-vindas?

**D:** Como o espaço era bastante limitado, aproveitávamos para publicar a “voz da igreja”, digamos assim, sobre os assuntos tratados.

**P:** Qual a razão da fusão recente entre a *Revista Adventista* e *Adventist World*? A ideia de se trabalhar com temas traduzidos da *Adventist World* para jovens indica alguma preocupação mais global?

**D:** Creio que o editor E precisa ser consultado acerca dessa questão.

**P:** Existe alguma forma de saber quantos leitores o EJ possui? Ou, pelo menos, quantos leitores a RA possui?

**D:** Creio que o editor E poderá ajudar com essa questão.

**P:** Se há tanta preocupação da RA em se comunicar com os jovens, quais são as iniciativas da mesma para fazer seus conteúdos chegarem a esse público de forma digital?

**D:** Creio que o editor E poderá ajudar com essa questão.

**P:** Como era produzido o quadro “Você Pergunta” dentro da RA onde os jovens interagiam com o pastor enviando perguntas? Como era feita a escolha das perguntas que seriam respondidas e publicadas?

**D:** Os leitores enviavam perguntas e os editores faziam uma triagem e repassavam aos líderes. Eles respondiam e devolviam aos editores que então publicavam na revista. A escolha da pergunta geralmente levava em conta aquela que era mais recorrente ou que não houvesse sido respondida ainda.

**P:** O volume das perguntas recebidas era grande? Havia como medir o índice de interação com essa seção?

**D:** Não me lembro. Era difícil de dimensionar, mas todos os meses recebíamos cartas e e-mails dos leitores.

**P:** Quando a IASD passa a utilizar a internet para gerar conteúdos e materiais direcionados aos jovens?

**D:** Creio que o editor E poderá ajudar com essa questão.

**P:** Quando começam os primeiros programas de TV, rádio e internet voltados para a juventude adventista?

**D:** Creio que o editor E poderá ajudar com essa questão.

**B) Entrevista com a colaboradora F<sup>61</sup> acerca da produção do “Espaço Jovem”<sup>62</sup>.**

**P:** Quem decidia e como eram decididos os temas?

**F:** Os temas eram decididos em uma reunião de pauta com o grupo interno que colaborava na produção dos artigos buscando escrever de temas espirituais e contemporâneos, na perspectiva dos jovens.

**P:** A seção destinada aos jovens na RA passou por várias mudanças. Essas mudanças foram apenas de diagramação visual ou elas também alteraram a proposta de conteúdo ao longo desses anos?

**F:** Creio que não houve mudança na proposta. A intenção continuou a mesma: dar espaço para os jovens e atender as necessidades deles.

**P:** Quem decide as pessoas que irão escrever? Todas estão ligadas a instituição adventista? Elas recebem um tema ou roteiro orientando sobre o que escrever ou tem liberdade na escolha do assunto?

**F:** Na época da produção do “Espaço Jovem”, o pastor Rubens Lessa<sup>63</sup> reuniu o grupo mais jovem da Redação e os desafiou a cuidarem da seção. Ele criou o que ficou conhecido como Caderno Jovem. O grupo era formado por secretárias, revisoras, e alguns editores. Eram todos bem jovens, na faixa etária dos 20-30 anos. Os temas eram definidos nas reuniões de pauta. Atualmente, os editores fazem a pauta e encomendam os artigos com os nomes indicados.

<sup>61</sup> Entrevista concedida em 16 de março de 2019. A sigla identificadora segue o mesmo padrão da entrevista anterior. A colaboradora F atuou como uma das editoras da CPB durante uma parcela do período de existência do EJ contribuindo para o mesmo na equipe editorial e também na autoria de alguns artigos.

<sup>62</sup> As mesmas perguntas feitas ao editor D foram feitas a colaboradora F para se ter uma segunda perspectiva acerca da produção do EJ. A colaboradora F respondeu apenas às primeiras perguntas porque afirmou que essas eram as que ela tinha mais propriedade para responder.

<sup>63</sup> Foi o editor chefe da Revista Adventista nesse período.

**C) Entrevista com o editor E<sup>64</sup> acerca da produção do “Espaço Jovem”<sup>65</sup>.**

**P:** A seção destinada aos jovens na RA passou por várias mudanças. Essas mudanças foram apenas de diagramação visual ou elas também alteraram a proposta de conteúdo ao longo desses anos?

**E:** Quando a *Revista Adventista* foi reformulada em janeiro de 2015, nós retiramos a seção “Espaço Jovem” porque entendemos, talvez ao contrário dos editores anteriores, que uma seção para jovens e/ou crianças numa revista de adultos não faria muito sentido. Os pais talvez não leriam isso para os filhos, nem os filhos folheariam a revista dos pais apenas para ler um espaço destinado para eles. Foi essa dedução que fizemos. Nossa intenção era ter uma revista que, como um todo, pudesse dialogar com um público de meia idade (35 a 55 anos), abaixando assim a média etária dos assinantes que estava em torno dos 60 anos. Porém, esta proposta editorial, mais arrojada do ponto de vista das pautas e da estética, durou apenas três anos. Por questões econômicas (queda brusca de assinaturas), tivemos que fazer uma fusão entre a revista brasileira e a edição internacional (*Adventist World*), dessa maneira, passamos a receber subsídios de todos os níveis administrativos da igreja, inclusive da sede mundial. E a revista saltou para 160 mil exemplares de tiragem mensal e começou a ser distribuída gratuitamente nas igrejas de todo o Brasil, com base em cotas proporcionais divididas entre as Associações/Missões. Nossa percepção é de que as revistas não têm chegado em muitos lugares, pois essa logística depende da agilidade e boa vontade dos pastores distritais, responsáveis por esse repasse para as igrejas locais. Aqui mesmo em Tatuí as revistas não têm chegado no prazo para as igrejas.

Com a mudança em 2018, incorporamos 24 páginas do projeto editorial da *Adventist World*, isso faz parte do acordo que fechamos com eles. Entre essas seções que vêm da edição internacional, estão uma para jovens “Nova geração” e outra para crianças/juvenis “Primeiros passos”. Portanto, não foi tanto uma escolha editorial, mas a necessidade de nos adequarmos a um novo modelo de negócio. A seção “Nova geração” é assinada por três jovens (uma da Argentina, outra da Inglaterra e outro do Quênia), que se revezam na produção dos materiais. Geralmente as pautas tratam de experiências individuais da caminhada deles com Deus. Na

<sup>64</sup> Entrevista concedida em 05 de abril de 2019. Foi mantido o padrão de preservação da identidade do editor por meio da sigla E. O entrevistado nesta seção, embora também atue como um dos editores da RA, não esteve diretamente à frente do projeto do EJ, mas contribuiu com alguns artigos dessa seção e sempre esteve auxiliando a igreja na produção de material destinado a juventude.

<sup>65</sup> Foi dada prioridade às perguntas não respondidas pelo editor D e nem pela colaboradora F nesta seção de entrevistas, até mesmo porque outras perguntas de cunho editorial do EJ não poderiam ser respondidas pelo entrevistado E uma vez que ele não fez parte deste projeto.

seção infantil (“Primeiros passos”), por sua vez, são publicadas histórias de fundo moral que já saíram em outros periódicos norte-americanos.

**P:** Existe alguma forma de saber quantos leitores o EJ possui? Ou, pelo menos, quantos leitores a RA possui?

**E:** Em 2015, saímos de uma tiragem em torno de 22 mil para 80 mil até o fim do ano. Isso durou por um ano e gradativamente as assinaturas voltaram a cair e chegar na casa das 20 mil. Com a fusão da revista a partir de 2018, crescemos para 160 mil e hoje estamos com 147.500. A tiragem é informada no expediente. Vale lembrar que por causa dos problemas logísticos já mencionados, não temos garantia de que todos esses exemplares são entregues nas igrejas.

As entrevistas com os colaboradores acima fornecem um olhar mais amplo acerca da produção do EJ colaborando para uma melhor reflexão acerca dos conteúdos do EJ que serão analisados na próxima seção.

### **3.2 O “Espaço Jovem”: uma análise dos conteúdos**

Do recorte cronológico de janeiro de 1993 a agosto de 2014, contabilizou-se 256 artigos principais<sup>66</sup> na seção intitulada “Espaço Jovem”. Alguns meses, excepcionalmente, não trouxeram o EJ por razões não explicitadas. Ao que tudo indica, pelo contexto da edição, a proposta temática daquele mês era especial. É importante ressaltar aqui que as edições mensais de outubro, de todo o período analisado, não trouxeram o EJ por um cronograma editorial pré-estabelecido. Todas essas edições da RA tem uma agenda especial com séries temáticas de mensagens a serem usadas nas comunidades adventistas do sétimo dia de todo território nacional, no mês de novembro, numa semana especial de estudos bíblicos chamada “Semana de Oração da Colheita”.

Sendo assim, foram 228 edições analisadas somando todas de janeiro de 1993 a agosto de 2014 (subtraindo os meses de outubro em que não há o EJ). Reitera-se que dentro dessas 228 edições foram contabilizados 256 artigos principais na seção EJ. Algumas edições trouxeram dois artigos principais. O EJ, além de contar com esses artigos principais, também oferecia um quadro menor para pequenas reflexões, notícias, testemunhos ou seção de perguntas e respostas.

<sup>66</sup> Identificam-se como artigos principais aqueles que ocupam o maior espaço na diagramação e conteúdo. Na maioria dos casos há apenas um artigo central, mas em algumas edições excepcionais aparecem dois. Paralelamente ao artigo principal ou aos artigos principais, a sessão também traz, na maioria das edições, uma subseção ou um quadro com uma proposta também voltada para o público jovem. Esse espaço menor inserido no “Espaço Jovem” também será analisado no corpo dessa pesquisa.

Figura 2: “Espaço Jovem” em janeiro de 1993 contendo um artigo principal



Fonte: Acervo da RA online (<http://acervo.revistaadventista.com.br/capas.cpb>)

Figura 3: “Espaço Jovem” de maio de 1993 contendo dois artigos.

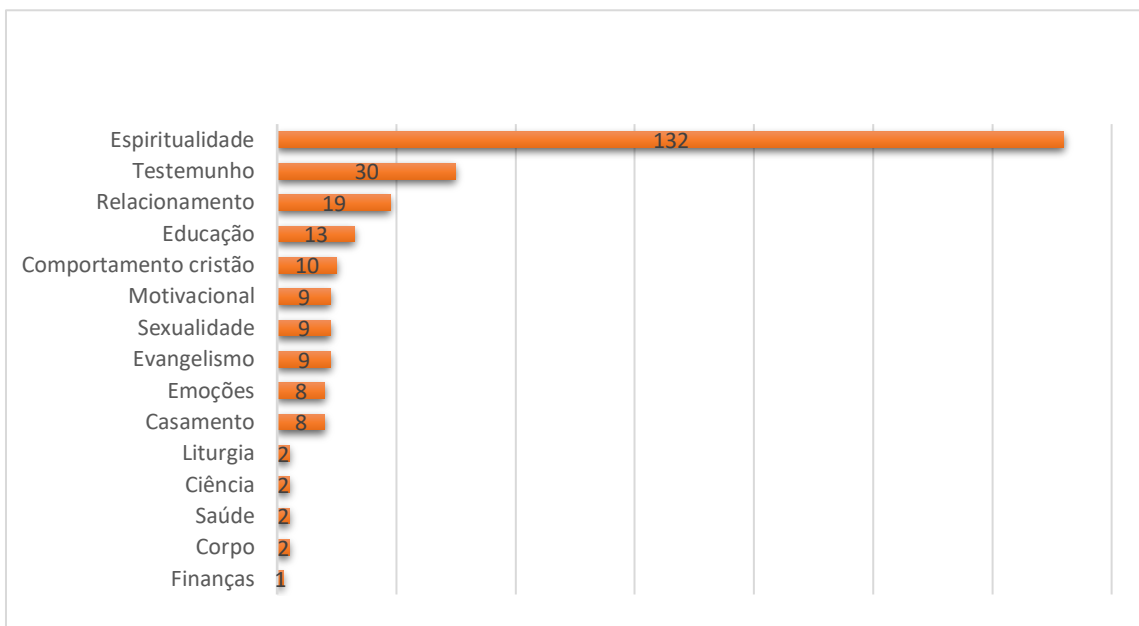
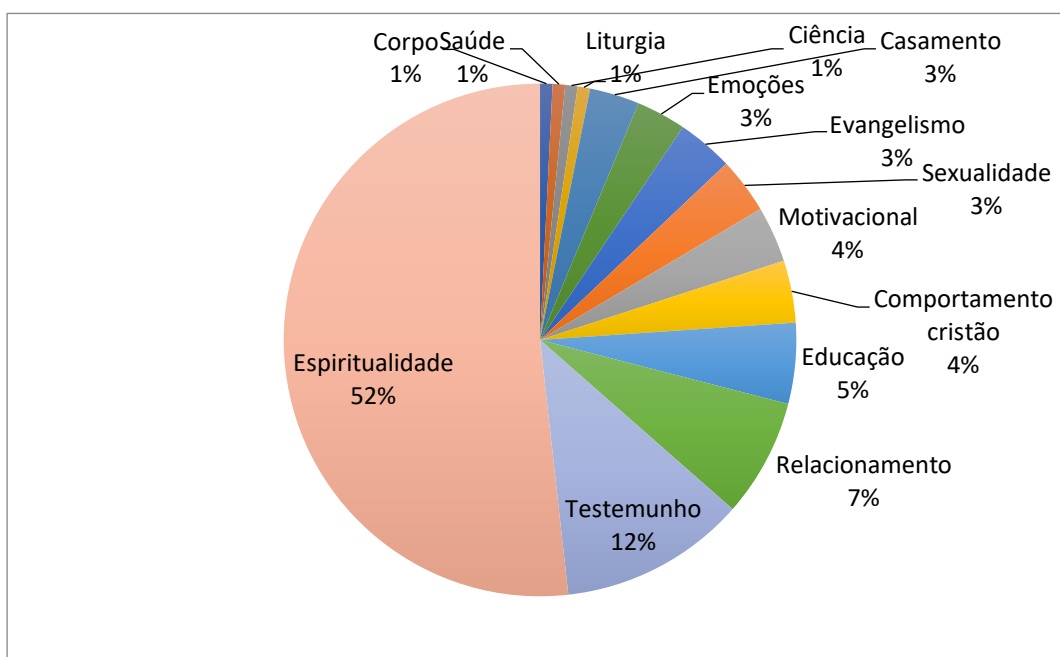


Fonte: Acervo da RA online (<http://acervo.revistaadventista.com.br/capas.cpb>)

Os temas dos artigos variam entre muitos assuntos. Por essa razão, adotou-se a metodologia de uma análise frequencial dos conteúdos dos artigos a fim de identificar quais temáticas foram mais recorrentes na sessão investigada. Para tanto, sugeriu-se uma identificação das categorias cujas definições estão abaixo:

### **Legenda Classificatória**

- a) **relacionamento** – namoro, jugo desigual no namoro, amizade, família, etc.
- b) **espiritualidade** – comunhão com Deus, temas bíblicos, poder da oração, etc.
- c) **evangelismo** – dicas de evangelização, técnicas de pregação, etc
- d) **corpo** - aparência exterior ("decência"), vestuário, adornos, etc.
- e) **sexualidade** – sexo, opções de gênero, pornografia, masturbação, etc.
- f) **educação** - quando falar de estudos, aprendizado, desenvolvimento, etc.
- g) **casamento** - relação conjugal, preparo para o casamento, jugo desigual no matrimônio, etc.
- h) **finanças** - planejamento financeiro, investimento, dízimos, ofertas, etc.
- i) **saúde** - prevenção, exercícios, alimentação, etc.
- j) **emoções** – ansiedade, depressão, etc.
- l) **ciência** - fidedignidade da bíblia, ciência e religião, etc.
- m) **comportamento cristão** – assuntos do cotidiano, relação com a mídia e cultura, consumo, etc.
- n) **liturgia** – práticas litúrgicas envolvendo música, adoração, etc
- o) **testemunho** – experiências de transformação de vida, de engajamento em contextos missionários ou de fidelidade em situações de adversidade.
- p) **motivacional** – sucesso, felicidade, mobilização de pessoas, etc.
- q) **liberdade religiosa** – diversidade religiosa, exercício das crenças, etc.
- r) **procedimento eclesiástico** – como a igreja se posiciona diante de algumas situações como, por exemplo, aborto, adultério, uso de drogas, divórcio, etc.
- s) **carreira** – assuntos ligados ao mercado de trabalho, carreira profissional e vocação, administração e liderança, etc.
- t) **política** – posicionamento político e/ou ideológico, envolvimento dos fiéis em candidaturas políticas, etc.
- u) **princípios doutrinários** – compreensões e crenças doutrinárias e sua aplicação no cotidiano.

**Gráfico 27 – Classificação dos artigos da seção “Espaço Jovem” (jan/1993 a ago/2014)****Gráfico 28 – Comparativo percentual das temáticas do “Espaço Jovem”**

A partir dos gráficos acima, facilmente se nota que existem temas mais recorrentes e temas menos recorrentes nos artigos principais difundidos pelo “Espaço Jovem” da RA. Seguindo a hierarquia de incidência percebe-se que os temas mais explorados são:

(1) Espiritualidade – esse é o tema que ocupa o maior espaço dedicado aos jovens no EJ. Essas reflexões giram em torno de temas religiosos tais como: “a comunhão com Deus e o poder da oração”; “o sentido da vida”; “a necessidade da compaixão”; “a esperança e o retorno de Jesus”; “o discipulado ou o crescimento em Cristo”; “a importância e os resultados da

confiança em Deus”; “o cuidado com as escolhas”; “o que é ser um jovem cristão”; “o significado do nascimento de Jesus”; “a atitude de gratidão”; “a salvação em Jesus”; “o domínio próprio”; “a graça e o perdão de Deus”; “a perseverança em meio as adversidades”; “o conflito entre o bem e o mal”; “os atributos de Deus”; “a unidade cristã”; “a generosidade”; “a liderança espiritual” e “os dons espirituais”.

Embora os temas, dentro da categoria “espiritualidade” sejam variados, como se percebe na listagem acima, a estrutura e abordagem que eles utilizam é muito semelhante, pois em todos há referências bíblicas, no começo ou no final, e uma aplicação de cunho espiritual para a vida do jovem adventista.

Veja por exemplo alguns trechos de artigos que retratam essa temática da “espiritualidade” com uma ênfase especial na importância da comunhão com Deus:

Quanto mais tempo passamos com uma pessoa, mais a conhecemos; até podemos ficar parecidos com ela. É isso que precisa acontecer entre mim e Deus, entre você e Deus. Precisamos passar tempo com Ele. Até sermos iguais a Ele. Esse processo só será culminado no Céu, mas precisamos começá-lo aqui, hoje mesmo (Janeiro de 1993).

Uma das biografias mais curtas da Bíblia é a de Enoque. Muito pouco se diz desse homem, provavelmente porque a única declaração a respeito de sua relação com Deus, feita no Antigo Testamento, é: “Enoque andava com Deus”. Isso é mais do que suficiente para se entender quem era Enoque. Ele andava com Deus, vivia com Deus, morava com Ele. E isso era tudo em sua vida (Maio de 1997).

Oração aliada ao estudo da Bíblia. A fórmula é antiga, mas não existe outra. Aqui reside a fonte de poder para vencer o mal. Essa é a solução para nossos defeitos de caráter. Todas as nossas esperanças atuais e futuras dependem de nossa relação com Cristo. Buscar a vitória sobre o pecado, sem uma relação com Cristo é tentar o impossível (Maio de 1999).

(2) Testemunho – Esses testemunhos devem ser entendidos como experiências, relatadas por jovens, sobre “conversão”<sup>67</sup>; “engajamento missionário”<sup>68</sup>; “pioneirismo”<sup>69</sup>; “fidelidade e superação”<sup>70</sup>; “uso dos dons”<sup>71</sup> e “ocasiões miraculosas”<sup>72</sup>.

A edição de agosto de 1993, por exemplo, traz o testemunho de uma jovem chamada Marta Botelho onde ela conta como passou a frequentar a IASD, conviver com os jovens adventistas e estudar a Bíblia com eles até tomar a decisão do batismo. Ela relutou em tomar essa decisão, pois sentia que deveria deixar suas apresentações de *ballet*. No entanto suas palavras foram: “O Espírito Santo não me deixou. Ele me mostrou que Deus deve estar em primeiro lugar em nossa escala de valores. Finalmente voltei a visitar a igreja e em 24 de dezembro de 1986 fui batizada”.

No caso de testemunhos que trazem histórias de engajamento missionário um exemplo pode ser visto no relato de Cristine de Azevedo, na edição de abril de 2004, onde ela conta de sua experiência de voluntariado no Azerbaijão ajudando em projetos educacionais e apela para que mais jovens dediquem uma parte de seu tempo para se envolverem numa causa social que colabore com a pregação do evangelho.

Embora a incidência de artigos que trazem esses testemunhos não supere a quantidade de temas ligados a “espiritualidade”, vale destacar que o EJ traz, a partir de maio de 2009, uma subseção intitulada “Expressão” exclusivamente voltada para depoimentos e testemunhos de jovens<sup>73</sup> indicando assim um interesse por parte da IASD em expor as positivas experiências de boa conduta e de envolvimento missionário por parte de seus jovens.

<sup>67</sup> Entenda “conversão” aqui em dois sentidos básicos. Em primeiro lugar, testemunhos de pessoas que viviam uma vida irreligiosa, imoral e, na maioria das vezes, carregada de vícios e, a partir de um “encontro espiritual” que tiveram com Deus, passaram a ter uma vida religiosa ativa e uma conduta mais saudável. Em segundo lugar, testemunhos de pessoas que já eram religiosas, mas pertenciam a outras denominações cristãs e, por estudarem a Bíblia com os adventistas, decidiram se filiar a IASD entendendo que encontraram uma mensagem (princípios doutrinários) que até então não conheciam. Esse segundo tipo de conversão poderia ser entendido também como uma espécie de “trânsito religioso”.

<sup>68</sup> Histórias, em sua maioria relatadas na primeira pessoa, acerca do envolvimento com alguma missão de cunho social e/ou evangelístico em alguma geografia diferente da geografia nativa do missionário.

<sup>69</sup> Referem-se às histórias dos jovens pioneiros do movimento adventista e seu legado para os jovens na atualidade.

<sup>70</sup> Estão ligados a experiências de jovens que foram fiéis as suas convicções religiosas e, por isso, enfrentaram adversidades ou a histórias de superação que servem de inspiração e motivação aos jovens.

<sup>71</sup> Testemunhos que traduzem a história de jovens que tem usado suas habilidades na pregação do evangelho em suas comunidades locais, geralmente se valendo de algum método criativo.

<sup>72</sup> Referem-se a episódios entendidos como intervenções sobrenaturais de Deus tais como curas, livramentos de acidentes, prognósticos médicos favoráveis, etc.

<sup>73</sup> Essa subseção será analisada adiante nessa pesquisa.

(3) Relacionamentos - geralmente os autores que escrevem sobre esse assunto abordam itens como “namoro”; “amizade”; “família”<sup>74</sup> e a “relação com os animais”<sup>75</sup>.

No caso do assunto do “namoro”, geralmente as orientações são sobre a escolha do (a) namorado (a); a conduta de um namoro cristão; as dicas para um namoro emocionalmente saudável; como se avaliar se o namoro se transformará num casamento bem-sucedido; o perigo de relacionamentos efêmeros; etc.

A edição de agosto de 1995, por exemplo, trouxe um alerta para os jovens com relação a prática de envolvimento emocional efêmero e sem compromisso ao dizer que:

Você, que é jovem, não vai querer fazer algo que irá prejudicar sua vida para sempre. Se você quiser ter uma conduta sadia nos relacionamentos, evite o tal do “ficar”. Este hábito pode destruir você. Aproveite seu tempo para estudar e fazer novos amigos, e no momento certo você encontrará a pessoa ideal no seu círculo de amizade.

Já no caso dos artigos que tratam das “amizades” os autores se preocupam em falar sobre: como identificar e construir amizades saudáveis; como evitar que uma amizade se desfaça; o cuidado em não julgar as pessoas pelas aparências; a influência que uma amizade provoca, etc. Um exemplo está no artigo “Procura-se um amigo” da Sueli de Oliveira que diz:

Quer ter amigo? Seja amigo. As pessoas necessitam de amigos quando estão bem, contentes, para dividir as alegrias; mas, acima de tudo, precisam de amigos quando estão mal, em dificuldades ou passando por um período difícil. “Em todo o tempo ama o amigo e na angústia se faz o irmão (Pv. 17.17)” (Julho de 1997).

O tópico “relacionamentos” parece ser um dos assuntos de maior interesse do público jovem. Isso porque quando o EJ abre um quadro intitulado “Você Pergunta”<sup>76</sup> para que os jovens leitores manifestem suas dúvidas e questionamentos, a grande maioria dos assuntos levantados por eles tem que ver com os “relacionamentos”. Isso mostra que, embora a IASD tenha uma agenda fortemente voltada para os assuntos de cunho religioso-doutrinário, ela não pode negar o tratamento de assuntos de cunho existencial fazendo, inclusive, uma ponderação acerca de como a sua doutrina pode contribuir no comportamento de seus membros, especialmente da sua juventude.

<sup>74</sup> Refere-se, especialmente, ao relacionamento intergeracional (pais e filhos) que ocorre no interior da família envolvendo principalmente a questão da comunicação e superação de crises.

<sup>75</sup> Há apenas um artigo, na edição de fevereiro de 2002, que abordou os benefícios de um relacionamento saudável entre o homem e os animais.

<sup>76</sup> Essa subseção será analisada adiante nessa pesquisa.

(4) Educação – os artigos que tratam da “educação” trazem à discussão tópicos como o “processo de aprendizagem e seus benefícios”; “o perfil dos jovens”<sup>77</sup>; “a importância do preparo integral”<sup>78</sup>; “o uso da mente”<sup>79</sup>; “os benefícios e desafios da universidade”<sup>80</sup>; “os benefícios e desafios do intercâmbio cultural” e “a motivação para o aprendizado”.

O artigo “Vivendo, aprendendo e ensinando”, publicado em fevereiro de 1993, por exemplo, explora a importância e os benefícios do processo da aprendizagem afirmando que:

A aprendizagem é um processo progressivo e cumulativo adquirido por etapas. Além de ser um processo na relação entre o indivíduo e o meio, a aprendizagem é também um processo entre os indivíduos. Por isso, a educação é o processo mais generalizado dos agrupamentos humanos, pois em muitos aspectos todos são alunos e professores ao mesmo tempo.

(5) Comportamento cristão – os assuntos relacionados a esse tópico tratam sobre a interação do jovem adventista com a cultura na qual ele está inserido, especialmente no que diz respeito a sua relação com as mídias, tais como programas televisivos, cinema e música; seus possíveis hábitos nocivos; sua evasão da igreja e sua relação com a cultura de consumo e da aparência.

Os artigos dessa categoria tendem a propor mais restrições do que, de fato, opções na composição do comportamento que o jovem deve desenvolver especialmente em relação a cultura que o circunda. O autor do artigo “5 razões pelos quais não vou ao cinema”, por exemplo, finaliza seu texto dizendo que:

Lá no Céu não haverá o mundo imaginário dos filmes e das superproduções. Lá sim, no encontraremos com a verdadeira realidade dos nossos sonhos, e a tela, seja do cinema ou da TV, já não mais terá poder sobre nós e nem existirá porque Aquele que é real nos transformará para as realidades eternas (Janeiro de 1999).

Ainda dentro dessa categoria, em dezembro de 1995, o EJ trouxe um artigo abordando os comportamentos dos jovens adventistas que abandonam o vínculo com a igreja. A maioria dos itens que ali são mencionados responsabiliza a igreja local por não oferecer atividades apropriadas aos jovens, a família por ser uma má influência e o próprio jovem por decidir se aventurar em experiências para além da conduta estabelecida pela sua religião.

<sup>77</sup> A edição de novembro de 1993 trouxe um artigo de Joel Carvalho intitulado “Jovens: conhecê-los e amá-los” tratando das características principais dos jovens e da importância pedagógica de se conhecer seu público para poder educá-lo através do amor.

<sup>78</sup> Artigos que tratam da importância do preparo do jovem em todas áreas (física, mental e espiritual) para o seu desenvolvimento pleno para a vida e para a atuação no mercado de trabalho.

<sup>79</sup> O artigo “Grande Ideia” publicado em abril de 1998 fala sobre o potencial criativo da mente e como ela pode ser usada para o bem.

<sup>80</sup> Quando se fala dos benefícios, trata-se das oportunidades de crescimento que a universidade oferece. Agora quando se trata dos desafios, o EJ se concentra, especialmente, no contexto de tensão que o jovem adventista que é criacionista enfrenta quando, numa universidade secular, é exposto aos ensinamentos de natureza evolucionista.

(6) Motivacional – os artigos que foram categorizados com temas motivacionais são aqueles que trazem entrevistas com pessoas que lograram êxito em algumas áreas da vida e que servem de inspiração para os jovens ou reflexões acerca de temas como a felicidade e o sucesso. Há também aqueles que oferecem dicas de como motivar os jovens no envolvimento das atividades da igreja.

A edição de novembro de 1993, por exemplo, traz uma entrevista realizada com o piloto Nelson Piquet contando um pouco de sua trajetória e oferecendo dicas para motivar os jovens a não desistirem de seus sonhos. Outro exemplo é a edição de novembro de 2013 que entrevistou vários jovens para interrogar acerca dos desafios que eles enfrentam em seu envolvimento com a igreja e de como eles fazem para superá-los.

(7) Sexualidade – os temas que tratam de sexualidade geralmente o fazem dando uma ênfase nos riscos do sexo fora do casamento e da pornografia. Esses riscos estão ligados, especialmente, aos danos emocionais e familiares e também a violação de princípios bíblicos, conforme entendidos e ensinados pela IASD.

A edição de março de 2015, por exemplo, trouxe no EJ um artigo intitulado “Mundo erotizado” em que fala dos prejuízos do hábito da pornografia. O autor faz um apelo para que os jovens “se oponham a avalanche de impureza que assola o mundo e mostrem que o sexo pode e deve ser vivenciado dentro do plano de Deus para os seres humanos. Devem mostrar na vida conjugal que sexo, carinho, pureza e felicidade, podem e devem coexistir”.

(8) Evangelismo – os artigos de cunho evangelístico são aqueles que apelam para o envolvimento dos jovens na “pregação do evangelho” nas mais variadas geografias e fornecem, além de respaldo bíblico para esse envolvimento, dicas e métodos eficazes para alcançar esse fim<sup>81</sup>.

(9) Emoções – os artigos que trabalham com orientações ligadas à saúde emocional aparecem tratando de temas como, por exemplo, “a solidão”, “a alegria e seus benefícios para o organismo”, “a depressão”, “a importância do equilíbrio emocional” e “a autoestima”.

(10) Casamento – dos artigos que aparecem tratando de assuntos relacionados ao casamento, alguns oferecem dicas ligadas a escolha do cônjuge e aos preparativos para a vida conjugal, enquanto outros, que representam a maioria, alertam acerca dos riscos e

<sup>81</sup> Um dos artigos, que aparece na edição de agosto de 2013, traz uma discussão sobre como compartilhar a fé cristã num contexto universitário.

consequências do “jugo desigual”<sup>82</sup> na relação matrimonial. O conselho, nesses casos, é para que haja muita cautela, como indica, por exemplo, o artigo de Lemos:

As pequenas diferenças se acentuam e um dos dois (geralmente o cristão) desfalece na fé e cede ao companheiro. Os hábitos cristãos são deixados de lado, em nome do amor ao outro. Por fim, aquele que buscava a Deus com fervor, já não sente mais vontade de orar, de estudar a Bíblia, de testemunhar, de ir à igreja. Ele escolhe a esposa não cristã ou o marido mundano. Tudo por causa de uma atitude precipitada, contrária à vontade de Deus (Fevereiro de 1996).

(11) Liturgia – embora os artigos dessa categoria sejam poucos, os autores que escrevem dentro dessa temática o fazem para dar diretrizes sobre o aspecto litúrgico dos cultos e dos eventos religiosos<sup>83</sup>; sobre a utilização da música e seu impacto na vida do jovem e, também, na experiência coletiva de adoração.

(12) Ciência, Saúde e Corpo – essas três temáticas contam apenas com dois artigos, cada uma delas. No que se refere a ciência, um dos artigos trata das descobertas mais recentes relacionadas ao comportamento do ser humano, enquanto consumidor, e como isso se relaciona com o seu poder de autonomia; enquanto o outro traz uma discussão acerca das muitas cosmovisões e de como elas afetam nossa percepção acerca de Deus.

No caso da saúde os artigos se preocupam em tratar da integração entre a mente e o corpo mostrando como a renovação da primeira pode afetar positivamente o segundo. E na temática do corpo, um dos artigos aborda a relação do jovem adventista com a aeróbica e o outro fala da questão do princípio da decência cristã e de como o mesmo deve afetar a forma do jovem se vestir.

(13) Finanças – de todo o período analisado, apenas um artigo é destinado a tratar do assunto de finanças e ele traz dicas de educação financeira para auxiliar o jovem em seu planejamento pessoal.

### **3.2.1 Autores**

Os autores dos artigos variam. Editores da revista e editores associados da Casa Publicadora Brasileira<sup>84</sup> são os principais. No entanto, há muitos pastores, especialmente aqueles que estão ligados ao ministério jovem nas diferentes regiões do Brasil, que também

<sup>82</sup> Entenda “jugo desigual” como uma expressão relacionada a união conjugal entre duas pessoas que professam crenças religiosas distintas. A IASD, crendo que a recomendação bíblica (ver 2 Coríntios 6:14) é para que o fiel não incorra em jugo desigual, alerta os jovens sobre os riscos de tal procedimento.

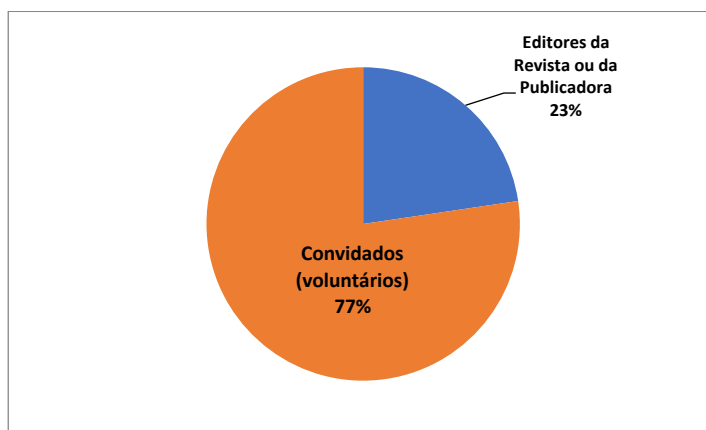
<sup>83</sup> A edição de julho de 1996, por exemplo, trouxe um artigo do Pr. Érico Tadeu Xavier abordando os aspectos positivos e negativos da adoração em um evento de grande porte.

<sup>84</sup> A Casa Publicadora Brasileira é uma das 63 editoras pertencentes a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Para saber mais acesse: <https://www.cpb.com.br/institucional/sobre>.

participaram como convidados. Conforme já mencionado, um dos diferenciais do EJ, no período estudado, é sua abertura maior para a participação dos próprios jovens. Estudantes de cursos diversos, líderes de jovens das comunidades locais, entre outros, aparecem como autores de vários artigos também.

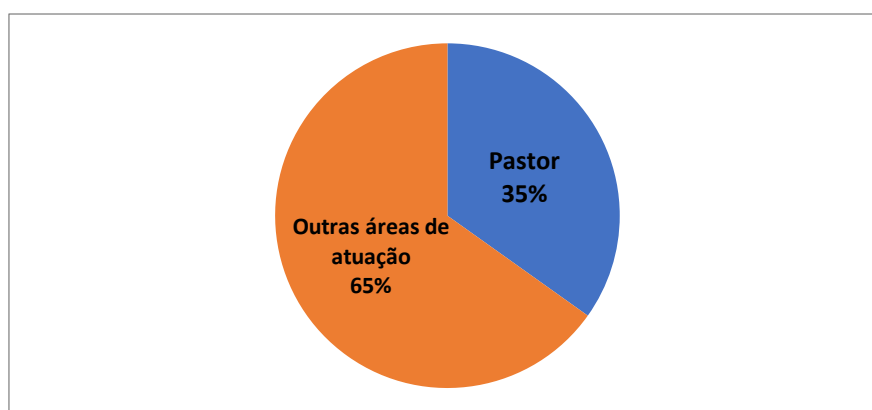
Dos 256 artigos, 58 são de autoria de um dos editores da RA ou da CPB e os outros 198 foram escritos por autores (as) convidados (as) (voluntários). Em termos percentuais, ficaria assim:

**Gráfico 29 – Percentual comparativo dos autores da seção “Espaço Jovem”**



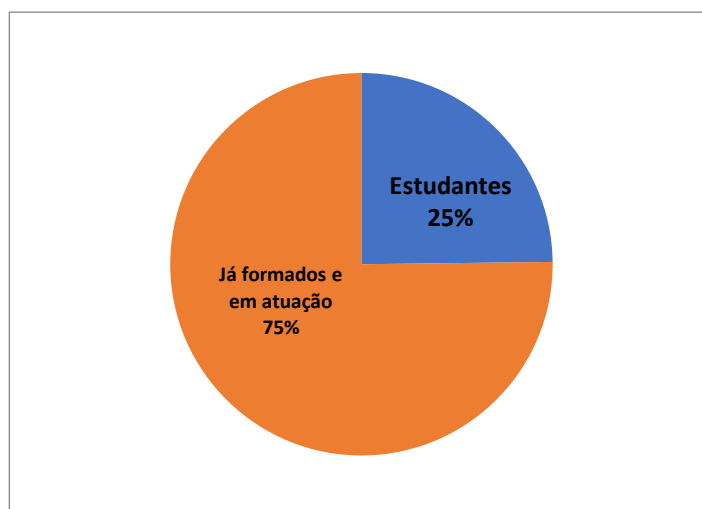
Dos 198 artigos escritos por convidados (as) voluntários (as), 69 foram escritos por algum pastor enquanto 129 foram escritos por autores de outras áreas de atuação.

**Gráfico 30 – Percentual comparativo em relação ao vínculo institucional dos autores da seção “Espaço Jovem”**



Desses 129 artigos que foram escritos por voluntários de outras áreas de atuação identificou-se que 32 eram estudantes e 97 eram profissionais já graduados e inseridos no mercado de trabalho.

**Gráfico 31 – Percentual comparativo em relação aos jovens empregados ou estudantes que colaboraram na seção “Espaço Jovem”**



O que se percebe a partir desses números exemplificados nos gráficos acima é que a RA, pelo menos no período analisado, está preocupada em proporcionar uma abertura para que os jovens possam participar dos artigos do EJ. Muito embora 75% dos que escrevem como voluntários sejam profissionais já graduados e apenas 25% estudantes, todos são jovens e, de certa forma, escrevem a partir da perspectiva de jovens que estão inseridos no universo estudantil ou no mercado de trabalho.

### **3.2.2 Sessão de Aconselhamento**

Conforme já sinalizado, o EJ traz, além dos artigos principais, algumas pequenas sessões que também cumprem um papel na transmissão de conteúdos para o público jovem. No caso da sessão de aconselhamento, ela consistia num pequeno espaço que estimulava os leitores a enviarem perguntas a RA. O pastor José Maria Barbosa, na ocasião líder do ministério jovem da IASD para toda América do Sul, selecionava uma delas e a respondia na próxima edição. Os nomes das pessoas que enviavam as perguntas eram sempre preservados aparecendo apenas as siglas iniciais no quadro. Essa sessão de aconselhamento aparece apenas na edição de julho e dezembro de 1993, mas sua proposta editorial retorna, a partir de abril de 1996, através da seção “Você Pergunta”.



Figura 5: Quadro “Você Pergunta” inserido no “Espaço Jovem” da edição de fevereiro de 2000.

**VOCÊ PERGUNTA**

**Sente-se cansada de viver**

Faz um ano e oito meses que sou batizada. ... Estudo numa das melhores universidades do Brasil. Tenho boas alimentação e moradia, mas estou indo mal nos estudos. ... Creio que a igreja Adventista é a igreja de Deus na Terra, mas não me sinto feliz em lugar algum. Várias vezes pensei em parar de frequentar a igreja, pois me sinto mal em viver mentindo. Não gosto de pedir ajuda, mas tenho consciência de que preciso ser ajudada. Muitas vezes tenho vontade de morrer, mas não tenho coragem de cometer suicídio. Tenho apenas 24 anos e já estou cansada de viver. S

**Resposta:**

Vou responder como pastor e não como um profissional da área de psicologia ou psiquiatria.

Vejo sua carta, mais como um desejo de quem quer viver do que de alguém que queira desistir da vida.

Sei que todos nós esperamos e queremos que tudo saia bem em nossa vida. Mas o trabalho, a universidade colocam pressões de todo lado para se ter sucesso e mostrar-se altamente competente. Quando não conseguimos alcançar padrões estabelecidos pela sociedade e pelo colégio, nós nos decepcionamos e ficamos diminuídos. Outras vezes nos sentimos isolados, sós. E perguntamos: Por que isto está acontecendo justamente comigo?

Diante desses problemas e frente aquelas situações aparentemente sem soluções, é que nos sentimos deprimidos e às vezes tomados de um sentimento de angústia. Nesta situação é bom ter alguém com quem conversar.

Se você tem um amigo, uma amiga em quem confia, pastor ou professor, aproxime-se para conversar, mesmo que tenha mencionado que não gosta de pedir ajuda. O próprio pastor poderá lhe recomendar um profissional na área de psicoterapia para ajudá-la.

S, a vida é um dom de Deus. Ele tem ainda um trabalho para você fazer. E nenhum problema está além da capacidade de Ele resolver. Aceite que há um escape. Um caminho. Uma saída melhor.

Da minha parte estarei orando por você. E as palavras de Deus poderão ser suas: "Alarguei os céus e fiz o acidente. Fizeste-me de dentro os meus dias novos." Sal. 104. A

Escreva para:  
Pr. José Maria  
Caixa Postal 02000  
Brasília, DF  
CEP. 70277-900  
E-mail: joemaria@iadsa.org.br

**ESPAÇO JOVEM**

Revista Adventista, Março de Brasília, São Fernando de Oliveira, Vanderlei Damilak, Michelson Borges, Guilherme Silva, Francine Lemes e Rêlia Dória de Oliveira.

fevereiro 2000

Fonte: Acervo da RA online (<http://acervo.revistaadventista.com.br/capas.cpb>)

Outro aspecto que merece ser notado nesse quadro é que no período de janeiro de 2002 a fevereiro de 2003, o Pr. José Maria Barbosa deixou de ser o único responsável pelas respostas e outros pastores, líderes de jovens de outras regiões do Brasil, passaram a participar das respostas. Segundo a entrevista com um dos editores da RA, que aparece no segundo capítulo desta pesquisa, a razão para isso foi a ocorrência de uma transição de função onde o Pr. José Maria Barbosa estaria em processo de substituição por outro pastor na função de líder do ministério jovem da IASD para o território da América do Sul. Ainda dentro desse período, em algumas edições, a sessão “Você Pergunta” foi substituída por um pequeno artigo com temas do cotidiano jovem<sup>86</sup>.

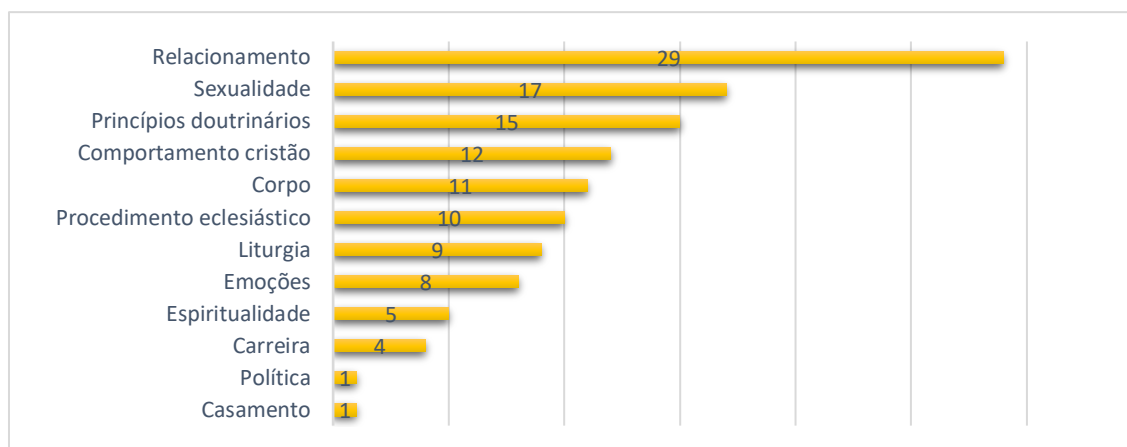
Essa transição supracitada concretizou-se no início de 2003 e a partir da edição de março de 2003 até dezembro de 2006 a sessão “Você Pergunta” passou a ser respondida pelo Pr. Erton Kohler, novo líder de jovens adventistas para a América do Sul, na ocasião. Essa mesma dinâmica se repetiu em janeiro de 2007 quando o Pr. Otmar Gonçalves assumiu a liderança do ministério jovem da IASD a nível de América do Sul e passou a ser o responsável pelas respostas aos leitores jovens da Revista Adventista no quadro “Você Pergunta”. Ele

<sup>86</sup> Fevereiro de 2002, por exemplo, trouxe um breve artigo sobre a relação do jovem adventista com a música rock. Já a edição de março do mesmo ano trouxe também, em vez do quadro “Você Pergunta”, uma breve reflexão motivacional sobre a superação de limites na juventude. E, um último caso, ocorre em dezembro de 2002, quando, no lugar do espaço “Você Pergunta”, aparece um breve testemunho de um membro leigo de uma igreja adventista em Aracaju falando da necessidade de se manter a esperança em meio as perdas.

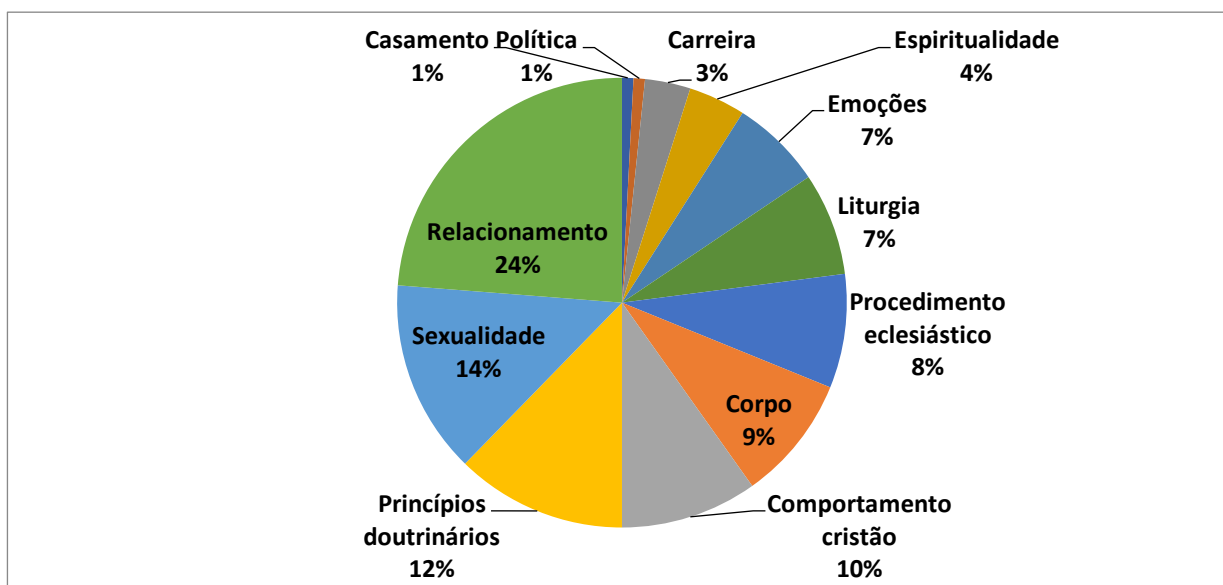
permaneceu respondendo ao quadro até março de 2009 quando essa subseção deixou de existir<sup>87</sup>.

Abaixo segue um gráfico que sinaliza os principais temas selecionados e explorados nessa seção chamada de “Você Pergunta”<sup>88</sup>. Note, primeiramente, que dentro desse período em que ocorre esse quadro pode-se contabilizar 122 ocorrências do mesmo.

**Gráfico 32 – Números comparativos dos temas da seção “Você Pergunta”**



**Gráfico 33 – Percentuais comparativos dos temas da seção “Você Pergunta”**



Embora a classificação comparativa desse quadro se valha da legenda padrão proposta nessa pesquisa, vale destacar que alguns itens que não aparecem na classificação dos artigos

<sup>87</sup> Embora ocorra essas transições, essa pequena seção destinada a “Perguntas e Respostas” da audiência de leitores jovens é patenteada pelo líder de jovens da IASD para o território Sul Americano independentemente de quem seja ele.

<sup>88</sup> Os dois quadros da “sessão de aconselhamento” publicados em julho e dezembro de 1993 foram contabilizados nesse gráfico juntamente com a seção “Você Pergunta” por carregarem a mesma proposta editorial.

principais do EJ, aparecem com mais frequência aqui. O que se percebe é que esse quadro parece se preocupar com temas tais como:

(1) Relacionamentos – incorporando questões ligadas às incertezas no namoro, aos conflitos familiares e ao envolvimento com amigos. Muitos dos casos relacionados ao assunto de namoro, por exemplo, têm que ver com preocupações na escolha do namorado (a), problemas com os pais por não aceitarem o namoro e dúvidas em saber se o namoro vai dar certo ou não.

(2) Sexualidade – sendo mais recorrente o questionamento sobre o “sexo antes do casamento”, mas aparecendo também assuntos como a “pornografia”<sup>89</sup>, “homossexualidade”<sup>90</sup> e “masturbação”<sup>91</sup>.

A edição de março de 2000, por exemplo, traz o pedido de um jovem por referências bíblicas que demonstrem a desaprovação “divina” em relação a essa prática. A questão é colocada nos seguintes termos:

Há muitas passagens sobre o adultério, mas não consigo associá-las ao sexo antes do casamento. Há também passagens sobre imoralidade. Mas por que o sexo antes do casamento é imoral? Não seria isso uma espécie de “convenção histórica” tradicional e cultural?

E a resposta a pergunta traz alguns argumentos que demonstram que a ideia de imoralidade estava associada também à prática sexual antes do casamento no pensamento bíblico. Além disso, o autor também destaca que: “Deus sempre põe a liberdade dentro de alguns limites (o que parece um contrassenso). No caso do sexo, esses limites não são para impedir ou nos privar de algum prazer, mas para nos proteger”.

(3) Princípios doutrinários – preocupando-se em trazer discussões sobre a prática das crenças adventistas no contexto atual como, por exemplo, a “guarda do sábado”<sup>92</sup> e o comportamento do crente durante esse dia. A edição de setembro de 1997, por exemplo, traz um caso de uma jovem enfermeira que estava confusa se poderia ou não trabalhar aos sábados no hospital, uma vez que a natureza do seu ofício tinha que ver com o socorro e cura das pessoas doentes.

<sup>89</sup> A edição de dezembro de 1999, por exemplo, traz um relato de um jovem que se sente mal por esse hábito e quer ajuda para vencê-lo.

<sup>90</sup> A edição de junho de 2001 trouxe um caso de um jovem de 16 anos que assumiu sua inclinação afetiva por pessoas do mesmo sexo e ele creditava isso a um abuso sofrido na infância. Sua indagação era sobre como corrigir esses impulsos. A pergunta foi respondida pelo Dr. Cesar Vasconcellos, diretor do Centro Médico de Vida Saudável, Nova Friburgo, RJ.

<sup>91</sup> A edição de julho de 2003 traz o relato de um jovem pedindo ajuda para vencer o hábito da masturbação que ele reconhecia como sendo nocivo pra ele.

<sup>92</sup> Os adventistas do sétimo creem que o sábado foi um dia separado por Deus na semana da criação para ser um dia especial de adoração a Deus, intimidade com as pessoas e envolvimento na missão de pregar o evangelho. Por essas razões, os adventistas buscam se abster da atividade profissional semanal nesse dia (TIMM, 2010).

(4) Comportamento cristão ou conduta cristã – também traz indagações acerca do posicionamento da IASD sobre o que é ou não mais adequado para o jovem adventista em sua relação com a cultura. Especialmente em situações como “ir ou não ao cinema”; participar de “festas com danças”; “as influências de jogos de “*vídeogame*”; “se unir ou não as greves”; entre outros.

(5) Procedimentos eclesiásticos – carregam interrogações dos jovens sobre como a IASD deve lidar com situações de “disciplina” de seus membros<sup>93</sup>.

(6) Corpo – quando os questionamentos são mais acerca do “uso de jóias”, “maquiagem”, “roupas decentes ou indecentes”, “tatuagens” e o uso de “cabelos compridos por parte dos homens”.

Outro assunto que aparece nesse quadro, mas cuja ocorrência é quase inexpressiva, é a questão que trata sobre “envolvimentos políticos”<sup>94</sup>. Embora o questionamento não seja acerca do posicionamento ideológico da igreja em relação a política, há uma clara recomendação sobre não vincular candidatos eleitorais, membros da IASD, a cargos ou funções dentro da igreja. Essa recomendação sugere uma postura eclesiástica apolítica que se confirma em outros dos documentos oficiais da IASD<sup>95</sup>.

### 3.2.4. Você responde

O quadro “Você responde” surgiu a partir de janeiro de 1997 acoplado ao quadro “Você Pergunta”, mas ele teve uma duração bem mais curta permanecendo até a edição de junho de 1998. Sua proposta era a de trazer a opinião dos jovens leitores à tona acerca de temas importantes para eles. Sendo assim, o editor propunha um assunto e os leitores escreviam sua opinião de forma objetiva<sup>96</sup> sobre o mesmo e a revista publicava algumas dessas opiniões na edição seguinte.

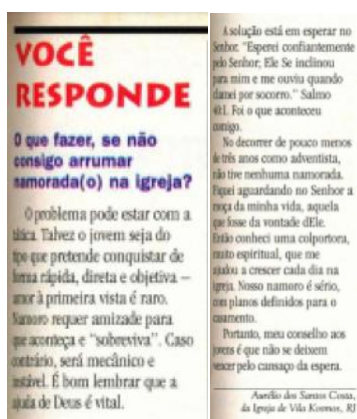
<sup>93</sup> Há um caso, por exemplo, na edição de novembro de 1999, trazido por um jovem, questionando o procedimento da instituição acerca de um pastor que cometera adultério e fora destituído de sua função na organização.

<sup>94</sup> Apenas a edição de julho de 1998 traz uma discussão voltada para esse assunto.

<sup>95</sup> A IASD em um documento oficial, disponível em <https://bit.ly/2KVIIk4>, acerca da relação entre os adventistas e a política, posiciona-se a favor da separação entre a Igreja e o Estado entendendo que o não envolvimento partidário é uma das maneiras de manter esse princípio. Por outro lado, a IASD também compreende que seus membros devem cumprir de forma consciente e inteligente os seus deveres civis respeitando, inclusive, os governos e as autoridades constituídas.

<sup>96</sup> Até 15 linhas segundo as orientações do quadro na revista adventista de janeiro de 1997.

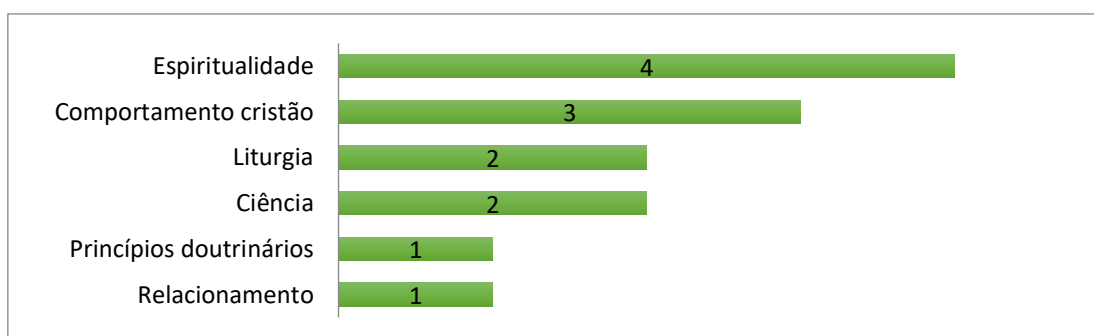
**Figura 6: Coluna, publicada em março de 1998, que traz a pergunta levantada pelo editor e algumas das respostas publicadas de jovens.**



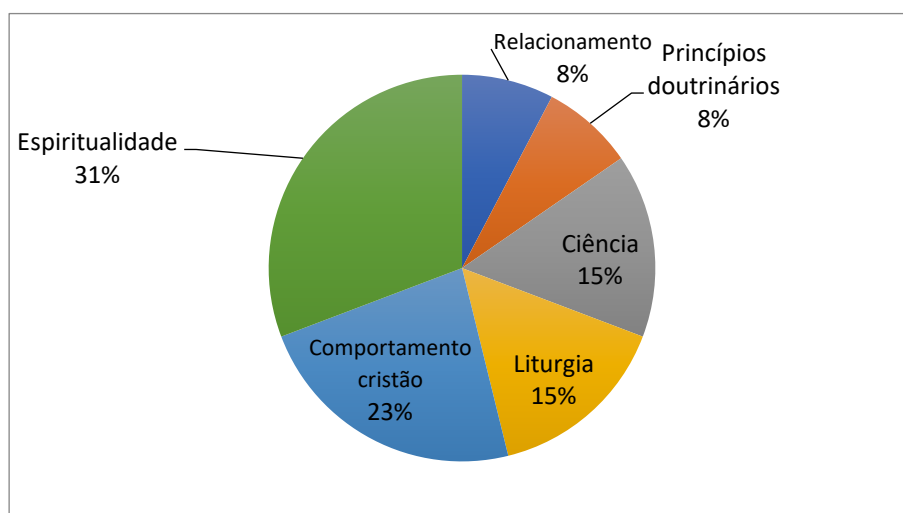
Fonte: Acervo da RA online (<http://acervo.revistaadventista.com.br/capas.cpb>)

Ao todo foram contabilizadas 13 ocorrências desse quadro inseridos no EJ. Abaixo seguem os gráficos comparativos dos assuntos mais explorados:

**Gráfico 34 – Números comparativos dos temas da seção “Você Responde”**



**Gráfico 35 – Percentuais comparativos dos temas da seção “Você Pergunta”**



Os quadros que trouxeram assuntos ligados a “espiritualidade” abordaram discussões como: “dicas para estudar a Bíblia”; “como discernir a vontade de Deus” e “sentimentos em relação ao fim do mundo e a expectativa do retorno de Jesus”.

Os que trataram sobre “comportamento cristão” questionaram os jovens sobre “a prática da dança” e “a escolha de programas televisivos”. Já os quadros sobre “liturgia” levantaram a discussão de “como se organizar corais e cultos mais atrativos para o público jovem”. As perguntas levantadas sobre “ciência e religião” giraram em torno dos “argumentos racionais para a existência de Deus” e da “existência ou não de seres extraterrestres”. Por fim, os quadros que despertaram a discussão sobre “princípios doutrinários” e “relacionamento” trouxeram questões ligadas a “compreensão do dom profético” e “namoro”, respectivamente.

### **3.2.5 Raio X**

A partir da edição de maio de 2009, com o fim do quadro “Você Pergunta” em março de 2009, o EJ traz um novo quadro intitulado “Raio X” que permaneceu até julho de 2012. Esse espaço, geralmente produzido pelos editores da RA, oferecia pequenos artigos com notícias, estatísticas e informações notórias com o intuito de provocar a atenção e a curiosidade da audiência jovem e gerar uma reflexão de cunho espiritual ou moral. Durante o período analisado, foram contabilizadas 21 aparições desse quadro.

Um exemplo que pode ser mencionado é o quadro que apareceu na edição de junho de 2009, cujo autor Guilherme Silva, editor associado da RA, abordou algumas das promessas da ciência em relação ao futuro da humanidade contrastando-as com as promessas que a Bíblia traz para o homem e seu amanhã.

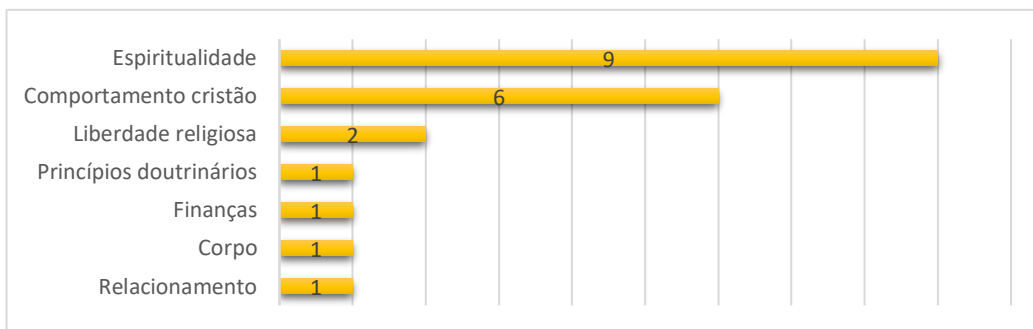
Figura 7: Quadro raio-X ao lado esquerdo (junho de 2009)



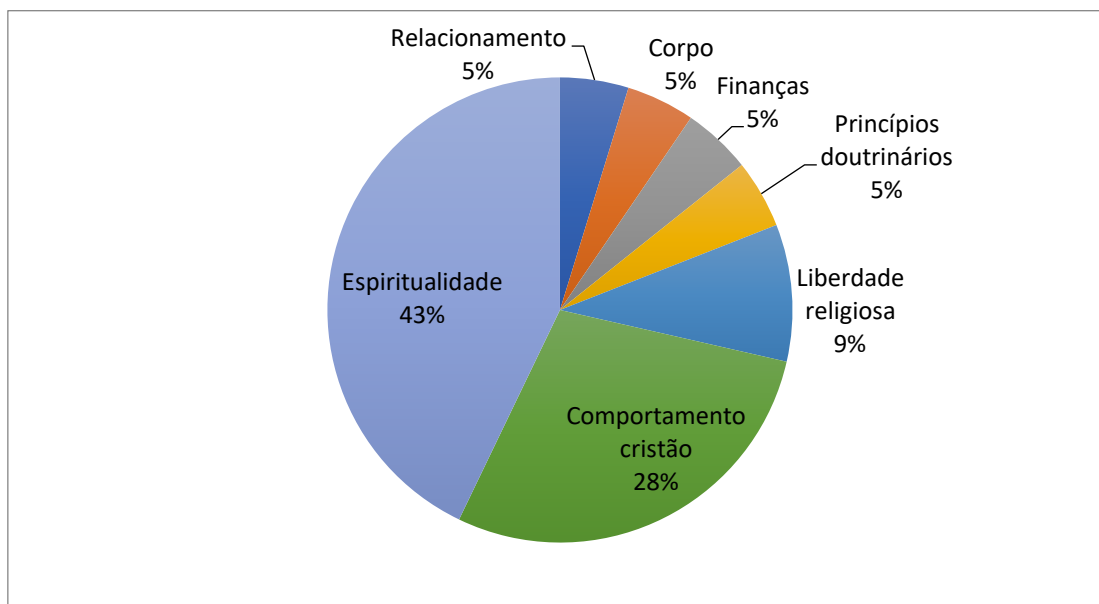
Fonte: Acervo da RA online (<http://acervo.revistaadventista.com.br/capas.cpb>)

Abaixo seguem os gráficos comparativos dos assuntos mais explorados:

Gráfico 36 – Números comparativos dos temas da seção “Raio X



**Gráfico 37 – Percentuais comparativos dos temas usados na seção “Raio X”**



Mais uma vez, como se pode perceber pelos dados verificados acima, a categoria “espiritualidade” aparece como sendo a mais destacada na sessão “Raio X” do EJ. Os temas explorados dentro dessa categoria variam desde tópicos que abordam os “sinais da volta de Jesus”<sup>97</sup> até as “virtudes” a serem desenvolvidas na experiência cristã. Sobre a categoria “comportamento cristão” o quadro “Raio X” se preocupou em tratar de tópicos relacionados ao “envolvimento do jovem com as mídias”<sup>98</sup>, ao “futebol”<sup>99</sup> e ao “comportamento religioso dos jovens na atualidade”<sup>100</sup>.

Já os dois artigos que trataram da “liberdade religiosa” o fizeram no contexto da participação alternativa de jovens adventistas em concursos públicos que ocorrem no dia de sábado. As categorias de “princípios doutrinários”, “finanças”, “corpo” e “relacionamento” trataram, respectivamente, de tópicos como “orientações quanto a observância religiosa do sábado”, “a crise financeira e as possíveis saídas”, “os cuidados com o estilo de vida e o câncer” e “a desintegração da família e seus resultados”.

<sup>97</sup> Os autores que trazem essa ênfase se valem de descobertas científicas recentes, das crises econômicas e do aquecimento global para relacioná-los com o retorno de Jesus.

<sup>98</sup> A edição de setembro de 2010, por exemplo, discutiu sobre a ideologia das novelas e como elas podem moldar o comportamento humano. Já em maio de 2010, o espaço tratou das novas abordagens que a mídia tem usado para confundir a realidade com a virtualidade.

<sup>99</sup> Na edição de fevereiro de 2010 o autor traz alguns dados relacionados a adesão de torcedores ao futebol brasileiro e como “torcer” para um time de forma desequilibrada pode gerar comportamentos sociais nocivos.

<sup>100</sup> A edição de agosto de 2009 trouxe uma reflexão sobre alguns dados paradoxais do “movimento emergente”, isto é, jovens que se declaram espirituais, mas rejeitam a igreja institucionalizada. E a edição de novembro do mesmo ano trouxe uma ênfase semelhante ao explorar uma pesquisa que mostra o interesse de adolescentes e jovens pela “comunhão autêntica com Deus” e por “conhecer e entender as crenças e valores da fé cristã”, mas com abordagens que sejam contemporâneas e pertinentes para sua faixa etária.

### 3.2.6 Expressão

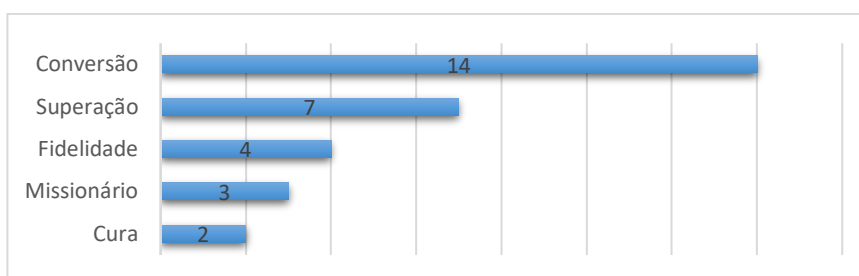
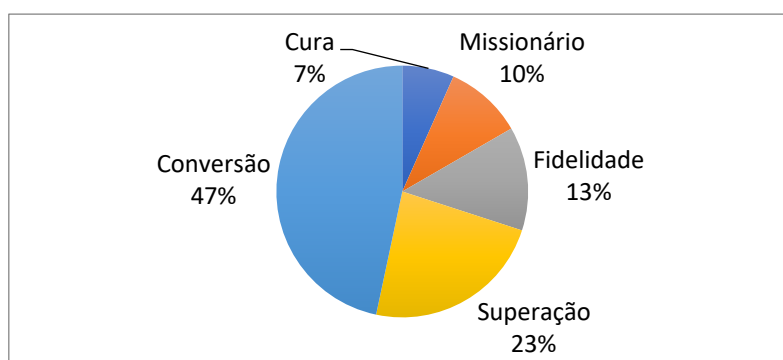
Paralelamente ao quadro “Raio X”, o Espaço Jovem também trouxe uma outra subseção chamada “Expressão” que durou de maio de 2009 até agosto de 2012. Embora não apareça em todas as edições mensais do período supracitado, o quadro “Expressão” é um pequeno espaço que traz um depoimento enviado por um jovem acerca de uma experiência marcante que ele viveu podendo envolver uma cura física, uma superação de um grande desafio ou até mesmo uma conversão espiritual.

Figura 8: Quadro “Expressão” (maio de 2009)



Fonte: Acervo da RA online (<http://acervo.revistaadventista.com.br/capas.cpb>)

Foram contabilizadas 30 ocorrências desse quadro no período analisado. Embora todos os quadros “Expressão” tragam um testemunho, na sua maioria escrito por jovens, abaixo está proposto um gráfico comparativo da natureza dos testemunhos explorados:

**Gráfico 38 – Números comparativos dos temas da seção contidas no espaço “Expressão”****Gráfico 39 – Percentuais comparativos dos temas da seção contidas no espaço “Expressão”**

Os testemunhos de “conversão”, que aparecem com mais destaque nessa seção, tratam essencialmente do processo de conversão religiosa, na maioria das vezes associado a adesão da pessoa à IASD. Os testemunhos de “superação” exploram as histórias de jovens que tiveram que superar grandes obstáculos para alcançar seus objetivos acadêmicos e profissionais. Dentro da categoria “fidelidade” os depoimentos dos jovens tratam de experiências ligadas a manutenção dos “valores religiosos” sob a pressão contrária do grupo. Os testemunhos “missionários” e de “cura” abordam, respectivamente, histórias de engajamento em ações sociais e evangelísticas<sup>101</sup> e histórias de pessoas com doenças graves que foram curadas<sup>102</sup>.

### 3.2.7 Pense nisto

Dentro do período analisado, a última – cronologicamente falando – subseção que aparece inserida dentro do EJ é a “Pense Nisto”. Ela aparece após a saída da “Raio X” e

<sup>101</sup> A edição de março de 2011, por exemplo, trouxe o relato de Tainan Pires, 19 anos, que participou de um projeto missionário de jovens que ocorre nas férias envolvendo ações comunitárias e evangelismo. A edição de agosto do mesmo ano trouxe a história da Joilma Santana que, por trabalhar como assessora de educação do SESI, consegue desenvolver vários projetos sociais a nível estadual onde reside.

<sup>102</sup> A edição de abril de 2010 relatou a história de Cígredey Neves que foi curada de uma doença adquirida pela larva do porco (cisticercose) que se alojou em seu sistema nervoso central. O quadro “Expressão” de janeiro de 2012 também trouxe um relato de cura do câncer e da mudança de hábitos no estilo de vida do casal Karina Deana e Davidson.



No entanto a tônica do artigo não está em discutir a legitimidade ou ilegitimidade da participação dos jovens adventistas em protestos, mas em refletir sobre a intensidade com a qual os jovens empreendem suas lutas e incentivá-los a usar essa mesma intensidade na pregação do evangelho de Jesus Cristo.

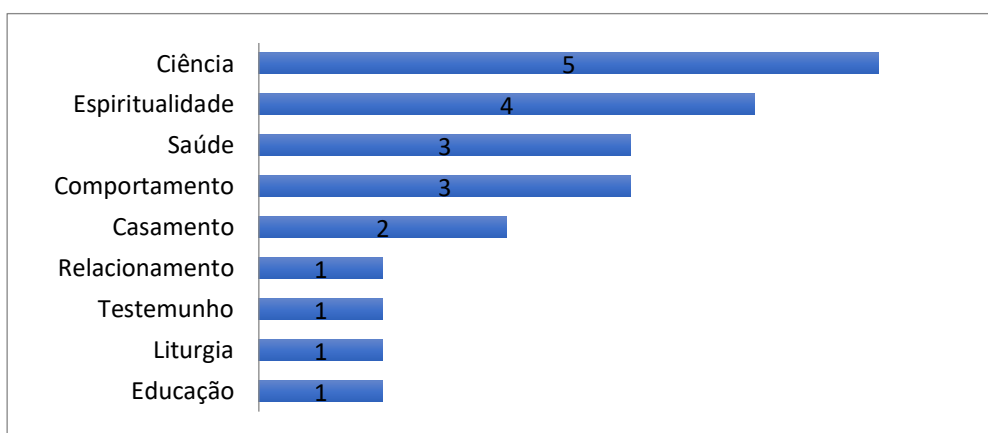
Na edição de julho do mesmo ano, aproveitando o lançamento do filme *Superman* nos cinemas, o quadro trouxe uma reflexão de cunho espiritual comparando as características messiânicas do *Superman* com as de Jesus. Segundo o autor do artigo: “*Superman* é claramente uma paródia de Jesus Cristo. Ele vem de fora da Terra, é adotado por uma família humana, inicia seu ministério em favor da humanidade já na vida adulta, morre numa história em quadrinhos que vendeu milhões e, posteriormente, é ressuscitado”. O próprio diretor do filme reconheceu que “a relação entre Jesus Cristo e o *Superman* não foi inventada por eles, mas existe desde a criação do personagem”.

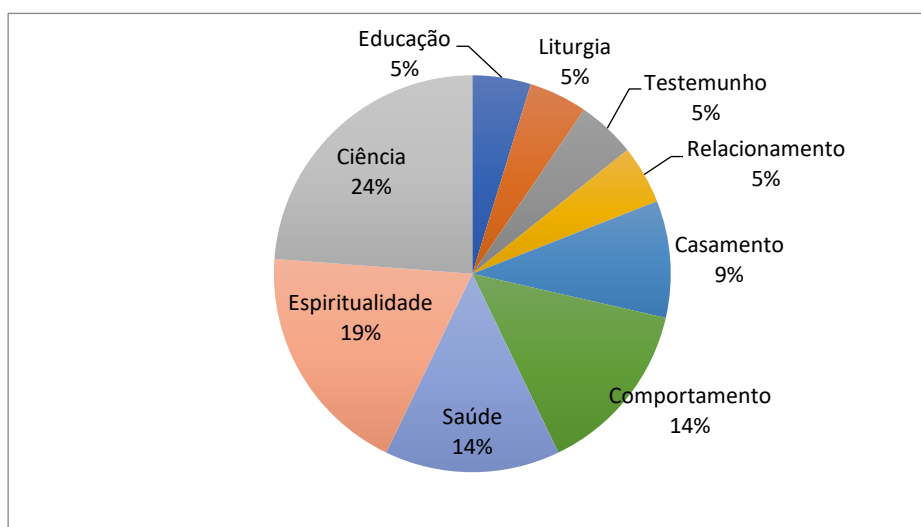
É por conta dessas semelhanças entre ambos os personagens, que o autor do artigo conclui que:

Assim esses filmes vão cumprindo uma “agenda” que parece ser a mesma: substituir a crença nos antigos deuses pela idolatria dos novos “deuses” mitologizando a ideia de que existe um verdadeiro Filho de Deus que efetivamente morreu pela humanidade e que prometeu voltar e levar consigo aqueles que aceitarem Sua proposta de vida eterna numa realidade sem pecado.

Em relação ao quadro “Pense Nisto”, foram contabilizadas 21 ocorrências do mesmo no período analisado. Abaixo seguem os dois gráficos comparativos da natureza dos assuntos explorados:

**Gráfico 40 – Números comparativos dos temas do quadro “Pense Nisto”**



**Gráfico 41 – Percentuais comparativos dos temas do quadro “Pense Nisto”**

Os artigos da categoria “ciência” são aqueles que se preocupam em trazer uma reflexão baseada na intersecção entre “ciência e religião”<sup>104</sup>. As reflexões da seção “Pense Nisto” ligadas a “espiritualidade” exploram tópicos como as “escolhas”<sup>105</sup> e a “importância de se lutar pelos sonhos”. Os artigos enquadrados na temática de “saúde” exploraram tópicos como a “prevenção de doenças de cunho mental e psicológico”, “os cuidados que se deve ter com algumas dietas” e “os benefícios da religião para a saúde”. A categoria “comportamento” traz assuntos ligados aos “efeitos dos vícios na vida dos jovens” e a “evasão de jovens de igrejas liberais nos Estados Unidos”. Os dois artigos que tratam do “casamento” refletem sobre os “efeitos do jugo desigual na vida conjugal”. Já os artigos que tratam sobre “relacionamento”, “testemunho”, “liturgia” e “educação” abordam, respectivamente, tópicos como “o uso das redes sociais”, “a fidelidade de jovens às suas convicções religiosas”<sup>106</sup>, “o envolvimento do jovem na liturgia do culto religioso” e o “processo de amadurecimento”.

### Conclusões do terceiro capítulo

O terceiro capítulo dessa pesquisa propôs uma classificação e uma análise geral dos conteúdos do “Espaço Jovem” da Revista Adventista dentro do período de 1993 a 2014. O que

<sup>104</sup> A edição de janeiro de 2013, por exemplo, trouxe um artigo comparando a teoria dos multiversos e o *design* inteligente. Já a de junho do mesmo ano, publicada por um professor de física, e a de maio, julho e agosto de 2014 trouxeram uma reflexão de cunho mais apologético acerca dos argumentos em favor do criacionismo.

<sup>105</sup> Abril de 2013 trouxe uma reflexão baseada na fatalidade que ocorreu na “Boate Kiss” em Santa Maria, RS. Já a de maio de 2013 baseou-se na experiência de um jovem que deixou de acreditar em Deus.

<sup>106</sup> O quadro publicado na edição de dezembro de 2013 refletiu sobre as experiências de jovens adventistas que passam o dia todo de sábado numa sala de aula até poderem realizar a prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) após o por do sol respeitando assim seus valores religiosos.

se percebe nessa proposta editorial da RA é o interesse da IASD em produzir conteúdos endereçados a sua audiência jovem o que, historicamente, se manifesta desde o início do movimento adventista em suas publicações oficiais.

Mais do que isso, o que se demonstra é uma preocupação da IASD não apenas em produzir conteúdo para essa faixa etária, mas também em dialogar com a sua juventude e envolvê-los na produção do conhecimento – quadro este que se constata especialmente no aumento gradativo da participação de jovens como autores dos artigos no “Espaço Jovem” durante o período investigado.

A partir da análise dos artigos principais do EJ, há várias reflexões que podem ser feitas. Uma delas tem que ver com a categoria “espiritualidade” que é a mais destacada. Essa ênfase, para os que estão familiarizados com o adventismo, não é uma novidade. Isso porque sua agenda histórica sempre foi a de proclamação<sup>107</sup> de uma mensagem espiritual que se traduz num sistema de crenças, onde algumas são distintivas e, segundo os adventistas, indispensáveis para o contexto da geração em que vivemos<sup>108</sup>. A juventude parece não escapar a essa agenda. Muito embora haja algumas pautas sociais trazidas para a reflexão nos artigos, elas sempre aparecem convergindo para a mensagem espiritual típica do corpo doutrinário adventista.

Ainda dentro dessa ênfase na “espiritualidade”, nota-se o incentivo dado aos jovens em direção às “disciplinas espirituais”<sup>109</sup> no intuito de mantê-los afastados de condutas que violam os princípios bíblicos, conforme ensinados pela instituição. Outro tópico bastante realçado pelos artigos, ainda na categoria “espiritualidade”, é o do “sentido da vida”. Eles indicam uma tentativa de se transmitir ao jovem adventista um sentido de vida que não é construído a partir das experiências vividas social e culturalmente (como é comum na sociedade contemporânea), mas derivado de uma compreensão bíblica acerca do propósito que Deus tem para a vida das pessoas. Esse propósito teria uma perspectiva vertical – a devoção e lealdade para com Deus – e uma horizontal – a pregação do evangelho e o amor para com as pessoas.

Vale mencionar aqui que essa ênfase que também é dada nos artigos para o engajamento dos jovens em projetos missionários é uma das principais razões para a manutenção do vínculo dessa faixa etária na igreja. Há pesquisas que apontam nessa direção atestando que o jovem que

<sup>107</sup> A declaração de missão do movimento adventista, articulada na obra “Declarações da Igreja” (2012, p. 10), declara que a IASD existe para “proclamar a todos os povos o evangelho eterno, no contexto das três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12, levando-os a aceitar Jesus como Salvador pessoal e a unir-se à Sua igreja, ajudando-os a se preparem para o Seu breve retorno”.

<sup>108</sup> Essa compreensão volta a tocar na autoimagem que o movimento adventista tem de caráter profético com uma mensagem específica para o tempo que em a sociedade vive precedendo o retorno de Jesus.

<sup>109</sup> Termo emprestado do livro “Disciplinas espirituais para a vida cristã” de Donald Whitney (2014) que inclui a leitura da Bíblia, a oração, o evangelismo, a adoração, a meditação, o jejum, etc.

se envolve mais nos ministérios da igreja e no evangelismo tende a manter seu vínculo com a instituição religiosa<sup>110</sup>.

Os artigos que trazem depoimentos de jovens acerca de suas experiências religiosas, enquadrados na categoria “testemunhos”, também são abundantes. O que é digno de nota, pois a maioria deles realça a “conversão religiosa” de jovens, especialmente com experiências de jovens que saíram de suas denominações religiosas e foram para a IASD. Esse quadro é interessante por, pelo menos, duas razões.

Primeiro porque o contexto no qual estão inseridos os jovens para quem a RA escreve, como já demonstrado no primeiro capítulo desta pesquisa, é um contexto de intenso trânsito religioso em que os jovens estão mais propensos a toda sorte de experimentação. Essa ênfase da RA, portanto, em trazer esses depoimentos que traduzem, de certa forma, uma maior mobilidade entre os jovens pode ser um sintoma da condição religiosa da juventude brasileira enquanto que, ao mesmo tempo, pode ser um estímulo ao jovem que já está propenso a este comportamento a experimentar, entre os adventistas, um novo modelo de religiosidade.

Uma segunda razão pelo qual esse quadro de mobilidade religiosa é curioso tem que ver com as motivações que o compõe. Muito do que se construiu até aqui nesta pesquisa, leva-nos a crer que, uma das motivações fundamentais para esse trânsito reside na busca por experiências religiosas que satisfaçam as necessidades imediatas. Prova disso é o aumento dos adeptos dos movimentos carismáticos que sustentam uma proposta mais sensorial em sua abordagem.

No caso da experimentação da vivência religiosa entre os adventistas, o caminho parece ser diferente indo mais na direção de uma oferta cognitiva e não sensorial. Em outras palavras, a ênfase parece recair numa experiência religiosa pautada pela dilatação na compreensão de verdades bíblicas<sup>111</sup> até então desconhecidas por um determinado jovem, mesmo que crente, adepto de outra denominação. A adesão a esse novo sistema de crenças muito embora não ofereça, num primeiro momento, respostas aos dilemas existenciais, entrega ao seu adepto a sensação de segurança e estabilidade que o suposto conhecimento coeso e lógico da verdade bíblica oferece<sup>112</sup>.

<sup>110</sup> A pesquisa canadense de Haskell, Flatt e Burgoyne (2016) constatou que as igrejas que consideram o evangelismo um aspecto importância em sua agenda apresentam maiores índices de crescimento e retenção de membros.

<sup>111</sup> O próprio conceito de “verdades absolutas”, derivadas da Bíblia e sustentadas pela IASD, como também por outras denominações conservadoras de matriz protestante histórica, é relativizado na sociedade contemporânea.

<sup>112</sup> O pastor batista Ed René Kivitz em uma de suas preleções intitulada “A superação da religião”, disponível em <https://bit.ly/2EDkaef>, acesso em 05 abr. 2019, traça um interessante contraste entre os protestantes históricos defensores da “verdade” – enquanto sistema de crenças – e os pentecostais defensores do “poder” – enquanto experiência sensorial de fervor.

Vale incluir aqui uma ponderação acerca do fato de que, embora muita ênfase seja dada na conversão religiosa de jovens ao adventismo – o que pode ser interpretado por alguns como uma visão triunfalista da igreja acerca de si mesma – pouca atenção é dada, no “Espaço Jovem” da RA, para o fenômeno da evasão do jovem adventista da instituição religiosa<sup>113</sup>. Ao que tudo indica, a RA está mais preocupada em valorizar as razões e experiências que levaram os jovens a aderirem ao adventismo do que em discutir a possível evasão dos mesmos.

Ainda na categoria de “testemunhos” do Espaço Jovem, vale notar que os depoimentos de cura usados na abordagem da IASD com os jovens são praticamente inexpressivos<sup>114</sup>. Esse dado reflete uma compreensão, por parte da IASD, acerca do propósito das curas e milagres no ministério de Jesus e seu papel no contexto da igreja contemporânea<sup>115</sup>. Esse quadro também se encaixa no fato, já mencionado, de que a experiência sensorial não é tão valorizada na IASD quanto nas igrejas de cunho pentecostal e/ou neopentecostal<sup>116</sup>. Ao que parece, a IASD em seu conteúdo e abordagem endereçadas ao jovem se propõe a forjar um jovem adventista cuja identidade seja “distinta” ou “diferente” dos demais jovens, por conta de suas crenças e condutas peculiares<sup>117</sup>. A identidade desse jovem, portanto, estaria ligada à sua forma de viver<sup>118</sup>.

Essa parece ser também a opinião do pastor José Maria Barbosa, que escreveu um artigo intitulado “Identidade e Identificação” (1997, p. 38) abordando o tema da identidade do jovem adventista. Na ocasião, enquanto líder dos jovens adventista para toda a América do Sul, Barbosa defendeu que a identidade do jovem adventista está ligada a mensagem distintiva da IASD que ele abraçou e que, inevitavelmente, irá provocar nele uma reorientação de conduta. Ele argumenta que:

Creio que a nossa identidade nasce na mensagem que temos. Se vejo minha igreja como uma igreja cristã; se dentro das igrejas, vejo que ela surgiu quando a história e a profecia coincidiram, nela vou pôr minha confiança e com ela vou me

<sup>113</sup> Há apenas um artigo, de dezembro de 2005, que aborda as motivações que levam o jovem adventista a se desvincular de sua relação com a igreja e com os ensinamentos da mesma.

<sup>114</sup> Isso vale também para a subseção intitulada “Expressão” que se concentra apenas em testemunhos de jovens contados, via de regra, em primeira pessoa.

<sup>115</sup> REID (2011, p. 833-869) possui um artigo intitulado “Saúde e Cura” que colabora no sentido de expor a compreensão adventista acerca dos ministérios de cura.

<sup>116</sup> Para estudar um pouco mais o assunto do aspecto sensorial *versus* racional na experiência cültica das igrejas cristãs, veja DORNELES (2014).

<sup>117</sup> O teólogo e historiador adventista George Knight (2010, p. 19-20) é um dos defensores da tese de que as igrejas conservadoras crescem por conta de suas reivindicações “arrogantes” de possuidoras da verdade. Segundo ele, as igrejas que absorvem acriticamente a cultura vigente tendem a entrar em extinção, enquanto aquelas que mantêm uma identidade distintiva atraem as pessoas que estão em busca de algo diferente do que a cultura, em geral, pode oferecer.

<sup>118</sup> Essa forma de viver está intimamente ligada a autocompreensão profética que o adventismo sustenta. Para saber mais sobre essa autocompreensão, consulte o artigo “Quem são os Adventistas do Sétimo Dia” de Vyhmeister (2011, p. 1-25).

identificar. Tudo sai daqui, da mensagem – todo nosso corpo de doutrinas que temos como adventistas. Meu estilo de vida, meu comportamento, como vemos o mundo, nosso sentido de missão, nossos valores, nossos princípios. Enquanto não me apropriar destas coisas, não tenho minha identidade. É isto que me faz diferente. E me leva a ser diferente. Não no sentido de ser bizarro, estranho, fanático, esquisito. Nem querer dizer que somos mais santos, melhores do que os outros, superiores a eles. No momento em que eu negociar uma destas coisas, princípios, valores, doutrinas, estarei perdendo minha identidade. Ou pior: em lugar da falta de identidade estarei usando uma falsa identidade.

Outras categorias de assuntos aparecem nos artigos principais do “Espaço Jovem”, mas não com tanto destaque como os de “espiritualidade” e “testemunhos”. Aliás, o silêncio dos artigos ou a inexpressividade com a qual eles tratam de alguns temas vigentes no contexto da juventude da virada do século, como por exemplo, a “cultura do consumo e da aparência” e a “saúde emocional” (depressão e outras doenças) parecem indicar que a IASD optou por se relacionar com a sua audiência jovem a partir dos temas religiosos em detrimento de outros temas.

Quando a categoria dos artigos é “relacionamento” no “Espaço Jovem” ocorre algo interessante. Embora eles apareçam em menor incidência do que os assuntos de “espiritualidade” nos artigos principais, quando a RA abre o espaço para a interação dos jovens leitores por meio da seção “Você Pergunta” acontece uma inversão. A maior parte das perguntas tem que ver com “relacionamentos” mostrando assim a carência do público jovem de orientação em assuntos que tenham a ver com seu cotidiano, especialmente emocional.

Outro contexto que surge dentro do quadro “Você Pergunta” é a inserção de um questionamento que um jovem faz de uma postura institucional em relação ao desligamento de um pastor por um erro de cunho moral (adultério)<sup>119</sup>. Pensar acerca do questionamento deste jovem pode apontar para algumas considerações: (1) a liberdade atual que os jovens possuem para expor suas opiniões, discordar e/ou questionar as instituições que, outrora, eram inquestionáveis, como a igreja por exemplo; (2) a iniciativa aparentemente corajosa da igreja em publicar um questionamento dessa natureza e dar explicações ao jovem interlocutor e a todos os leitores acerca dos procedimentos da igreja nesses casos.

Além das perguntas de cunho relacional, a sessão “Você Pergunta” também traz muitas perguntas acerca da “sexualidade”. As respostas a essas perguntas indicam que a IASD, a despeito do contexto de relativização moral e sexual, mantém uma visão conservadora e moralmente rígida em relação as práticas sexuais de seus membros e também de sua juventude.

<sup>119</sup> Edição de novembro de 1999.

Isso vale também para os “usos e costumes” da IASD que aparecem especialmente na seção categorizada como “corpo” tratando do uso de jóias, maquiagem e a escolha das roupas<sup>120</sup>.

O quadro “Expressão” que aborda exclusivamente os depoimentos de jovens acerca de sua experiência religiosa, vale-se de um método alternativo para reforçar a “conduta” que se espera do jovem adventista. Diferentemente dos artigos principais do “Espaço Jovem” que geralmente partem de arrazoados bíblicos ou de uma cadeia de raciocínios e argumentos, o quadro “Expressão” se concentra apenas em “narrativas”<sup>121</sup> de jovens reais para inspirar a vida de outros jovens. Em outras palavras, os mesmos temas (espiritualidade, relacionamento, comportamento, sexualidade, etc) nos quais os artigos centrais investem tanto tempo voltam a aparecer nesse espaço, mas indicados nas entrelinhas dos testemunhos de pessoas que passaram por situações em que tiveram que fazer escolhas relacionadas a esses assuntos.

Na seção “Raio X” há dois artigos que trazem ênfases interessantes dentro do escopo dessa pesquisa pois abordam a relação da juventude com a religião. A aparição dessa temática, embora numa proporção pequena, parece indicar uma inserção na discussão mais ampla do que está ocorrendo no cenário religioso da juventude brasileira, pois os artigos discutem alguns movimentos de “desinstitucionalização” da experiência religiosa, ao mesmo tempo que aborda outros movimentos que estão em busca de uma experiência religiosa autêntica.

A última seção intitulada “Pense Nisto” traz um dado interessante. Ela tem um percentual mais destacado de reflexões que se valem da intersecção entre a “ciência e religião”. O que é uma abordagem incomum num contexto onde a pluralidade de sentidos e a autonomia do indivíduo são características dominantes da condição religiosa entre os jovens.

Os artigos parecem explorar a contramão desse contexto, pois carregam um alto teor apologético ao defender racionalmente as bases da fé cristã, um sentido único para a existência e a versão criacionista do surgimento do homem conforme narrada literalmente na Bíblia – características estas que são típicas para classificar o fundamentalismo religioso.

Mais essa evidência revela que a abordagem da RA é claramente atípica e talvez seja exatamente essa constatação, conforme já indicado nessa pesquisa, uma das características que mais atrai e conserve um grupo de jovens que procura uma estrutura de sentido mais sólida num cenário religioso cada vez mais sincrético.

<sup>120</sup> Nessa questão ligada aos “usos e costumes” da IASD, embora haja recomendações oficiais mais conservadoras em relação a conduta cristã, algumas igrejas, especialmente em contextos mais urbanizados, já “negociam” algumas dessas normas.

<sup>121</sup> É pertinente lembrar aqui que existe toda uma discussão mais ampla sobre a relação entre o poder de uma narrativa e a fixação de uma cosmovisão. Grenz (2008, p. 71-72), por exemplo, vai elencar alguns dos teóricos que articularam essa relação.

## CONCLUSÃO FINAL

Como se viu nesta pesquisa, mergulhar nos estudos da categoria social conhecida como “juventude” não é algo simples. Isso porque a maioria dos estudiosos diverge em suas opiniões sobre a definição, comportamentos, relações sociais e de consumo que essa faixa etária desenvolveu ao longo dos anos. Uma segunda razão que desafia os estudos nessa área é que eles são relativamente recentes na área de Ciências da Religião.

No caso da relação entre “religião e juventude”, os dados obtidos a partir dos Censos divulgados pelo IBGE, especialmente relacionados ao contexto brasileiro, e as análises que os teóricos fazem dos mesmos, especialmente Novaes (1994; 2001; 2003) e Sofiati (2011), demonstram a presença notável da religiosidade no contexto atual. O que indica que a religiosidade, em geral, e a da juventude, em particular, embora estejam assumindo contornos e comportamentos diferentes, seguem vivas e com potencial reprodutivo.

Essas novas características, fruto também do tempo religioso em que o jovem está inserido, se traduzem numa diversidade maior de bens religiosos (pluralidade) e no direito encorajado do público jovem em flertar com todas essas ofertas e escolher a que mais lhe convém a partir de sua experiência e necessidades pessoais (subjetivismo). Os desdobramentos desse quadro são óbvios. Há uma busca maior por parte dos jovens de uma experiência efêmera – do aqui e do agora – que lhe satisfaça as necessidades imediatas, não visando, necessariamente, a um compromisso ou a um vínculo religioso. No entanto, conforme se demonstrou no primeiro capítulo desta pesquisa, há um outro grupo de jovens que reage a essa tendência sociocultural assumindo uma postura mais conservadora ou até, pode-se dizer, fundamentalista no intuito de preservar uma certa segurança de identidade e de sentido num contexto fragmentado.

Ainda no primeiro capítulo, o balanço realizado nos estudos de “juventude e religião” apontou para alguns conceitos demarcadores da religiosidade da juventude brasileira tais como: o sincretismo, os marcos geracionais e o hibridismo cultural, no caso de Novaes (1994; 2001; 2003); e pluralismo e “reencantamento” da sociedade, no caso de Sofiati (2011). Esses conceitos são apenas indicadores de tendências que envolvem o comportamento da juventude atual, segundo esses pesquisadores.

O que talvez falte neles como estudiosos respeitados do assunto no Brasil, e que é demonstrado por outras linhas de pesquisa, é sinalizar alguns marcos característicos que possam ajudar na explicação do comportamento reativo de alguns agrupamentos de jovens que buscam uma religião mais conservadora, com crenças mais definidas e com vínculos institucionais fortes, contrariando a tendência geral da juventude. Esses agrupamentos puderam ser notados,

por exemplo, nos indicadores de aumento da juventude contida nos movimentos protestantes de missão como os batistas e os adventistas, indicados nos gráficos 24 e 26 desta pesquisa.

O segundo capítulo deste trabalho se concentrou na intersecção entre juventude e adventismo levantando um panorama histórico do movimento adventista em suas atividades voltadas para os jovens indicando sua filosofia de ministério e principais objetivos. Ainda neste capítulo foi feito um levantamento dos dados dos últimos Censos do IBGE (1991, 2000 e 2010) comparando o quadro numérico e algumas das características que compõem o perfil da juventude adventista em relação à juventude brasileira em geral.

Alguns elementos importantes da pesquisa ficaram claros neste capítulo. O primeiro deles tem que ver com a percepção da IASD acerca da identidade e do propósito do jovem adventista que está intimamente ligada a missão do movimento como um todo que é o de proclamar para todas as pessoas “a mensagem do terceiro anjo”, mensagem esta que tem a ver com uma advertência em relação ao iminente retorno de Jesus no momento histórico em que vivemos.

Esse discurso de advertência e iminência do fim adotado pela IASD e traduzido em sua ideologia direcionada aos jovens aponta para um caráter “profético” ou até mesmo “messiânico” na forma como o movimento vê a si mesmo. Esse tipo de abordagem enquadra-se dentro de um contexto mais amplo no qual a maioria dos movimentos protestantes históricos também detém um sistema de crenças que apela primariamente para a compreensão e assimilação cognitiva da “verdade” bíblica que precisa ser transmitida para outras pessoas a fim de que sejam salvas.

Após essa investigação de cunho mais qualitativo acerca do ministério da IASD voltado para os jovens, o segundo capítulo desta pesquisa se preocupou em trazer para a reflexão alguns dados de natureza quantitativa levantando os números proporcionados pelos últimos Censos do IBGE (1991, 2000 e 2010) comparando a realidade da juventude adventista brasileira e suas especificidades (local de residência, gênero, perfil socioeconômico, escolaridade, contexto religioso) com a realidade da juventude no Brasil.

Uma das surpresas que tivemos nesta seção da pesquisa foi em relação ao aumento expressivo no número de jovens adventistas na virada do século no Brasil, especialmente entre os anos de 1991 e 2000. No caso de 2000 a 2010 o aumento também ocorreu, mas em menor escala. Essa informação quando contrastada com o perfil da religiosidade entre os jovens brasileiros, apontada no primeiro capítulo, nos desperta algumas interrogações e possibilidades.

Em primeiro lugar, se a relação dos jovens brasileiros com a religião está cada vez mais marcada pela pluralidade e subjetividade, como explicar a adesão de uma parcela significativa

de jovens a um movimento religioso – neste caso o adventista – cujas bases se opõem ao pluralismo, pois o discurso do movimento se apega a verdades únicas que devem ser abraçadas pelos seus fiéis e ao vínculo institucional que não pode ser quebrado<sup>122</sup>, e a subjetividade, uma vez que o movimento adventista tem forte caráter institucional com parâmetros de conduta estabelecidos pela organização?

Essa aparente ironia mencionada acima seria explicada pela busca por novas experimentações que levam os jovens a aderirem a outras denominações, inclusive a adventista? Esta poderia ser uma opção. No Sudeste brasileiro, por exemplo, houve queda no número dos jovens adventistas no período analisado. O que poderia ser justificado também pelo contexto de maior mobilidade religiosa em regiões mais urbanizadas (RIVERA, 2016, p. 23-25). No entanto, esta justificativa serviria para ambos os casos, tanto para o aumento como para a queda no número de adesões, implicando na necessidade de uma investigação de campo mais apurada.

O que se poderia resgatar também diante dos números de aumento geral da JBA é a hipótese, já ventilada nesta pesquisa e apoiada por alguns pesquisadores (REEVES, 2010; FINKE, STARK, 2005; HASKELL, FLATT e BURGOYNE, 2016), de que os discursos teológicos conservadores que propõem uma conduta mais rigorosa e um sistema de crenças que apela para “verdades absolutas”<sup>123</sup> reveladas por Deus através de um livro sagrado, tem despertado interesse de um grupo cada vez maior de pessoas na atualidade, especialmente na América do Norte. Estaria, portanto, esse aumento aliado a alguma espécie de reação fundamentalista ao espírito instável e fragmentado da sociedade pós-moderna?

É bem verdade que essas conclusões são possibilidades que precisariam de uma investigação mais específica e de campo para que se pudesse, de alguma forma, apontar algumas das motivações dessa adesão ou fidelização de jovens ao movimento adventista nessas últimas décadas. Vale lembrar que o contrário também é verdadeiro e necessário. Encorajar pesquisas que auxiliem no diagnóstico das razões da diminuição no crescimento de jovens na denominação adventista e, principalmente, levantar os números de evasão dos jovens adventistas. Esses dados forneceriam um quadro mais real da eficácia ou não do ministério da IASD para jovens.

<sup>122</sup> A IASD adota em suas práticas eclesiais uma série de instruções e acompanhamento de seus fiéis para que eles não sejam “tentados” a abandonar o vínculo com a organização. Vale mencionar aqui também que, do ponto de vista teológico, o adventismo incorpora uma visão de pureza doutrinária em sua autoclassificação e de inverdades doutrinárias em relação a outras denominações religiosas (RODRIGUEZ, 2011).

<sup>123</sup> Esse apelo ao aspecto cognitivo da descoberta das “verdades bíblicas” sustentado pelo adventismo está em contraste com a proposta mais sensorial e emotiva dos pentecostais. O que levantaria também a hipótese talvez explicaria o porquê dos movimentos pentecostais crescerem em maior quantidade nas periferias onde há pessoas com menor instrução formal e entre os adventistas se encontrar uma triplicação de jovens com ensino superior completo entre 2000 e 2010.

Por fim, o último capítulo da pesquisa analisou os conteúdos destinados aos jovens adventistas na seção “Espaço Jovem” da *Revista Adventista* entre os anos de 1993 e 2014, período de maior estabilidade desta seção. Procurou-se levantar quais os assuntos mais recorrentes, aqueles que quase não são explorados e a relação dos mesmos com a condição religiosa e social da juventude brasileira na virada do século conforme indicadas nos dois primeiros capítulos da pesquisa.

O que se percebeu, em primeiro lugar, foi que os temas em que a IASD mais investe suas publicações para jovens são temas ligados a “espiritualidade” e “engajamento missionário”. Esse resultado não é de se surpreender quando se conecta o mesmo ao levantamento que é feito no segundo capítulo deste trabalho em relação aos objetivos do ministério jovem da IASD. Essa ênfase da organização em reproduzir para seus jovens temas que os incentivem às disciplinas espirituais e ao envolvimento em missões de evangelização em contextos nativos ou alternativos está alinhada ao desenvolvimento histórico do ministério jovem.

Até mesmo as poucas pautas dos artigos analisados que tocam em assuntos de cunho social e econômico que estão ocorrendo no Brasil nas décadas estudadas não tem a intenção de se discutir mais a fundo o papel do jovem nesse contexto social, político ou econômico, mas sim convergir todo esse cenário para seu papel enquanto sujeito religioso dentro do universo simbólico articulado pela igreja. Essa constatação pode aparentar um incentivo a alienação do jovem adventista em relação a outros temas, mas essa hipótese pode ser atenuada por duas razões.

Primeiro porque existem outras publicações direcionadas aos jovens adventistas que cumprem essa função de abrir um diálogo sobre outros tópicos que não são feitos na *Revista Adventista*. E, em segundo lugar, porque os temas mais explorados do “Espaço Jovem” estão alinhados com a agenda editorial da RA que é de trabalhar assuntos ligados ao pensamento oficial da IASD. Portanto, o que mais interessa a instituição é comunicar aos jovens, por meio deste veículo, a importância e as razões de suas crenças e de seu exercício espiritual por meio do seu estilo de vida.

Outro aspecto notado a partir dos conteúdos analisados da RA está na ênfase da IASD em compartilhar, nesta seção, depoimentos de jovens que passaram por algo que a própria instituição identifica como sendo uma “conversão religiosa”. Na maioria dos relatos, de maneira direta ou indireta, os jovens contam que saíram de suas denominações religiosas e encontraram na IASD uma “compreensão ou conhecimento da Palavra de Deus” que até então

não possuíam. Esse quadro é interessante, pois se harmoniza e colabora na sedimentação de um contexto religioso brasileiro propenso ao trânsito e a mobilidade entre as denominações.

Além disso, esse cenário também pode se encaixar na realidade constatada a partir dos dados de variação religiosa no IBGE das últimas décadas, uma vez que o declínio de algumas religiões não significa, necessariamente, que seus adeptos tenham desistido da experiência religiosa, senão que tenham migrado para alguma outra denominação em busca de algo diferente. O que não se pôde precisar a partir dos dados levantados aqui, mas que pode provocar futuras investigações, é quais são os precedentes religiosos desses jovens que migram para o adventismo. Catolicismo? Movimentos evangélicos de missão ou pentecostal? Outros movimentos religiosos? Teria um desses precedentes religiosos predominância em relação aos outros entre os jovens adventistas brasileiros? Investigar essas origens poderia gerar algumas reflexões interessantes acerca de tendências no trânsito religioso interno ao cristianismo brasileiro.

Verificou-se também que, quando os editores da RA permitem a interação dos jovens com o EJ, as perguntas estão mais ligadas aos assuntos de cunho “relacional” e “existencial”. Isso demonstra que a doutrina para eles é mais importante na medida em que ela se traduz em uma (re)orientação de conduta. Esse espaço, portanto, acaba funcionando também como um espaço de regulação moral e ética onde a IASD aproveita para oferecer as diretrizes comportamentais que irão compor sua tentativa de manter os jovens adventistas com “usos e costumes” distintos dos demais jovens.

Outra reflexão interessante a se fazer nesta conclusão acerca desse espaço de interação dos jovens é que eles também aproveitam para questionar alguns desses “usos e costumes” apontando algumas mudanças culturais da contemporaneidade e contrastando exemplos de lugares em que essas condutas ocorrem de uma forma e, em outros lugares, de outra forma. Essa leitura por parte dos jovens, dentro do contexto mais amplo desta pesquisa, parece indicar pelo menos duas coisas: (1) a tentativa do jovem adventista, inserido num contexto de subjetividade, de negociar algumas das condutas “determinadas” pela organização mediante a comparação com outros contextos semelhantes e (2) o acesso mais globalizado do jovem adventista inserido numa virada de século que trouxe avanços comunicacionais e que possibilitou o contato desse jovem com realidades diferentes de outros lugares.

Ainda dentro dessa seção de interação dos jovens também se identificaram algumas perguntas acerca de procedimentos institucionais. O que pode evidenciar entre os jovens uma desconfiança maior em relação a instituição implicando na exigência de maiores explicações e transparência e também numa readequação da própria instituição na forma de lidar com seus

adeptos. No caso da instituição adventista, tentando preservar sua memória religiosa ou corpo doutrinário entre os membros, mas abrindo vias de diálogo onde o membro possa manifestar suas dúvidas e opiniões para que essa fidelização ocorra de forma mais consciente e consistente.

Finalmente, conclui-se que a despeito do contexto contemporâneo marcado pela pluralidade, mobilidade e subjetividade religiosas, o discurso institucional da IASD endereçado ao seu público jovem demonstra uma preocupação maior com a manutenção da espiritualidade, transmissão da identidade doutrinária e preservação da conduta religiosa entre os jovens.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. **Condição juvenil no Brasil contemporâneo**. In: ABRAMO; BRANCO, (org), São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

\_\_\_\_\_. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, M. V (Org). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

\_\_\_\_\_. **Cenas juvenis**. São Paulo: Página Aberta Ltda, 1994.

ALLEN, M. **Salvação e Serviço: o desafio do ministério jovem**. São Paulo: Editora Sobre Tudo, 2012.

AMARAL, L. **Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ANDRADE, F. M. **Identidade e Religião: uma análise da construção da identidade religiosa juvenil**. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Pernambuco, 2008. Disponível em <https://bit.ly/2HZ6Odn>. Acesso em: 18 out. 2018.

BARRO, J. H. **Guia Prático de Missão Integral**. Londrina: Descoberta, 2013.

BARBOSA, J. M. Filosofia do ministério jovem. In: **Manual Jovem**. Brasília, DF: Editora Sobre Tudo Ltda, 2012.

BAUDRILLARD, J. **Para uma crítica da Economia Política do signo**. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

BENEDETTI, L. R. Religião, educação e diversidade cultural: conflitos e possibilidades. **Revista de Educação AEC**, n. 138, ano 35 janeiro/março de 2006.

BENEDICTO, M. **O espaço real dos jovens**. Revista Adventista, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2001.

BERGER, P. L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985.

\_\_\_\_\_. A dessecularização do mundo: uma visão global. In: **Religião e Sociedade**, 21 abr. Rio de Janeiro: ISER, 2001.

\_\_\_\_\_.; LUCKMANN, T. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BECK, U. **Risk Society: towards a new modernity**. 1.a ed., Londres: SAGE Publications, 1992.

BLANC, M. V; FARIAS, C. L. **Juventude, religiosidade e o “tempo livre”**: formas de sociabilidades efetivadas por jovens universitários. Artigo publicado em 2006. Disponível em <http://periodicos.ufes.br/SNPGCS/article/view/1559>. Acesso em: 22 out. 2018.

BORGES, M; BENEDICTO, M. **Um século de história**. Revista Adventista. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, janeiro de 2006.

BRANDÃO, C. R. O mapa dos crentes. In: BRANDÃO C. R.; RODRIGUES, C.; PESSOA, J. **Os rostos do deus do outro**: mapas, fronteiras, identidades e olhares sobre a religião no Brasil. São Paulo: Loyola, 2005.

CACCIA-BAVA, A. **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras, 2004.

CAMPOS, L. S. Protestantismo brasileiro e mudança social. In: SOUZA, MARTINO, B. M. (Orgs). **Sociologia da Religião e Mudança Social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2004.

CAMURÇA, M; TAVARES, R. G. **Juventudes e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica**. Texto apresentado no "Fórum Juventudes, Cultura e Espaço Urbano: Religião e Política" na XXIV Reunião Brasileira de Antropologia, 2004. Disponível em <https://bit.ly/2HErSGS>. Acesso em: 20 set. 2018.

\_\_\_\_\_. O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações, tendências e perplexidades. In: TEIXEIRA F.; MENEZES R (Orgs). **Religiões em Movimento: o Censo de 2010**. Vozes: Petrópolis, 2013, p. 63-87.

\_\_\_\_\_. Os “Sem Religião” no Brasil: juventude, periferia, indiferentismo religioso e trânsito entre religiões institucionalizadas. **Estudos de religião**, v. 31, n. 3, 55-77, set-dez de 2017. Disponível em <https://bit.ly/2HCOGXA>. Acesso em: 19 mai. 2019.

CAMPITELLI, C. (Org). **Manual do Ministério Jovem Adventista**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

CANCLINI. N. G. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

CARNEVALLI, M. A. **Indispensável é o leitor**: o novo papel das revistas semanais de informação no Brasil. Tese de doutorado. ECA/USP. São Paulo, 2003.

CARRANZA, B.; MARIZ, C. L. Novas comunidades católicas: por que crescem? In: CARRANZA, B. et all (Orgs.) **Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno**. Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2009.

CARDOSO, R.; SAMPAIO, H. **Bibliografia sobre a juventude**. São Paulo: EDUSP, 1995.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERIS. **Mobilidade religiosa no Brasil, 2004**. Disponível em: [www.ceris.org/pesquisa mobilidade religiosa 2004](http://www.ceris.org/pesquisa/mobilidade%20religiosa%202004). Acesso em: 04 nov. 2018.

COELHO, R.; JORGE, M. **O fundamentalismo religioso e suas vicissitudes éticas e políticas**. Trivium: Estudos Interdisciplinares, Ano X, Ed.1, 2018.

DAVIE, G., **Europe the exceptional case: parameters of faith in the modern world**. Londres: Darton, Longman & Todd, 2002.

\_\_\_\_\_. **Religion in Britain Since 1945: believing without belonging**. 1.a ed., Oxford: Wiley-Blackwell, 1994.

DAVIS, M. **Planeta Favela**. São Paulo: Boitempo, 2006.

**DECLARAÇÕES** da igreja: aborto, assédio sexual, homossexualismo, clonagem, ecumenismo e outros temas atuais. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

DILLON, M. **Handbook of the Sociology of Religion**. Cambridge University Press, 2003.

DOUGLASS, H. **A mensageira do Senhor: o ministério profético de Ellen White**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

DORNELES, V. **Cristãos em Busca do Êxtase: Adoração e Espiritualidade no Cenário Atual**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

FERREIRA, B; et al. O crescimento do reino: desafios demográficos para o adventismo brasileiro. In: FOLLIS, R; NOVAES, A; DIAS, M [orgs]. **Sociologia e Adventismo: desafios brasileiros para a missão**. 2. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2017.

FERREIRA, B; PEREIRA, L. Questões metodológicas sobre o adventismo no Censo de 2010. In: FOLLIS, R; NOVAES, A; DIAS, M [orgs]. **Sociologia e Adventismo: desafios brasileiros para a missão**. 2. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2017.

FINKE, R.; STARK, R. **The churching of America, 1776-2005: winners and losers in our religious economy**. Rutgers University Press, 2005.

FOLLIS, R. **Memória, mídia e transmissão religiosa: estudo da Revista Adventista (1906-2010)**. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Escola de comunicação, Educação e Humanidades Programa de Pós em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2017. Disponível em <https://bit.ly/2JIIJfk>. Acesso em: 10 mar. 2019.

FONSECA, A. Muito Além do Sábado: O Pionerismo Adventista na Mídia Eletrônica Religiosa. **Revista de Estudos da Religião**. REVER. Setembro, ano 8, 2008.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Estúdio Nobel, 1995.

FERNANDES, S. Trajetórias religiosas de jovens “sem religião”. **Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares**. Ano 20, n.2. Rio de Janeiro: UERJ, NAPE, 2018. Disponível em <https://bit.ly/2VRRRP9>. Acesso em: 15 nov. 2018.

FUCKNER, I. A Igreja Adventista do Sétimo Dia entre a modernidade e a pós-modernidade. **Mosaico**, v.5, n.2, p. 159-169, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2X9EBH9>. Acesso em: 10 mai. 2019.

FURTADO, K. **Representações escatológico-sabático-dietéticas de jovens da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Ponta Grossa, 2014. Dissertação. 367p. Mestrado em Sociedade, Direito e Cidadania, Universidade Federal de Ponta Grossa. Disponível em: <https://bit.ly/2MU19xp>. Acesso em: 10 mai. 2019.

GIOVANETTI, J. P. A religião como força organizadora da subjetividade na contemporaneidade. In: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Orgs). **Religiões em Movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GROPPO, L. A. **Juventude: Ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

\_\_\_\_\_. **Juventudes: sociologia, cultura e movimentos**. Universidade Federal de Alfenas, MG, 2016.

\_\_\_\_\_. **Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis**. Revista Em Tese, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan./jul., 2015. Disponível em <https://bit.ly/2EKjeHy>. Acesso em: 02 out. 2018.

GRENZ, S. J. **Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia de nosso tempo**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

GUARDA, M. **As congêneres da Revista Adventista**. Revista Adventista. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, janeiro de 2006.

HASKELL, D. M.; FLATT, K. N.; BURGOYNE, S. **Theology Matters: Comparing the Traits of Growing and Declining Mainline Protestant Church Attendees and Clergy**, 2016. Disponível em <https://bit.ly/2wmNrFx>. Acesso em: 10 mar. 2019.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HERVIEU-LÉGER, D. Secularization and religious modernity in Western Europe. In: SHUPE, Anson D.; MISZTAL, Bronislaw (eds.), **Religion, Mobilization, and Social Action**. Westport: Greenwood Publishing Group, 1998.

JUNQUEIRA, S. **O desenvolvimento da experiência religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1995.

KIMBALL, D. **Eles gostam de Jesus, mas não da igreja**: insights das gerações emergentes sobre a igreja. São Paulo: Editora Vida, 2011.

KUHN, W. Educação missiológica e missão global: perspectivas teológicas e metodológicas para a Igreja Adventista. In: BRASIL, E. **Teologia e metodologia da missão**: palestras teológicas apresentadas no VIII simpósio bíblico-teológico sul americano: CePLiB, 2011.

LARONDELLE, H. K. O Remanescente e as Três Mensagens Angélicas. In: DEDEREN R. (ed). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: SP, Casa Publicadora Brasileira, 2011.

LEMONS, F. **Comunicação é ênfase estratégica de adventistas para os próximos cinco anos**. 3 de novembro de 2015. Disponível em <https://bit.ly/2K8GEYa>. Acesso em: 10 abr. 2019.

LIBANIO, J. B. **Jovens em tempos de pós-modernidade**: considerações socioculturais e pastorais. São Paulo: Loyola, 2004.

LIMA, W. Identidade em questão: uma análise do comportamento editorial da revista Diálogo Universitário em tempos de pós-modernidade. **Revista Kerygma**, Ano 4, n. 1, 1º semestre de 2008. Disponível em <https://bit.ly/2W6HXOs>. Acesso em: 10 fev. 2019.

LUCKMANN, T. **La religión invisible**: el problema de la religión en la sociedad moderna. Trad. de Miguel Bermejo. Salamanca: Sigueme, 1973.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MANNHEIM, K. **Diagnóstico de nosso tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

**MANUAL** da igreja Adventista do Sétimo Dia. Tatuí: SP, Casa Publicadora Brasileira, 2011.

MATTOS, A. R. **Uma História da UNE (1945-1964)**. São Paulo: Pontes, 2014.

MARIZ, C. L. **Secularização e dessecularização**: comentários a um texto de Peter Berger. *Religião e Sociedade*, 21, abril, Rio de Janeiro: ISER, 2001.

\_\_\_\_\_. Catolicismo no Brasil contemporâneo: reavivamento e diversidade. In: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Orgs). **As religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. Vozes: Petrópolis, 2011.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: FAVERO, O.; SPÓSITO, M.; CARRANO, P.; NOVAES, R. (Orgs). **Juventude e contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007.

NEGRÃO, L. N. Nem “Jardim Encantado”, nem “clube dos intelectuais desencantados”. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, out, vol 20, n. 59, 2005.

NOVAES, R. Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política. In ABRAMO, H. W. et. all (Org.). **Juventude em debate**. São Paulo: Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, H; BRANCO, P. (Orgs). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo, 2005.

\_\_\_\_\_. Juventude, religião e espaço público: exemplos “bons para pensar” tempos e sinais. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 32 (1), pp. 184-208, 2012.

\_\_\_\_\_. Juventude e Religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas. In: SANCHIS, P. (Org). **Fiéis e cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil**. Rio de Janeiro: EduerJ, 2001.

\_\_\_\_\_. Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo. In: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Orgs). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. Religião e Política: sincretismos entre alunos de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: **Comunicações do ISER**, n. 45, ano 13, 1994. Disponível em <http://www.iser.org.br/site/>. Acesso em: 20 fev. 2019.

\_\_\_\_\_. Errantes do novo milênio: salmos e versículos bíblicos no espaço público. In: BIRMAN, P. **Religião e espaço público**. São Paulo: Attar, 2003.

\_\_\_\_\_. **Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos**. Comunicações do SER, n 57, 2002.

\_\_\_\_\_. **Os jovens “sem religião”**: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. Estudos Avançados, 2004. Disponível em <https://bit.ly/2JJ6bYO>. Acesso em: 01 mar. 2019.

NOVAES A. **Inventário bibliográfico das pesquisas sobre a juventude adventista: elementos para um estado da arte**. Ateo. Rio de Janeiro, v 23, n 61, jan/abr 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2wnDbgj>. Acesso em: 10 mai. 2019.

\_\_\_\_\_; FOLLIS, R. (Orgs.). **O adventismo na academia brasileira: um panorama do estado da arte**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2016.

NUNES, B. F. **Consumo e identidade no meio juvenil: considerações a partir de uma área popular do Distrito Federal**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 22, n. 3, 2007.

**Nisto Cremos** [livro eletrônico]: as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2017. Disponível em <https://bit.ly/2JJeDrg>. Acesso em: 15 jan. 2019.

PAINS, C. **Pesquisa revela que 44% dos brasileiros seguem mais de uma religião**. Jornal O Globo, publicado em 07 de junho de 2017. Disponível em <https://glo.bo/2shJJwJ>. Acesso em: 02 nov. 2018.

PINHEIRO, P. “Nossas revistas abrindo caminhos”. In: **Revista Adventista**, julho de 1990, pp. 37-38. Tatuí, SP: CPB, 1990.

PARSONS, T. A classe como sistema social. In: BRITTO, S (Org.). **Sociologia da juventude**. vol. III. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

PÁTARO, C.; FONTANELLA, A.; MEZZOMO, F. **Interdisciplinaridade na pesquisa sobre juventude e religião**. São Paulo, n. 13, pp. 01-114, out. 2018. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>. Acesso em 15 de maio de 2019.

PEREIRA, L; et al. O Desenvolvimento do Reino: desafios socioeconômicos para o adventismo brasileiro. In: FOLLIS, R; NOVAES, A; DIAS, M [orgs]. **Sociologia e Adventismo: desafios brasileiros para a missão**. 2. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2017.

PIERUCCI, A. F. **O desencantamento do mundo**: todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: Editora 34, 2003.

\_\_\_\_\_. Reencantamento e dessecularização. A propósito do auto- engano em sociologia da religião. In: **Novos Estudos Cebrap**, n. 49, nov., 1997.

PRANDI, R. **Um sopro do espírito**: a renovação conservadora do catolicismo carismático. São Paulo: EDUSP, 1998.

REEVESe, T. C. **The empty church**: does organized religion matter anymore? New York, NY: Touchstone, 1996.

REID, G. W. Saúde e Cura. In: DEDEREN Raoul (ed). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: SP, Casa Publicadora Brasileira, 2011.

RIBEIRO, A. C.; BATISTA, A. de J. **A influência da mídia na criança pré-adolescente e a educomunicação como mediadora desse contato**. Alcar –Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia. I Encontro de História da Mídia da Região Norte Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010. Disponível em <https://bit.ly/1MqrEPI>. Acesso em: 20 nov. 2018.

RIBEIRO, L. M. P. **O protestantismo brasileiro: objeto em estudo.** Revista USP, n.73, p. 117-129, mar./mai. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/2Qvl8xV>. Acesso em: 10 mai. 2019.

RIVERA, P. B. **Os “sem religião” na periferia urbana da América Latina.** Estudos de religião, v. 31, n. 3, 91-110, set-dez de 2017. Disponível em <https://bit.ly/2JI2QZY>. Acesso em: 19 mai. 2019.

\_\_\_\_\_. Diversidade evangélica e periferia urbana na América Latina. In: RIVERA, P. B. (Org). **Diversidade religiosa e laicidade no mundo urbano latino-americano.** 1 ed. v 1, p. 11-30. Curitiba: CRV, 2016

ROOF, W. C. **Spiritual Marketplace: Baby Boomers and the Remaking of American Religion.** Princeton: Princeton University Press, 2001.

RODRIGUEZ, A. Religiões mundiais e salvação: ponto de vista adventista. In: BRASIL, E. **Teologia e metodologia da missão: palestras teológicas apresentadas no VIII simpósio bíblico-teológico sul americano: CePLiB,** 2011.

SAVAGE, J. **A criação da juventude: como o conceito de *teenage* revolucionou o século XX.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SILVA, T. T. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

SOFIATI, F. M. **A juventude no Brasil: história e organização.** Artigo disponível em: <https://bit.ly/2JKGPto>. Ano 2008. Acesso em: 21 out. 2018.

\_\_\_\_\_. **Religião e Juventude: os novos carismáticos.** Aparecida: SP, Ideias & Letras; São Paulo, Fapesp, 2011.

SOUSA, J. T. P. **Reinvenções da utopia: a militância política de jovens dos anos 90.** São Paulo: Hacker, 1999.

STEIL, C.; ALVES, D.; HERRERA, S. **Religião e política entre os alunos de Ciências Sociais: a definição de um perfil.** Debates do NER, Porto Alegre, ano 2, n. 2, p. 9-35, agosto de 2001. Disponível em <https://bit.ly/2YSNZ2d>. Acesso em: 02 mar. 2019.

SCHEFFEL, R. **A importância da imprensa.** Revista Adventista. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, janeiro de 2006.

TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Orgs). **Religiões em Movimento: o Censo de 2010.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

TIMM, A. **O sábado na Bíblia: por que Deus faz questão de um dia.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

TIMM, M. Serviço voluntário adventista: motivando e treinando futuras gerações de missionários. In: BRASIL, E. **Teologia e metodologia da missão**: palestras teológicas apresentadas no VIII simpósio bíblico-teológico sul americano: CePLiB, 2011.

URIARTE L. **La “no-religiión” y su vivencia**. Estudos de religião, v. 31, n. 3, 207-231, setembro de 2017. Disponível em <https://bit.ly/2HXZgaJ>. Acesso em: 19 mai. 2019.

ZUCOWSKI, U. **Como semente de mostarda**: a história do ministério jovem. In: **Manual Jovem**. Brasília, DF: Editora Sobre Tudo Ltda, 2012.

VALLADA, K. P. **Revistas**: um produto objeto e instrumento de marketing. Tese de doutorado. São Paulo: ECA/USP, 1989.

VELHO, O. **O que a Religião pode fazer pelas Ciências Sociais?** Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 19 (1), 1998.

VYHMEISTER, N. J. Quem são os Adventistas do Sétimo Dia. In: DEDEREN R. (ed). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: SP, Casa Publicadora Brasileira, 2011.

WHITE, E. **A ciência do bom viver**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

\_\_\_\_\_. **O ministério para as cidades**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

WHITNEY, D. **Disciplinas espirituais para a vida cristã**. São Paulo: Batista Regular, 2014.